

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Rafael Signato de Melo

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA
CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19 (2020 / 2021)

UBERABA

2024

Rafael Signato de Melo

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA
CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A
PANDEMIA DE COVID-19 (2020 / 2021)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski.

Uberaba
2024

**Catálogo na fonte: Biblioteca da Universidade Federal do
Triângulo Mineiro**

M486p Melo, Rafael Signato de
Percepções de professores acerca do ensino da escrita na cultura digital em aulas de língua portuguesa durante a pandemia de COVID-19 (2020 / 2021) / Rafael Signato de Melo. -- 2024.
104 f. : il., tab.

Dissertação (Mestrado em Educação) -- Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2024
Orientador: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski

1. Professores - Formação. 2. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 3. Escrita - Estudo e ensino. 4. Letramento digital. 5. Ensino à distância. I. Karwoski, Acir Mário. II. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. III. Título.

CDU 371.13

RAFAEL SIGNATO DE MELO

PERCEPÇÕES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (2020 / 2021)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração “Educação” (Linha de Pesquisa: Fundamentos e Práticas Educativas) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Uberaba, 29 de fevereiro de 2024

Banca Examinadora:

Dr. Acir Mário Karwoski – Orientador
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr. Carlos Alberto Póvoa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Dr. Messias Holanda Dieb
Universidade Federal do Ceará



Documento assinado eletronicamente por **Messias Holanda Dieb, Usuário Externo**, em 29/02/2024, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).

Documento assinado eletronicamente por **ACIR MARIO KARWOSKI, Professor do Magistério**



Superior, em 29/02/2024, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).



Documento assinado eletronicamente por **CARLOS ALBERTO POVOA, Professor do Magistério Superior**, em 29/02/2024, às 16:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) e no art. 34 da [Portaria Reitoria/UFTM nº 165, de 16 de junho de 2023](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufm.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1187273** e o código CRC **EDA94863**.

AGRADECER É PRECISO...

Ingressar no programa de Mestrado é construir conhecimento e ao mesmo tempo alimentar nossos sonhos, pois a cada subida de degrau desta escadaria que nos vem a frente alimentamos um desejo, vencemos um medo e adquirimos aprendizado e o mais importante trocamos experiências.

Na jornada que se inicia no ato de inscrição, ali já nutrimos sonhos que vão nos mover até o acreditar, mas ao mesmo tempo vem a dúvida.... Será que vou conseguir? Será que sou capaz? E muitas perguntas vem à mente, mas mesmo com esta dúvida, existe uma luz que fica acesa em nosso peito, a luz da esperança e do acreditar.

Acreditar que é possível e a partir daí trilhar este caminho que adquirimos no cursar das disciplinas, nos trabalhos desenvolvidos, nas leituras feitas e em todo o percurso que muitas vezes é árduo, cansativo, mas recompensante.

Foi neste idealizar, experienciar e acreditar que surgiu cada texto que se transformou neste ~~lindo~~ trabalho e em cada linha escrita procurei deixar minha essência e toda a minha experiência enquanto professor ao longo de quatorze anos de sala de aula. Agradeço a mim por não ter desistido, pois foram muitos empecilhos, contudo a vontade de fazer suprimiu os obstáculos.

Agradeço a minha mãe Vânia, mulher guerreira, professora que sempre me incentivou e demonstrou a importância do estudo, da construção do conhecimento em nossas vidas, pois foi acompanhando-a na sua jornada docente pelas estradas das fazendas que ela percorria para chegar na escola que eu fui vendo o quão aprender era mágico, sempre mudando os lugares, deixando marcas e encantamentos.

Em todo este percurso foram muitas dores, decepções e medo de não conseguir, mas a cada passo dado e desafio vencido, a luz no fim do túnel ficava mais visível e o sonho de ser Mestre parecia estar mais perto.

Foram dias difíceis que me fizeram repensar o porquê de depois quatorze anos de docência se embrenhar nesta loucura. Loucura sim, logo administrar as três escolas e aulas não foi fácil, mas também não foi impossível. Todavia, quando você estabelece uma meta as dificuldades vão se tornando forças para a construção do processo.

Romantizar este processo não o faz menos desgastante, contudo, é a forma que temos de torná-lo mais proveitoso, porque tem dias que a vontade de desistir vem, mas pensamos em

tudo que foi passado até chegarmos aqui e vemos que a cada choro, angústia e desespero valeu à pena.

Não posso deixar de agradecer aqui também minha amiga Natália, amante da educação como eu que desde o início do processo estive junto comigo auxiliando-me, dando dicas e me estimulando e mostrando-me que eu era capaz. Deixo aqui minha eterna gratidão a ti, Natália.

Agradeço também aos meus alunos pela paciência que tiveram comigo, pois sei que me aturar nestes dois anos não foi fácil, mas estavam ali juntos e fizeram com que eu pudesse desvincular um pouco do peso que era a jornada, por isso a cada troca durante as aulas eu percebia que estava no caminho certo.

A minha querida escola onde trabalho, quero deixar aqui registrado o meu muito obrigado pela parceria, pela ajuda na flexibilização dos horários, pois sem esse auxílio talvez eu não teria chegado até o fim.

Aos meus colegas de turma que dividiram comigo seus anseios, angústias e medos, assim juntos estávamos ali na busca do aprendizado, foram parceiros excepcionais.

A cada professor que estive comigo neste caminho quero deixar minha eterna admiração, respeito e obrigado por tantos ensinamentos, dicas, palavras de acalanto. Vocês foram mestres sensacionais.

A jornada para ser Mestre foi uma das coisas mais loucas que fiz em toda a minha vida, contudo sou imensamente grato por tudo, pois um novo Rafael se fez ao longo de todo esse caminho, hoje sou um professor melhor, portanto PPGE gratidão pelos dois anos mais loucos da minha vida e por me proporcionarem esse repensar.

Ao meu querido orientador, Prof. Acir, agradeço por todos os ensinamentos, conversas, incentivos, sempre solícito e disposto a nos dar uma palavra amiga nos momentos de dificuldades auxiliando e mostrando o caminho a seguir.

A chegada até aqui para mim é a realização de um sonho. Sonho esse que por vezes ficou ali guardado esperando a hora certa, por isso esse trabalho é uma parcela de uma trajetória de um garoto que brincava de escolinha imaginando um dia ser professor, e hoje está aqui se tornando Mestre. É o sinal que tudo deu certo.

“A escrita é uma arte que permite o ser humano desenhar sua alma em forma de letras e alguns rabiscos.”

Pablo de Paula Bravin

Dedico este trabalho primeiramente a minha amada mãe Vânia por sempre me motivar a seguir em frente e não desistir, em segundo dedico a cada professor que se empenhou ao máximo neste momento tão desafiador que foi o ensino remoto fazendo com que o ensino e aprendizagem não parasse e pôr fim a instituição que me recebeu e possibilitou o estudo.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Habilidades propostas pelo eixo Linguagens e suas Tecnologias de acordo com a BNCC	33
QUADRO 2 Questionário feito aos professores participantes da pesquisa	40

LISTAS DE SIGLAS

ATD – Análise Textual Discursiva.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa.

EAD – Educação a distância.

EADCON – Sociedade de Educação Continuada.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

ERE – Ensino Remoto Emergencial.

PPGE – Programa de Pós-graduação em Educação.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TDIC – Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação.

UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 Evolução da escrita	29
---	----

RESUMO

O objetivo do presente estudo é explicitar um panorama de como se deu o ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa na percepção de professores, visando elencar como foi o lecionar no Sistema Remoto de Ensino Emergencial (ERE), modelo de ensino proposto no período pandêmico. A pesquisa propôs uma reflexão sobre como cada educador adaptou seu trabalho correlacionando as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a partir de seu contexto e realidade. A pesquisa se desenvolveu em uma escola pública estadual de ensino com foco na análise docente. Logo, as percepções aqui propostas foram construídas a partir das falas de professores durante a aplicação de uma entrevista semiestruturada, onde cada um deles pode apresentar seus olhares em relação a esse período da educação. Focando-se no ensino da escrita, o estudo indagou como se deu a atividade de produção escrita de textos no período pandêmico em ensino remoto para o desenvolvimento de atividades em sala de aula e como foi para cada professor inserir a tecnologia como ferramenta de ensino, já que ela foi um dos elementos de ligação entre aluno, educador e sala de aula. O estudo teve como referência teórica a Análise Textual Discursiva (ATD), na visão Galiazzi e Roque (2016) com o intuito de produzir compreensões para o *corpus* da pesquisa, bem como uma análise da BNCC (2017). Para enfatizar e sustentar a construção da prática da escrita no processo humano correlacionou-se as perspectivas trazidas por Chartier (2002), Fischer (2009), Vygotsky (1988), Ferreira (2008), Paz (1999) e Ramal (2002). No uso da tecnologia e a utilização da Cultura Digital e Letramentos como elementos metodológicos em prol da prática da escrita destacam-se as ideias de Kenski (2018), Buzato (2006), Castells (2003), Cope e Kalantzis (2000) e Paveau (2021). Com esse estudo objetivamos deixar uma reflexão do que foi propor a prática da escrita dentro do ensino remoto, assim demonstrar quais mecanismos, habilidades e maneiras o professor utilizou para que o contato com o escrever não fosse perdido, além de deixar registrado através dos dados obtidos as experiências de cada educador participante do estudo, a fim de construir para as futuras pesquisas que abrangem a área da linguagem um cenário narrativo de como foi a construção da linguagem no ERE, com o intuito constatar como foi para cada educador o ensino na pandemia atrelando o ato de escrever.

Palavras-chaves: Escrita. Língua Portuguesa. Professores. Ensino Remoto. Cultura Digital.

ABSTRACT

The objective of this study is to provide an overview of how writing was taught in Portuguese language classes from the perspective of teachers, aiming to list what teaching was like in the Remote Emergency Teaching System (ERE), a teaching model proposed during the pandemic period. The research proposed a reflection on how each educator adapted their work by correlating the skills proposed by the National Common Curricular Base (BNCC) based on their context and reality. The research was developed in a state public school with a focus on teaching analysis. Therefore, the perceptions proposed here were constructed based on the speeches of teachers during the application of a semi-structured interview, where each of them could present their views in relation to this period of education. Focusing on the teaching of writing, the study asked how the activity of writing texts was produced during the pandemic period in remote teaching for the development of activities in the classroom and what it was like for each teacher to insert technology as a teaching tool, as she was one of the connecting elements between student, educator, and classroom. The study had Discursive Textual Analysis (ATD) as its theoretical reference, in the view of Galiazzi and Roque (2016) with the aim of producing understandings for the research corpus, as well as an analysis of the BNCC (2017). To emphasize and support the construction of the practice of writing in the human process, the perspectives brought by Chartier (2002), Fischer (2009), Vigotski (1988), Ferreira (2008), Paz (1999) and Ramal (2002) were correlated. In the use of technology and the use of Digital Culture and Literacy as methodological elements in favor of the practice of writing, the ideas of Kenski (2018), Buzato (2006), Castells (2003), Cope and Kalantzis (2000) and Paveau stand out. (2021). With this study we aim to leave a reflection on what it was like to propose the practice of writing within remote teaching, thus demonstrating what mechanisms, skills and ways the teacher used so that contact with writing was not lost, in addition to recording through the data obtained the experiences of each educator participating in the study, in order to construct for future research covering the area of language a narrative scenario of how the construction of language was in the ERE, with the aim of verifying what teaching during the pandemic was like for each educator, linking the act of writing.

Keywords: Writing. Portuguese language. Teachers. Remote Teaching. Digital Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEMORIAL: MINHA HISTÓRIA E O PORQUÊ DE ESTAR AQUI	15
3 OBJETIVOS	26
3.1 GERAL	27
3.2 ESPECÍFICOS	27
4 A TEORIA QUE FUNDAMENTA	27
4.1 A ESCRITA ATRAVÉS DE SEU PERCURSO HISTÓRICO E SENSORIAL	29
4.2 O CONCEITO DE CULTURA DIGITAL E SUA VISÃO COMO COMPETÊNCIA PREVISTA PELA BNCC	31
5 DIALOGANDO COM A METODOLOGIA	37
5.1 LOCAL DA PESQUISA E POPULAÇÃO ESTUDADA: O LUGAR ONDE TUDO FOI POSSÍVEL	38
5.2 ENTRELACANDO OS DADOS	40
6 REFLEXÕES E DISCUSSÕES: CONSTRUINDO A PERCEPÇÃO ACERCA DA ESCRITA	52
6.1 O ENSINO DA ESCRITA	54
6.2 A ESCRITA E SEUS INÚMEROS LETRAMENTOS	56
6.3 O ANALISAR DA ESCRITA	59
6.4 O DIGITALIZAR DA ESCRITA	62
7 A ESCRITA QUE LIGA E INTERLIGA: PERCEPÇÕES...	64
8 O PORQUÊ DAS PERSPECTIVAS	68
9 INDAGAÇÕES QUE NOS CERCAM	77
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICES	96

1 INTRODUÇÃO

O ato de escrever permeia a humanidade desde seus primórdios deixando para as futuras gerações registros e memórias, portanto, estudar seu processo e progresso é essencial. Falar sobre a escrita não é uma tarefa fácil, pois o ato de escrever é uma tecnologia complexa e cheia de particularidades, signos, gestos e maneiras variadas de se fazer acontecer, e que com o advento da pandemia, distanciamento social e ensino remoto o contato com a escrita convencional, ou seja, papel e caneta foi ficando cada vez mais distante.

O formato da escrita começou a se transformar com o passar do tempo, e com a novas tecnologias voltadas para comunicação novos estilos de escrita foram surgindo e se reformulando, pois, o mundo está exigindo a cada dia uma agilidade de informações, e com a pandemia vimos o quão necessário foi a tecnologia, pois ela que possibilitou a interação do mundo em todos os espaços seja ele social, familiar e educacional.

Portanto, como nos afirma Costa (2013) é indiscutível a importância da escrita para a evolução das sociedades ao longo do tempo e para a construção da atualidade, sem deixarmos de invocar a história dos registros escritos, por isso é com a história que conseguimos mensurar o valor da escrita, e como sua marca fundamentou a historicidade da humanidade desde o início até o presente.

Compreender, estudar e analisar esta mobilidade que a escrita vem desenvolvendo é de suma necessidade. Assim, o ato de escrever pode ser de várias maneiras, e usando inúmeros recursos desde o tradicional lápis até um *emoji* que com sua simbologia transmite inúmeras mensagens provocando diversas interações que se propiciaram com a chegada da cultura digital escrita.

Com a digitalização da escrita o professor que antes era acostumado com o tradicional papel, lápis e livro se viu perdido em meio a tantas formas de escrever, ou seja, antes seu papel como professor de língua portuguesa era apresentar a escrita de forma tradicional, seguindo regras e métodos específicos, mas com o passar do tempo e o crescimento constante da era digital foi percebendo-se que a linguagem ficava cada dia mais interativa e tecnológica.

Novas maneiras de registro começaram a veicular, e a linguagem foi ficando cada vez mais interativa e digital, contudo, a forma de apresentar a escrita na escola por muito tempo permaneceu de forma tradicional, e o professor mesmo tendo consciência que a mudança estava por vir continuou a trabalhá-la com os recursos e técnicas de sempre, e assim protelando o espaço digital. Fazer a adequação do formato da escrita passou ser necessário, logo visto que o

livro ficou digital, a interação ficou digital e assim reestruturar a ação de escrever também se fez fundamental, com isso percebeu-se que a linguagem ficava cada vez mais viva.

Com a migração da sala de aula para o ambiente virtual o professor de língua portuguesa sentiu-se de certa forma desconfortável, pois o seu aluno já advinha do espaço digital; porém, o uso deste espaço era literalmente voltado para o lazer, e quase nunca era visto como um lugar em que poderia haver a propagação da aprendizagem.

Então o professor ao mesmo tempo que aprendia a usar esse meio se viu também responsável em demonstrar através de estratégias que além do lazer o mundo virtual poderia ser um espaço de troca de conhecimento, poderia ser uma sala de aula.

Partido deste pressuposto a presente pesquisa analisa como foi essa transição de ambientes, ou seja, sala de aula convencional para sala de aula digital a partir das percepções dos professores de Língua Portuguesa com o objetivo de aferir como que o contato com a escrita se manteve e quais recursos foram usados, e como houve essa adaptação durante este período pandêmico dentro do recorte de 2020 e 2021, pois nestes quase dois anos de ensino remoto houve diversas etapas em que o professor teve que se adequar.

Assim, a partir de toda essa vivência observada averiguar se o professor ao entrar nessa nova roupagem de sala de aula, proposta pelo ERE fez o uso da Cultura Digital para auxiliar na construção da escrita em consonância as competências presente na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que prevê o uso das Linguagens e suas Tecnologias em detrimento da prática digital no ensino da escrita.

Escrever é fundamental para a construção da linguagem, saber integrar a prática dentro de seus variados discursos e simbologias é tarefa fundamental dentro da relação de conexão que há entre escola, professor e aluno, pois a língua é viva, e através de experiências ela nos atravessa, nos faz sentir, existir e coexistir.

A escola e o professor são responsáveis na estimulação de experiências, mas por muito tempo eles sentiram-se presos na parte técnica do ofício e com a pressão de vencer o currículo acabavam deixando de lado o seu eu docente.

Entretanto, a pandemia mexeu completamente com as práticas de escrita em sala de aula, e apresentou aos professores e alunos um mundo novo provido da tecnologia, e seus múltiplos mecanismos, ou seja, de um quadro-negro, giz e livro o professor se viu em meio a plataformas, vídeos e mídias variadas para passar conhecimentos a seus alunos que, de certa forma, já estavam inseridos nesta cultura denominada digital.

Vivenciar esse “novo normal” que foi imposto pela pandemia, e que afetou todas as áreas da vida não foi tarefa fácil, portanto para o âmbito educacional esse experiencial de certa forma provocou uma reformulação e fez com que o professor refletisse toda a sua jornada, pois

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LARROSA, 2002, p. 24)

Sondar essas percepções adquiridas pelos professores na pandemia é analisar todo percurso que o ato de escrever constrói dentro da aprendizagem. Logo o texto é uma forma de deixar registrada a historicidade do indivíduo enquanto sujeito.

A escrita é um mecanismo que traz consigo uma complexidade de interações, por isso analisar como ela se fez presente na sala de aula no período pandêmico é essencial, porque a dificuldade em se trabalhar a escrita na sala de aula é algo que ocorria bem antes, conforme destaca Palú (2020) boa parte dos estudantes da educação básica já apresentavam dificuldades para ler e escrever mesmo antes da pandemia.

A internet possibilitou de certa forma uma rapidez linguística, e conforme a tecnologia ia se aprimorando novas formas de interação iam surgindo, e professor de língua portuguesa dentro de sua prática mantinha-se no tradicional, ou seja, o escrever comum, o escrever através de papel, lápis ou caneta, mas em sua volta o mundo digital crescia e aparecia cada vez mais, e uma geração de alunos advindos dessa era chegava nas salas de aulas, esses que eram nomeados de nativos digitais.

Com isso, o professor foi compreendendo que o método de ensinar a escrita seria reformulado, logo como ele adequaria essa nova prática dentro da concepção da escrita no ambiente escolar mesclando agora as diversas formas de trabalhá-la, pois compreende que os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses) efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades.

O enunciado tem função primordial na construção da escrita, ele de certa forma transforma o indivíduo agregando ideias, sentidos e percepções. Assim, com a implantação imposta pela BNCC as habilidades relacionadas a escrita foram se reformulando e agregando as novas formas de construir enunciados e os professores tiveram que assimilar em um curto prazo suas diretrizes onde o ensino de língua portuguesa busca relacionar os textos a seus

contextos de produção desenvolvendo habilidades significativas que abranjam diversas linguagens em variadas mídias promovendo a diversidade cultural, diversidade esta proposta pela Cultura Digital em que muitos educadores não conheciam e tiveram que subitamente encaixar dentro de suas práticas.

A inserção das tecnológica nas práticas linguísticas propiciou uma amplitude da linguagem nos ambientes virtuais onde a interação é fundamental e se faz presente a todo instante, e entender como a língua se integra dentro do espaço digital é também uma tarefa da escola nos dias de hoje, já que o ciberespaço cresce cotidianamente, contudo com a falta de compreensão do que é esse espaço dificulta uma integração total desse ambiente com a linguagem.

O espaço digital tornou-se essencial na pandemia na socialização do professor para com seus alunos tornando assim neste momento o principal veículo para a prática da escrita, e com isso trazendo para o jogo um desafio, desafio esse que é como fazer desse espaço um lugar propício para a estimulação da escrita, pois não é que com a chegada da tecnologia, que o livro, o papel e a caneta serão extintos. Como afirmou Chartier (2002):

O novo suporte do escrito não significa o fim do livro ou a morte do leitor. O contrário, talvez. Porém, ele impõe uma redistribuição dos papéis na “economia da escrita”, a concorrência entre diversos suportes dos discursos e uma nova relação, tanto física quanto intelectual e estética, com o mundo dos textos. O texto eletrônico, em todas as suas formas, poderá construir o que não puderam nem o alfabeto [...] (CHARTIER, 2002, p. 117). [grifos no original]

A escrita digital é uma realidade, porém sabemos que sua inserção na didática do professor ainda é um tabu, pois muitos veem a tecnologia como uma vilã dentro da sala aula. Com isso o seu uso ia ficando de lado, contudo a pandemia veio mostrar que as mídias digitais e a tecnologia pode ser uma grande aliada para educação.

O professor foi peça fundamental para a implementação das práticas digitais na escola no período pandêmico, já que ele usou toda sua subjetividade docente para tentar mesmo às vezes não tendo aptidão, e assim fazendo com que os alunos não perdessem o contato com a sala de aula. Através das diversas linguagens propostas pelo meio digital a aula aconteceu.

As percepções dos professores de Língua Portuguesa para a prática da escrita durante a pandemia se findará num referencial importantíssimo para o estudo da linguagem, pois nesse período com certeza algo mudou, metodologias foram revistas e estudá-las e analisá-las é de extrema valia para que se possa mensurar como foi esse escrever durante as aulas e se de fato houve produção escrita nesse período durante as aulas, e quais matérias e métodos foram usados

para tal finalidade, pois como nos diz Cope e Kalantzis (2000), letramento multimodal é de fundamental importância para a nossa inserção em um mundo no qual significados emergem de maneira translocal, multicultural e híbrida.

A multimodalidade está presente em todos os campos e quando falamos de linguagem percebemos que ela pode acontecer de diversas formas, em diferentes locais e com inúmeros propósitos, por isso a diversidade se faz necessária para sua compreensão.

Mesmo muitos professores tendo consciência de que a tecnologia e a Cultura Digital são importantes para a construção da escrita e linguagem, muitos não a usam e ou tem medo de integrá-la em suas aulas, ou talvez de fato não tenha o conhecimento necessário, contudo investigar como foi para esse professor manusear a tecnologia durante a pandemia em relação ao ensino de Língua Portuguesa com o enfoque na escrita é valioso para traçar um panorama de como foi a promoção da prática escrita nesse período.

Para a construção da pesquisa usou-se a Análise Textual Discursiva (ATD) com enfoque nos dados qualitativos a partir da interpretação das percepções dos professores em relação ao ensino da escrita durante o período pandêmico.

Na primeira seção teremos um memorial relatando um pouco de minha jornada interligando-se aos objetivos do estudo, a metodologia e fundamentação teórica utilizada como referencial para a pesquisa partiu-se da análise das habilidades propostas pela BNCC em relação a Cultura Digital, Letramento Digital e o ensino da escrita.

Na segunda seção aprofundaremos o conceito de Cultura Digital e como seu uso é importante para a linguagem, já na terceira seção conheceremos onde coletou-se dados para a idealização do estudo e, por conseguinte, aferiremos as concepções e percepções adquiridas através das entrevistas semiestruturadas com os professores participantes da pesquisa, a fim de consolidar se houve ou não incentivo ao ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

Na quarta seção a partir de todos os dados coletados apresentamos a conclusão da pesquisa e o aporte teórico para o campo de estudos voltados na área de linguística aplicada com o intuito de deixar um panorama de como procedeu o ensino da escrita no período pandêmico.

2 MEMORIAL: MINHA HISTÓRIA E O PORQUÊ DE ESTAR AQUI

Ter propósitos na vida sempre nos move para construir nossa jornada e assim deixar nossa marca na humanidade. A Educação sem sombra de dúvidas é um fator primordial para

ter um propósito, pois é nela que começamos a nos formar como indivíduos em nossa totalidade, desde a aquisição de conhecimento até a idealização de sonhos.

Meu amor pela educação veio na infância. A partir dos meus seis anos o caderno, o lápis, o carvão (que era o giz para rabiscar as paredes) eram minhas brincadeiras preferidas, pois o ser professor estava presente em minha casa personificado pela minha amada mãe que era professora (do Ensino Fundamental e Educação Infantil e ministrava aulas na rede municipal de ensino na cidade de Campo Florido – MG).

Em Campo Florido morei por toda minha infância, adolescência e até o início da fase adulta, com isso vendo sua rotina e até acompanhando-a fui tomando gosto pela escola. Ressalto que neste período as aulas que por ela eram ministradas davam-se em uma escola rural com séries multisseriadas, prédio bem simples e uma sala grande com carteiras, quadro, um armário e alguns livros, sendo a maioria deles didáticos.

Contudo, mesmo com o pouco recurso minha mãe naquela época já usava da subjetividade docente para fazer daquele espaço um lugar cheio de possibilidades e eu lá junto, pois eu era criança e às vezes não tinha alguém para me olhar, dessa forma ela me levava para escola e assim fui construindo minha vivência na educação. Na adolescência fui ter meu primeiro contato com o ensinar quando comecei a dar aulas de reforço e ali mesmo já percebi que ensinar me deixava feliz e que era algo que eu desempenhava bem, contudo já sabia que realizar esse sonho seria difícil, mas não impossível.

Ingressar em uma Universidade sempre foi meu sonho, pois sempre vi no estudo a porta para construir conhecimento e ao mesmo tempo alimentar nossos sonhos, pois a cada subida de degrau desta escadaria que nos vem a frente com a Universidade, alimentamos um desejo, vencemos um medo e adquirimos aprendizado e o mais importante trocamos experiências.

Acredito que a jornada começa no ato de inscrição para o vestibular, ali já nutrimos sonhos que vão nos mover até o acreditar, mas ao mesmo tempo vem a dúvida.... Será que vou conseguir? Será que sou capaz? E muitas perguntas vem à mente, mas mesmo com está dúvida existe uma luz que fica acesa em nosso peito, a luz da esperança e do acreditar. Acreditar que é possível, e a partir daí iniciar o percurso.

Mas até chegar ao tão sonhado curso superior tive que vencer inúmeros obstáculos, o principal foi a dificuldade financeira, pois infelizmente eu não tinha a condição de me deslocar para outra cidade para estudar, por isso fiquei um ano parado após a finalização do Ensino Médio.

Entretanto, mesmo não tendo contato com ambiente formal de educação, em casa com os poucos livros que eu tinha, fui aprendendo, almejando e esperançoso de logo estar novamente no ambiente escolar, pois estudar sempre foi algo que me dava prazer e mesmo com as dificuldades me esforçava ao máximo para absorver tudo que me era passado.

Do período do encerramento do meu Ensino Médio até o meu ingresso na Universidade passou-se um ano, dessa forma, só em 2008 consegui iniciar o curso superior e com a dificuldade de deslocamento optei pela educação a distância.

Mesmo um ano longe do espaço educacional cheguei a prestar vestibulares para Universidades presenciais, mas era inviável me deslocar da cidade onde eu morava para estudar de forma presencial, apesar de todos os obstáculos não desisti. Abracei a oportunidade com todo afinho e dedicação.

Em Campo Florido, na cidade onde eu morava a Prefeitura Municipal com o objetivo de ampliar a formação de seus educadores fez um convênio com um sistema de educação a distância chamado EADCON. A partir dessa iniciativa abriu-se um polo universitário em uma das escolas municipais.

O primeiro curso a ser disponibilizado foi o de Pedagogia e assim a cada semestre iam-se abrindo mais cursos até disponibilizarem a graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas. Foi nesse momento que vi a oportunidade que precisava para adentrar em um curso superior.

Mas cursar Letras por quê? Bom, eu sempre fui apaixonado por escrever, rabiscava em tudo, contudo quando fui para a escola e comecei a ter o contato com as aulas de Língua Portuguesa fui me encantando pela magia que a linguagem possibilitava e isso me permitia “viajar” por meio da leitura dos textos.

A vontade de cursar Letras veio da inspiração de três professoras fantásticas que tive na minha jornada escolar cada uma delas trazia uma característica forte: uma delas é Sirlene, mas carinhosamente chamada por nós alunos de Dêga, sempre demonstrava o poder da leitura e o quão significativa essa habilidade era.

A segunda professora é Sandra a que trazia a dinâmica para a sala de aula com o ensino de Redação de uma forma diferente, teatral, contando histórias e proporcionando o protagonismo nos alunos. E, por último, a professora Bia, que tem uma incrível habilidade em ensinar a gramática de forma leve e prática e assim fazendo com que eu me apaixonasse por esse conteúdo. Foi durante o convívio com essas professoras inspiradoras que almejei a possibilidade de escrever minha história por meio da educação.

Enquanto aluno da educação básica o que mais me marcou foram os livros que li, principalmente os da Série Vaga-lume da Editora Ática, que são histórias voltadas para a fantasia, aventura, superação de medos e obstáculos. Isso se justifica pelo fato de eu ter sido uma criança e um adolescente de poucos amigos, por meio daquelas histórias lidas eu adentrava em um mundo novo e imaginário do qual eu me sentia pertencente.

O curso de Letras teve duração de três anos e meio e durante o processo de formação tínhamos encontros presenciais uma vez por semana para assistir às aulas e dialogar com os professores a fim de trocarmos experiências, apesar da turma ter poucos estudantes era um ambiente muito rico de aprendizado. O material fornecido pela Universidade era de extrema qualidade e era ofertado pela Fundação Universidade do Tocantins – UNITINS, pois o sistema EADCON era conveniado com inúmeras Universidades Federais e Estaduais do país. (O sistema fornecia a plataforma, equipamentos para as aulas e a Universidade era responsável pelo conteúdo e professores.)

Nesses três anos e meio de curso fiz uma viagem na Língua Portuguesa, tive contato com inúmeros textos e autores, por mim até então desconhecidos. As aulas de Teoria da Literatura eram as mais intrigantes para mim, porque no Ensino Médio não tive boas referências do conteúdo fazendo com que eu tomasse um certo receio diferentemente do Ensino Fundamental em que fui muito estimulado no exercício da escrita de poemas, crônicas, contos e leitura de livros que propiciaram o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo e que de certa forma me deu uma base de conhecimento para a vida acadêmica.

Mas na graduação eu percebi que precisava aprender mais sobre o que é literatura, o que está além do conceito que eu até então tinha aprendido. Segundo minha percepção atual a Literatura é arte da palavra, entretanto a palavra pode ter várias faces.

Para entender qual era o papel do professor de Literatura fiz a leitura da obra Ensino de Literatura escrita por Cereja (2005) que didaticamente fazia um panorama de como era o ensino de Literatura e como o poder desse conteúdo era inerente para a formação de um professor da área de linguagens. Confesso que até hoje estou nesta jornada para aprimorar meu conhecimento literário, pois literatizar é um exercício diário na jornada de um professor.

Ainda durante o meu curso de graduação em Letras cursei a disciplina de Filosofia a qual muito me intrigava, pois era algo inédito da minha vivência, mesmo porque fui ter contato com conteúdo só na graduação e por isso tive dificuldades de aprendizado, uma vez que eu não tinha muito conhecimento filosófico.

A cada período estudado eu subia mais um degrau dessa jornada que seria árdua, mas prazerosa, e assim juntei o medo com a vontade e fui trilhando este caminho na educação.

Formação docente

O ingresso na Universidade foi um divisor de águas em minha construção enquanto indivíduo, pois como já mencionado sempre tive consciência que o estudo é fundamental para construção humana. Portanto assim que conclui o Ensino Médio eu senti a necessidade de prosseguir sempre em busca do crescimento acadêmico e pessoal.

A chegada na Universidade ocorreu um ano após a conclusão do Ensino Médio em 2007, pois eu precisava primeiro me estabilizar financeiramente para poder de fato seguir com os estudos, por isso optei pela educação a distância e assim ficaria mais viável conciliar trabalho e estudo.

Nos três anos e meio de graduação (2008 a 2011) em paralelo com as atividades acadêmicas eu buscava me aperfeiçoar com leituras (a maioria delas relacionadas ao curso), trocava experiências com professores e partilhava inquietações com meus colegas com o intuito de buscar referências para a construção do conhecimento e aprendizagem.

Com quase cinco anos de docência fiz minha primeira especialização lato sensu em 2015 na área de Língua Portuguesa e Redação. Um ano depois, em 2016, conclui outra especialização em Gestão do Trabalho Pedagógico com ênfase em Supervisão e Orientação Escolar. O intuito era abranger mais conhecimento em referência ao lado administrativo-pedagógico da escola.

No ano seguinte adquiri experiência profissional na área pedagógica escolar, quando desempenhei a função de Orientador Educacional (Tutor de graduação e pós-graduação) em um polo universitário do Centro Universitário Internacional - UNINTER na cidade de Uberaba.

Fazendo trabalhos administrativos sem experiências pessoais e interpessoais que a sala de aula proporciona não era meu objetivo. Por consequência no ano de 2018 deixei o polo para seguir somente na docência. E foi neste mesmo ano que fui nomeado no Concurso Público que havia prestado anteriormente para professor de educação básica na rede estadual de ensino para ministrar aulas de Língua Portuguesa.

O momento da nomeação do concurso público foi, sem sombra de dúvidas, uma etapa importante nessa jornada. Como professor efetivo conquistei a tão sonhada estabilidade profissional, portanto, foi a partir desse momento que reavaliei minhas prioridades e a vontade de retornar a estudar ficou cada vez mais próxima.

Antes por não ter uma estabilidade não me sentia seguro em assumir um compromisso tão importante que é o Mestrado, pois como professor designado não há uma garantia de que sempre haverá vagas para trabalhar na educação, contudo sendo efetivo existe a possibilidade de escolha de número de aulas, turno e escolas de maneira flexível o que facilita a conciliação entre o ser docente e acadêmico.

Primeiros anos de docência

Iniciei minha jornada como professor ainda na graduação e na transição do quarto para o quinto período concorri minha primeira designação e fui contratado. A chegada à sala de aula foi algo surreal para mim, pois eu sempre imaginei como seria esse contato que até então era algo imagético de uma criança que brincava de ser professor e que mesmo na brincadeira já se sentia confortável nesse ambiente.

No primeiro momento as aulas seriam somente por um curto período, até porque era uma substituição de vinte dias, entretanto dos vinte dias vieram mais trinta e com isso a professora titular prorrogou a licença e eu continuei ministrando as aulas, quando percebi eu já estava finalizando o ano letivo.

As turmas até então atribuídas a mim eram 1.º, 2.º e 3.º Anos do Ensino Médio ministrando aulas de Língua Portuguesa e Literatura. A Literatura deixava-me um pouco desconfortável, mas eu não me abati, encarei o desafio e vi uma oportunidade de aprendizado para a construção de experiência e vivência.

Cada um de nós sente a experiência de uma forma, modo e maneira e a cada experienciar nutrimos nosso eu docente, ou seja, a cada dia na escola, na sala de aula nós nos construímos e desconstruímos, porque quando você está na graduação o tato com a sala de aula é muito pequeno e vamos tê-lo somente no período de estágio, então ter tido essa experiência de docência ainda cursando e antes de estagiar foi muito enriquecedor.

Sobretudo, já são 14 anos (2009 a 2023) de docência e posso dizer, indubitavelmente, que conforme eu lecionava em uma diversidade de turmas, para vários alunos, a cada ano letivo foi escrita uma nova história. Concomitantemente eu me reformulava e aprendia que a didática em sala de aula é múltipla e readaptável, portanto, ter uma subjetividade docente se faz necessário para cada passo ser construído gradativamente.

Confesso que no início nem “tudo foram flores”, tive alguns tropeços, algumas desilusões e fracassos, pois acredito que nesses momentos construímos fortalezas para nos reinventar e seguir em frente.

Quando adentrei na escola pela primeira vez, de qualquer maneira há ansiedade e excitação a fim de mostrar serviço, porém nem sempre essa animação é vista com bons olhos e muitas das vezes o professor iniciante é estigmatizado por não ter os anos de carreira, com isso a cada dia sua capacidade é posta em prova e raras vezes você é acolhido de bom grado.

Talvez essa dureza tenha sido uma forma de mostrar que a profissão não é fácil e cada passo deve ser dado com cautela, porque a sala de aula é uma caixa de surpresas e você enquanto docente estará à prova todo dia.

Anos se passaram e em 2014 prestei concurso público, fui aprovado, mas só quatro anos após a aprovação fui nomeado e hoje sou servidor público estadual concursado há cinco anos.

Entre designado e concursado lecionei em cinco escolas uma no município de Campo Florido em que trabalhei quase nove anos e as outras quatro na cidade de Uberaba onde estou atualmente. A cada escola que passei eu aprendi muito e cresci enquanto profissional e acredito que deixei algo meu em cada uma com meu trabalho e empenho.

Atualmente comecei a ministrar aulas em escolas particulares acrescentando em minha experiência um outro panorama da docência. Percebi que há algumas diferenças quanto a estrutura e recursos, mas os desafios são os mesmos e creio que tanto o ensino público quanto o privado são espaços em que o professor sempre será desafiado a adequar, aprimorar e reavaliar sua prática porque a sala de aula se modifica a todo instante.

Recentemente fui convidado pela escola estadual em qual trabalho a ser Coordenador Pedagógico do Novo Ensino Médio (NEM), em que meu trabalho é auxiliar os professores quanto à elaboração de atividades e planejamento referente a novas disciplinas e metodologias propostas pelo NEM e acredito que será um período de muitos desafios e aprendizagens.

A nova função me propiciará ver o outro lado da vida docente, ampliar meu conhecimento do que é a escola presenciando-a de um prisma mais administrativo e estratégico, contudo acredito que para que essa experiência flua e traga para minha carreira um retorno e crescimento, eu não posso deixar de lado meu eu docente. Com a visão que trago do que é a sala de aula posso propor como coordenador ações que irão, de certa forma, agregar tanto para escola quanto para os professores através de atividades que venham ao encontro da realidade do ambiente, pois eu enquanto professor tenho essa sensibilidade em relação às necessidades dos alunos.

Retomando o plano do Mestrado

O mestrado sempre foi algo que almejei e no ano de 2017 fiz minha primeira tentativa de ingresso, participei pela primeira vez do processo de seleção na Universidade Federal do Triângulo Mineiro para o Programa de Pós-graduação em Educação, porém sem sucesso. Acredito que eu ainda não estava preparado para tal passo, pois não tinha a fundamentação necessária.

O propósito ficou temporariamente suspenso, mas nunca esquecido e a cada ano que passava eu sentia a importância de fazê-lo, entretanto com a correria das aulas, dois turnos, trabalhando em outra cidade a dedicação em escrever um projeto para tal fim protelava-se cada vez mais. Somente no ano de 2021 em meio a pandemia faltando poucos dias para encerrar as inscrições do PPGGE decidi tentar novamente. Tirei o projeto da gaveta, o refiz conforme o edital pedia e o enviei.

Confesso que o medo do “não” ecoava em minha cabeça, mas não desisti e cada etapa de reconstrução do texto eu me sentia confiante, pois desde o início já sabia que o foco para uma possível pesquisa seria a Língua Portuguesa, mas não tinha o estímulo certo, entretanto com a pandemia e a vivência que estava sendo construída com o ensino remoto achei interessante levar o projeto para esse viés, fazendo o entrelace entre linguagem e tecnologia, analisando como os professores estavam trabalhando suas aulas nesse momento tão atípico para a educação.

Assim que o projeto foi aceito eu me senti tão vivo que vi ali a possibilidade de retomar, construir e crescer enquanto professor, porque em toda nova jornada o caminho é diferente, pois pesquisar é andar em lugares que não sabemos, em uma terra de grandes possibilidades.

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala (FREIRE, 1991, p. 135).

A construção do projeto é acima de tudo a soma de toda a sua percepção em relação ao que vai ser estudado, ouvido e aprofundado, cada contribuição formada reverbera em sua formação profissional e docente, sendo que o grande intuito da jornada é fazer com que o futuro mestrando vá adquirindo experiência.

A arguição do projeto é via regra um dos momentos mais conflitantes, porque existe muito tempo doado para essa tarefa, que deverá ser resumida em vinte minutos por meio da apresentação e acima de tudo colocar em evidência o seu eu pesquisador que por vezes fica escondido entre diários, planilhas, correções de provas, planejamentos e toda essa indumentária pedagógica que nutrimos na docência em educação básica. Na hora da apresentação você fica desarmado diante de um propósito que é importante. Mas o medo, de certa forma, é edificante, pois, acima de tudo, o seu eu professor está contigo e flui, pois, acredito que uma boa problemática de pesquisa deve ser acompanhada com uma dose generosa de persuasão, ambas caminham juntas com o intuito de dar o pontapé inicial no senso crítico do futuro pesquisador.

As aulas, Comitê de Ética e início da pesquisa

No início das aulas, é comum haver uma mistura de expectativa e ansiedade, uma vez que estamos diante de um terreno ainda desconhecido e, apesar de termos alguma experiência, é inevitável o famoso friozinho na barriga.

As aulas iniciaram-se na transição do ensino remoto para o presencial, então as primeiras aulas foram ainda no sistema online, um método de ensino ainda novo para todos nós professores, pois ali estavam um grupo de professores com a finalidade de ampliar a prática pedagógica, trocar experiências e acima de tudo partilhar aprendizados.

A primeira aula que teve foi a de Tópicos Filosóficos para Educação ministrada brilhantemente pelo Prof. Dr. Jonas Bach e eu sem conhecimento algum de filosofia me enveredei.

Como era um processo de aperfeiçoamento decidi fazer a disciplina para conhecer e, acima de tudo, adquirir conhecimento e embasamento filosófico para o caminho que a pesquisa nos leva. E ter uma solidez é necessário, ou seja, como dizia o Prof. Jonas aguçar nosso “daimon”.

A cada leitura apresentada pela disciplina, eu mergulhava nesse mundo desconhecido até então. Nas primeiras aulas sentia-me meio deslocado, ficava mais calado, mas usava meu aprender de ouvido, outro conceito aprendido após a leitura de Larrosa, no qual a nossa experiência e o buscar da experiência nos levam a lugares até então desconhecidos.

O primeiro semestre no Mestrado foi cheio de aprendizagens onde a cada aula uma imersão era feita para a prática pedagógica ser construída, e assim aprendíamos que fazer uma pesquisa é uma tarefa difícil.

Cada aula proposta pelas disciplinas foi de suma importância para a construção da aprendizagem em pesquisa e quão importante é a tarefa do pesquisador, ao deixar para o mundo suas percepções, buscas e análises de modo a colaborar com a aprendizagem de futuros estudos.

Lembro que na primeira aula de Metodologia onde nos foi questionado: “Qual é a questão de pesquisa do projeto de vocês?”, o silêncio ecoou no meu cérebro, pois foi nesse momento que percebi que não havia delimitado bem o tema, meu desenho de pesquisa estava amplo e cheio de pontas duplas, mas acredito que essa insegurança é de todos e dia a dia junto ao orientador e aos ensinamentos nas aulas o nosso arcabouço teórico-metodológico ia se formando e formatando.

A cada leitura feita, a cada trabalho apresentado a clareza de ideias, e a segurança de seguir em frente se fazia presente, portanto, novos desafios iam surgindo e nesse momento ressalto a participação no SEFORPROF (Seminário de Formação de Professores) que foi essencial para dar um gás na pesquisa.

Uma segunda opinião nos dá uma amplitude e vontade de seguir adiante nos fomentando cada vez mais, porque as considerações ali feitas foram essenciais para reestruturação do projeto, e juntamente com as contribuições do meu orientador prosseguir com o estudo, e a participação no evento possibilitou a escrita de um artigo acadêmico que rendeu uma publicação e a aquisição de novas vivências.

Outra parte significativa do período das aulas foram as apresentações de trabalhos e escrita de textos. Ressalto a importantíssima contribuição que obtive com a disciplina de Letramentos na Docência Superior, ministrada pelo Prof. Dr. Acir, onde a cada aula um novo tipo de texto era apresentado trazendo, o entendimento do que era ser docente em uma Universidade.

A disciplina possibilitou o contato com diversas práticas de como seria o cotidiano de um pesquisador com atividades interativas, participação em palestras e a troca de experiência, que, a meu ver, foi o mais enriquecedor ajudando eficientemente na execução do formulário para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo ele aprovado de primeira quando o projeto foi submetido para análise da viabilidade da pesquisa.

Já no segundo semestre tive um panorama de como era e é a formação de professores através da disciplina Formação de Professores e Contemporaneidade ministrada pelos Profs. Drs. Daniel e Pedro e pela Prof. Dra. Helena.

A disciplina propôs uma reformulação do que é ser professor, enfatizando a relevância de nos construir e desconstruir, e bem como saber usar a subjetividade docente a nosso favor ressaltando cada vez mais a identidade docente.

Sobretudo a disciplina proporcionou uma análise aprofundada da literatura sobre a formação de professores, tanto no Brasil quanto no mundo, visando aprimorar a formação e compreender o motivo pelo qual nos inscrevemos no Programa de Pós-graduação em Educação. Objetivo esse que é tornar-se professor universitário.

Todas as disciplinas cursadas contribuíram generosamente para a minha formação enquanto professor tanto na educação básica, área que atuo e para um futuro ser docente no âmbito universitário.

O maior desafio lançado durante as disciplinas foi o Estágio em Docência, pois foi uma vivência totalmente diferente de tudo que já fiz. Poder ver na íntegra como é ser professor universitário é algo magnífico. Contudo, o mais interessante desse momento é que estagiei em um espaço totalmente diferente, haja visto que o estágio foi realizado nos cursos de Engenharias sob a orientação da Profa. Dra. Beatriz Gaydeczka, que recebeu com toda atenção e me norteou nessa jornada demonstrando como era esse novo ambiente.

O estágio foi realizado nas Disciplinas de Metodologia Científica e Redação, disciplinas essenciais na construção de textos acadêmicos, e no período de observação das aulas pude aprender muito e enriquecer meu repertório. No segundo momento veio a regência onde acompanhei apresentações de seminários e pude por um dia ministrar uma aula.

Confesso que foi ao mesmo emocionante e assustador, porque é literalmente sair de sua zona de conforto, e acredito que essa experiência é extremamente fundamental nesta jornada do mestrando para que construa uma percepção do que é ser professor, sendo que ser o início da construção do nosso futuro “eu” professor universitário.

Creio que a experiência de estagiar em um lugar totalmente diferente da sala de aula da educação básica fez-me perceber o quão importante é o papel do professor seja em que lugar for, pois, ele é fundamental na construção da aprendizagem sendo ela no nível básico e superior.

Comitê de Ética e início da pesquisa

O início da pesquisa é um feito imprescindível para o mestrando e é nesse momento que começamos a entender o que é pesquisar, o quão é difícil estruturar as ideias, entretanto são muitas incertezas, muitas leituras para que se possamos edificar o nosso objeto de pesquisa e

investigação de modo que o estudo seja significativo e traga relevância às pesquisas em educação, pois,

Podemos fazer uma pesquisa partindo de temas sociomidiáticos que não são apenas efeito da moda, mas que remetem a problemas sociais fundamentais. Porém, isso supõe que se defina, a cada momento, um objeto de pesquisa, pois esses temas não são, e não podem ser, enquanto tais, objetos de pesquisa. (CHARLOT, 2006, p.15)

Portanto, o tema proposto em analisar deve ser algo que traga benefícios, e assim deixar para o campo educacional um referencial. Assim, partindo dessa premissa e considerando toda a minha caminhada enquanto educador, propus como projeto para adentrar ao Mestrado um estudo relacionado à escrita na percepção de professores de Língua Portuguesa.

O projeto apresentado sofreu algumas adaptações, reformulações para que ficasse pronto para a submissão ao CEP, pois como coleta de dados foi escolhido a entrevista, sendo preciso tomar todos os cuidados e prevalecer a ética com o intuito de ter dados pertinentes ao estudo proposto.

A pesquisa na área de linguística requer análise objetiva, já que a linguagem é algo vivo que está em constante modificação, contudo,

Para cada pesquisa certas linguagens são convocadas — linguagens que possam tornar perceptíveis nossos movimentos internos, as sensações do corpo que criam aproximações com que está sendo investigado, que tragam atenção para aspectos que passam despercebidos (BARBIERI, 2022, p.21).

O estudo tem como finalidade fazer uma reflexão a partir das colaborações apresentadas pelos docentes de língua portuguesa da escola de como foi esse período para a docência, quais métodos, ações e recursos foram utilizados visando analisar como foi o ensino da escrita no período pandêmico nas aulas de Língua Portuguesa.

3 OBJETIVOS

Traçar objetivos é definido como atingir um propósito para a construção de um caminho perante a vida, por isso como descrito no memorial que foi partilhado no início dessa jornada proposta pela pesquisa, a formulação do eu docente é cheia de obstáculos, desafios e inquietações.

Inquietações que surgem a cada avanço experienciado na caminhada do professor na construção de sua prática, assim nos reconstruímos constantemente, logo o percurso vivenciado exige mudanças, mudanças essas que nós professores podemos perceber e viver no momento

pandêmico e partindo de toda essa reviravolta o estudo aqui apresentado coteja como objetivo num panorama geral e específico as ações abaixo apresentadas:

3.1 GERAL

Analisar o conceito de Cultura Digital voltando-se na sua implementação em consonância com a BNCC no ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

3.2 ESPECÍFICOS

- Apresentar as percepções dos professores acerca do ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa durante a pandemia de COVID-19 visando elencar algumas reflexões em torno de como os professores se viram em relação a esta prática durante as aulas no sistema remoto de ensino.
- Observar como foi o ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa durante o período pandêmico.
- Sondar quais meios foram utilizados pelos professores para trabalhar as práticas de escrita durante o período de ensino remoto.

4 A TEORIA QUE FUNDAMENTA

O aporte teórico para a consolidação da pesquisa parte do pressuposto de como o ato de escrever é importante analisando como os professores de Língua Portuguesa no período pandêmico mantiveram na prática didático-pedagógica o ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa.

Sabemos o quão era difícil trabalhar a produção de texto durante as aulas antes da pandemia, como será que durante o ensino remoto esse professor incentivou essa prática para com seus alunos e assim nesta perspectiva investigar como as habilidades previstas pela BNCC em relação a escrita foram compreendidas e trabalhadas.

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) veio como uma modalidade de ensino e de acordo com Behar (2020), pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos, sendo adotado de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não fossem interrompidas.

Entretanto, estabelecer este ERE foi um desafio para todo campo educacional em que professores e alunos não estavam preparados para essa transição, com isso o uso da cultura digital deixou de ser algo utópico e passou de fato a ser colocado em prática.

O convívio diário com as tecnologias que foi oportunizado com a pandemia tirou o professor da inércia, proporcionando novas práticas e formas de ministrar uma aula, fazendo com que novas metodologias fossem surgindo, logo apresentando um novo espaço de aprendizagem, a fim de possibilitar inúmeras linguagens, intencionalidades, discursos e tornando a escrita móvel, sonora e visual.

Para esse professor usar as ferramentas da cultura digital como sala de aula foi transformar o ambiente de ensino-, pois, no mundo moderno e conforme, Banell et all. (2016), os ambientes virtuais caracterizam um novo significado da presença do sujeito, abrindo espaço para sensações, experiências e possibilidades inéditas, bem como para novas formas de aprendizagem.

O vivenciar esse “novo normal” que foi imposto pela pandemia e que afetou todas as áreas da vida não foi tarefa fácil, portanto para o âmbito educacional esse experiencial de certa forma provocou uma reformulação, que fez com que o professor refletisse toda a sua jornada.

A tecnologia na sala de aula é fundamental, pois o aluno de hoje não se prende mais ao aspecto tradicional de aula, que o professor passa a atividade, comenta, às vezes propõe um debate e exercícios de fixação, ou seja, uma aula monótona na visão do estudante. Assim com a implementação de recursos tecnológicos na prática escolar percebeu-se um leque de novas aprendizagens.

Há muitas ferramentas tecnológicas que podem auxiliar os professores a simplificarem os processos diários e ampliar o raciocínio crítico, a comunicação, a colaboração e a criatividade dos alunos, pois “a tecnologia não é tão somente um potente recurso para o aprendizado, mas também uma ferramenta cada vez mais relevante para a vida” (PEDRÓ, 2016, p. 11), entretanto não é tão simples assim, pois alguns professores ainda não se sentem preparados para essa inserção tecnológica, mas eles tem consciência da importância de seu uso e no período pandêmico, a tecnologia ficou cada vez mais em evidência no âmbito educacional.

Preparar professores capazes de dominar as mídias e tecnologias tornou-se primordial, todavia no dia a dia da sala de aula a mais problemas e dificuldades a serem enfrentadas além da não conexão.

A tecnologia é uma forma de linguagem e com ela novas maneiras de interagir surgiram. A sua agregação às habilidades da BNCC está cada vez mais presente, assim incorporar essas

práticas dentro da sala de aula é tarefa do professor e saber como ele vem fazendo essa implementação tecnológica é de suma importância para entender como essa prática de falar, escrever e interagir acontece na realidade digital.

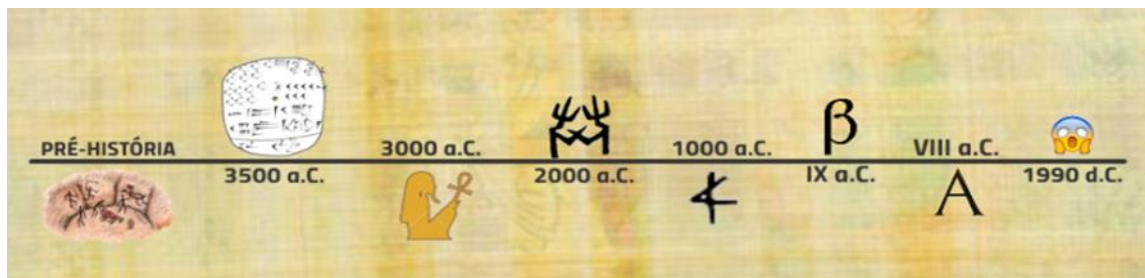
Contudo, ao longo do período pandêmico percebemos que todas essas habilidades previstas pela BNCC se tornaram utópicas mediante a toda logística permeada pelo ERE, pois os professores tiveram que incorporar em sua prática um documento que não teve o tempo certo para análise e entendimento.

Nesta seção faremos um panorama do que a escrita representa desde como elemento comunicacional correlacionando-a com a Cultura Digital em detrimento a BNCC e o que ambas representam para a construção da aprendizagem com o intuito de entrelaçar o que as habilidades decorridas pelo documento vem ao encontro do ensino da escrita na prática.

4.1 A ESCRITA ATRAVÉS DE SEU PERCURSO HISTÓRICO E SENSORIAL

Na história do mundo a escrita está presente desde o início, pois podemos considerar como ato de escrever as figuras rupestres deixadas pelos homens pré-históricos, os símbolos deixados pelos mesopotâmicos, a escrita cuneiforme dos sumérios, os hieróglifos egípcios e tantas outras manifestações linguísticas que transcorreram a humanidade.

Figura 1 – Evolução da escrita



Fonte: https://prezi.com/uamkko6zi_w3/do-risco-ao-alfabeto/

Conforme podemos observar acima através da linha do tempo da escrita, cada povo deixou de alguma forma seu legado e como registro foram se criando infinitos símbolos que se fundiam através do cotidiano de cada lugar. Como ferramenta de escrita os recursos utilizados se criavam a partir de desenhos feitos em argila e com auxílio de um graveto iam-se surgindo inúmeros caracteres que representariam o que cada um estava a vivenciar.

Falar de escrita e falar de experiência que traz consigo a essência de um olhar além, um olhar de percepção de como se pode deixar registrado algo que perpassará o tempo e mostrará para os próximos que virão um retrato de como foi o antepassado, portanto,

A escrita é, no entanto, muito mais do que a “pintura da voz” como queria Voltaire. Tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrático e informação popular (imprensa) e uma arte em si mesma (caligrafia), para mencionar algumas manifestações (FISCHER, 2009, p.4) [grifos no original]

A manifestação proposta pelo ato de escrever deve ser compreendida com um ato plural, pois como já se sabe cada lugar cria sua identidade escrita, ou seja, a cada etapa, a humanidade registra seus atos a partir de recursos linguísticos. Escrever é traçar a história de um momento e assim eternizá-lo.

Na construção da escrita notamos que a simbologia se faz presente a todo momento, pois a partir destes símbolos que vamos trançando nosso olhar enquanto interlocutor desse processo de criação que o escrever nos propõe a fim de perpetuar os registros, manifestações e estórias que são contadas através das gerações.

Escrever é ir além e viajar em um mundo de descobertas, medos, anseios e soluções. A cada passo dado nos propomos a enxergar que para a escrita um ponto pode ser o começo, o fim ou o recomeço, pois ela é uma linguagem complexa, entretanto sem ela talvez não teríamos conseguido entender o mundo, mundo este que se recria a cada instante.

Assim, como nos fala Vigotski (1988) a escrita não está separada da linguagem, ela é constituída por um sistema simbólico que nos permite transitar em toda a nossa construção desde a infância com os rabiscos, passando pelos primeiros tracejados das letras até em sua consolidação na fase adulta, sendo que escrever é um percurso construtivo e sensorial.

Estudar e entender os processos que a escrita passa é primordial para compreender seu poder de adaptação em relação a todos os espaços em que sua prática está inserida, seja nas nossas relações interpessoais, na escola, no trabalho e até mesmo no mundo cibernético, pois com o crescimento da tecnologia a escrita foi se reformulando para também interagir neste novo ambiente que criou.

A multimodalidade proporcionou ao ato de escrever inúmeras possibilidades fazendo com que cada traçado contasse uma história, pois com a pluralidade de símbolos advindos do caminho histórico que o ato de escrever percorreu até os dias de hoje, onde as transformações ocorriam sistematicamente de acordo com cada lugar, pois somos o registro vivo da

comunicação. O alfabeto não é somente um conjunto de letras ele é um emaranhado de possibilidades conectando oralidade e a escrita-

Nos dias de hoje com o avanço da tecnologia e com a criação de mídias, softwares, aplicativos e com a chegada das redes sociais a escrita foi ficando cada vez mais universal e ela foi se aprimorando, modificando e adequando, assim trazendo para o mundo um novo olhar, olhar este que é analisado a partir da Cultura Digital.

A palavra cultura é entendida como um conjunto de manifestações que perpassam todos os níveis do conhecimento, portanto não tem como falar cultura sem falar de escrita, pois a escrita é uma forma de registrar a cultura, mas com a chegada da internet, as formas de registro foram se aprimorando e uma variedade de artefatos para registrar nossa comunicação se criaram através de um mundo além, ou seja, um mundo que se conectava através de redes.

A conexão trouxe para a escrita uma velocidade, pois tudo que é registrado em questão de milésimos de segundos chega a diversos lugares e possibilita diferentes interpretações, mas se analisarmos o caminho histórico da escrita essa conexão já existia, só não tínhamos a agilidade. Contudo, o poder comunicacional existia e ele foi se aprimorando a cada dia, a cada etapa e tempo.

Entender o caminho que a escrita trilha é importante para compreender que a sua inserção dentro da tecnologia nos dias de hoje é essencial, logo que passamos mais tempo hoje escrevendo nos meios digitais do que no papel, portanto como nos diz Paveau (2021), a escrita digital pode ser definida como uma produção escritural feita em um dispositivo de informática, estando ele conectado ou não, com características gráficas, linguageiras e discursivas próprias do digital, ou seja, hoje a escrita pode ser de diversas formas e jeitos independentemente do meio onde ela está.

Desde que a escrita surgiu ela nos mostrou que se recriar e se adaptar conforme as eras demonstrava seu poder comunicacional e sensorial, pois, conforme já mencionado, a pluralidade que o ato que escrever nos propõe é gigantesco, por isso estudar e compreender como a escrita se apresenta torna-se extremamente fundamental para que possamos entender o que ela tem a nos dizer em relação ao mundo permeando todos os caminhos e interligando-se com a história, a tecnologia e cultura.

4.2 O CONCEITO DE CULTURA DIGITAL E SUA VISÃO COMO COMPETÊNCIA PREVISTA PELA BNCC

A Cultura Digital é descrita por muitos como a cultura da contemporaneidade, e ela se refere a toda mudança ocasionada através da tecnologia e pela internet a fim de promover a interação. Portanto, podemos concluir que Cultura Digital

integra perspectivas diversas vinculadas às inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade (KENSKI, 2018, p.139)

A Cultura Digital não é algo novo, pois como declara Kenski, (2018), o termo “Cultura Digital” foi criado nos anos 80-90, quando o crescimento das redes digitais, aliadas ao acesso aos computadores, oportunizou o aparecimento de novos ambientes socioculturais, virtuais, assim consequentemente as mídias digitais começaram seu percurso até chegar nos dias de hoje onde elas são agora um dos principais meios de comunicação e interação.

Na educação quando falamos em tecnologia mexemos em um lugar em que causa ao mesmo tempo medo e desejo, pois como o avanço digital ocorre a cada segundo houve a necessidade em repensar toda a sistemática que a escola estava inserida como espaço para a propagação da aprendizagem.

Percebeu-se que o conhecimento era além escola, ou seja, ele poderia acontecer em qualquer lugar e não só dentro da sala de aula, e com a elaboração da BNCC ficou cada vez mais claro para os professores que a sala de aula teria que ser revista didaticamente.

Contudo por mais que a BNCC propusesse este repensar a partir de suas habilidades, competências e eixos, nenhum educador teve tempo hábil para de fato compreender o que o documento queria, logo após sua homologação, nós educadores tivemos que de certo modo nos distanciar, para compreender o que o documento propunha e a partir da junção de saberes que ele apresentava visando a interligação da tecnologia e linguagem em prol da Cultura Digital.

Dentro da BNCC a Cultura Digital é vista como uma competência que no seu cerne visa ensinar a "[...] utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais." (BRASIL, 2017a, p. 9), estimulando a linguagem tecnológica acreditando que:

É preciso garantir aos jovens, aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais (BRASIL, 2017, p.473).

Para o professor, especificamente o de Língua Portuguesa, trabalhar o conceito de linguagem e suas múltiplas manifestações é essencial, pois é assim que se constrói a dimensão interativa e social que a língua possui dentro de seus variados discursos, entretanto o dia a dia da sala de aula às vezes não dá o suporte necessário para que esse educador leve para o ambiente escolar toda esta multimodalidade exigida.

Logo, a cada manifestação um caminho comunicativo é traçado e dentro dele inúmeras possibilidades vão de criando, portanto, a Cultura Digital se propõe integrar junto aos mecanismos midiáticos a fim de interligar a linguagem, mas a interação que se propõe em determinados momentos não é plena, pois a linguagem digital ainda é um obstáculo para muitos.

Quando falamos de linguagem em consonância com o mundo digital não podemos deixar lado a importância dos Letramentos Digitais, pois como nos diz Buzato (2006b, p. 16),

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

Mediação esta que no momento pandêmico se fez necessário, entretanto não tínhamos professores preparados integralmente para a inserção da Cultura Digital no âmbito escolar, pois muitos se sentiram excluídos digitalmente, mesmo tendo a consciência que a tecnologia emergia a todo instante.

Contudo, como ressalta Castells (2003), o excluído digital não é somente aquele que não tem acesso a essas tecnologias, por diversos fatores políticos e econômicos, mas também aquele que, mesmo tendo acesso a elas, não as domina.

Na BNCC a Cultura Digital é vista como a interação dos meios tecnológicos em consonância com a linguagem prevendo habilidades que se interligam a eixos para a construção da prática linguísticas no mundo digital, sendo que o objetivo é que aluno engaje para seu meio as práticas comunicativas propostas.

A Cultura Digital tem por objetivo propor a expansão da linguagem, com o intuito de aflorar o uso das ferramentas digitais no âmbito escolar. Cada habilidade proposta sistematiza a inserção da tecnologia em consonância com a construção crítica, sensorial e linguística para o detrimento da construção da linguagem.

Para construir as ligações destas habilidades à construção do conceito de Cultura Digital cada uma delas sistematizam os seguintes objetivos:

Quadro 1 – Habilidades propostas pelo eixo Linguagens e suas Tecnologias de acordo com a BNCC

LÍNGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS	
COMPETÊNCIA	HABILIDADES
7- Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva.	(EM13LGG701 ¹) Explorar tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), compreendendo seus princípios e funcionalidades, e utilizá-las de modo ético, criativo, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos.
	(EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.
	(EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.
	(EM13LGG704) Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação, por meio de ferramentas e dos novos formatos de produção e distribuição do conhecimento na cultura de rede.

Fonte: BNCC, 2017.

Como competência a Cultura Digital mobiliza o uso digital das linguagens, a fim de

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018, p. 473)

Cabe ao professor através de metodologias tentar levar para a sala de aula toda essa mobilização descrita e instigada pela Cultura Digital, contudo como foi para o professor em meio ao ensino remoto utilizar as habilidades previstas pela BNCC dentro da Cultura Digital como aporte para a construção de sua prática?

No quadro acima podemos observar as habilidades previstas pela BNCC a partir da Cultura Digital, que tem por objetivo interligar o uso da tecnologia em detrimento da linguagem enfatizando o uso das ferramentas digitais na construção da comunicação, contudo no dia a dia docente percebe-se que na maioria das vezes algumas dessas habilidades se apresentam como uma forma de ajuste que o professor mesmo sem as entender incorpora na sua prática.

Assim, compreende-se que o professor dentro de sua realidade deve apresentar e incorporar na sua metodologia a inserção dos meios digitais, a fim promover a criticidade, o engajamento e a autonomia de seu aluno, mas sabemos que nem tudo que está no papel funciona na prática.

A Cultura Digital não é simplesmente ligar um computador e começar a ministrar aulas via rede, ou passar vídeos, acessar site e entre outras práticas; Cultura Digital é elencar dentro da prática da linguagem, seja ela escrita ou falada todos os seus recursos multimodais, pois a multimodalidade é saber integrar todas as práticas que se pode apresentar a linguagem dentro do texto e contexto.

O contexto implementado pela BNCC que rege a incorporação da Cultura Digital em consonância com a linguagem e conseqüentemente com a escrita em determinados momentos é aquém da realidade apresentada pelo cotidiano do professor, sendo que muitas dessas competências que no documento é apresentada, na prática do âmbito escolar não impossíveis de realizar.

Podemos concluir que o conceito de Cultura Digital e Multimodalidade se complementam, pois hoje o ato de escrever é móvel, ou seja, desde seu início a escrita vem se atrelando a outras ferramentas para a sua construção linguística, haja visto que escrever é registrar, portanto o registro pode ser a partir de inúmeros jeitos, ou seja, por meio de papel e ou qualquer aparato tecnológico que tem como ferramenta o registro escrito.

Sabemos que pôr em prática toda a interatividade linguística proposta pela Cultura Digital não é uma tarefa fácil e não será algo que ocorrerá do dia para noite, pois ainda estamos em um processo de adequação quanto ao uso dessas ferramentas propostas pelo mundo digital e a escola a partir dessa implementação começou a se modificar, contudo não é simplesmente montar um laboratório de informática, ou tentar seguir as orientações previstas pela BNCC, o coerente é capacitar os profissionais para que tenham condições de usar esse material.

Com a chegada do ensino remoto vimos o quão estávamos distantes desta cultura denominada digital, ou seja, não estávamos letrados para tal uso, portanto o primeiro passo seria entender o que esta forma de linguagem se propunha a fazer e o professor se viu em meio a toda essa novidade em um período que mesmo cheio de informação ele estava totalmente sem acesso e o professor não estava totalmente preparado para a mudança do ambiente presencial para o digital.

Entender a Cultura Digital facilita agregá-la à prática docente, pois ela pode ser um artefato propagador do conhecimento e seu uso para a compreensão da escrita pode ser

benéfico, logo que não podemos deixar de lado o impacto que a tecnologia trouxe para a comunicação deixando-a mais rápida, interativa e acessível.

Entretanto, para a educação as ferramentas digitais ainda são um percalço e assim necessitamos de uma análise mais profunda, por isso averiguar como foi para o professor usar as ferramentas tecnológicas na prática se faz necessário para compreendermos como é no dia a dia a implementação da competência Cultura Digital no espaço escolar proposto pela BNCC.

Assim, estas tais competências postas pela BNCC, não devem ser vistas apenas como uma forma de ajustar o trabalho do professor e aluno, logo elas são estruturas que visam manter o sujeito adaptado à sociedade conforme ela se apresenta, portanto

Longe disso, as Competências podem ser o pano de fundo onde se costuram conhecimentos e aprendizagens que atendem aos propósitos imediatos dos sujeitos e, ao mesmo tempo, onde se desenham novos mecanismos que permitam aos educandos a transformação do tecido social e cultural (SAVIANI, 2012b, p.59-85)

A BNCC define competência como “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BNCC, 2017, p. 8), portanto as competências são as possibilidades de aprendizagens que se formar mediante ao contexto em que a prática ocorre em detrimento ao ensino e assim integralizando a aprendizagem para a construção do protagonismo.

A prática da Cultura Digital está atrelada diariamente na construção do indivíduo, por isso mesmo que seja subjetivamente ela está presente em todos nossos momentos, mas utilizá-la no espaço escolar ainda é difícil porque a tecnologia ainda é vista como entretenimento e o educador antes de usá-la precisa conscientizar seu aluno.

O entendimento do que a competência Cultura Digital significa para a construção do ensino-aprendizagem e apresentar ao educador formas de como integrar a tecnologia no meio escolar, com isso tornar possível o acesso e o uso das tecnologias digitais propostas pela BNCC integrando-as ao contexto que cada sujeito está inserido.

A inserção da Cultura Digital ocorrerá de fato quando ela deixar de ser algo imagético no sentido de só apresentá-la como uma competência de aprendizagem a partir de diretrizes como um documento, logo para que ela seja incluída no cotidiano da escola é necessário propor um diálogo, ações e discussões, ou seja, fazer com todas essas habilidades previstas pela BNCC sejam usadas de forma coerente ao espaço que cada um de nós estamos inseridos.

Trabalhar essa conscientização às habilidades propostas pela Cultura Digital reforçam a construção do pensamento crítico, assim com implementação do ensino remoto e a ida da sala de aula para o espaço digital teve-se a possibilidade ampliar a reflexão quanto ao uso da tecnologia em prol da educação e indagar até que ponto as diretrizes propostas pela BNCC vêm de encontro com a realidade da sala de aula.

5 DIALOGANDO COM A METODOLOGIA

A palavra é a matéria-prima que perpassa um estudo, assim como a escolha da metodologia. Metodologia vem do latim “*methodus*”, cujo significado é “caminho ou via para a realização de algo”, portando é ela que dará o direcionamento a seguir e sua ação perpassará todo o trabalho delimitando o que foi feito e entendido em toda a construção do texto nascido a partir da *práxis* proposta por toda esta jornada metodológica.

Assim, o presente estudo dentro de sua jornada metodológica, inicialmente foca na análise das habilidades e eixos que abordam o ensino da escrita de acordo com a BNCC em relação a Cultura Digital, e como deve ser inserida a novas tecnologias no ensino e aprendizagem focando-se no ensino de Língua Portuguesa.

Em seguida, entender o contexto de Cultura Digital e o crescimento das mídias no espaço escolar através de leituras de artigos científicos já publicados sobre o tema, revisões bibliográficas, dissertações, teses e assim fazer apontamentos e levantamentos de como o assunto vem sendo tratado no cotidiano e como foi sua implementação no período de pandemia.

No segundo momento uma entrevista semiestruturada previamente elaborada pelo pesquisador e feita aos professores participantes da pesquisa com o intuito de fazer uma sondagem em relação às percepções deles acerca do ensino da escrita durante o período da pandemia nas aulas de Língua Portuguesa.

No terceiro e quarto momento, após todos os dados aferidos e estudados, o objetivo foi analisar como de fato ocorreu o ensino da escrita durante o período de estudo remoto / híbrido e se houve alguma contribuição para o ensino da escrita. Assim, chegar na consolidação da pesquisa que é como o professor de Língua Portuguesa dentro de sua perspectiva relacionou o incentivo à escrita e o que se pode deixar de experiência para o futuro nas pesquisas que envolvam a linguagem, promovendo um repensar pedagógico.

Para análise dos dados obtidos no estudo seguiu a perspectiva da Análise Textual Discursiva (ATD) que traz em sua gênese a compreensão sobre os fenômenos do discurso onde a multiplicidade do texto será explorado em toda a sua essência e como nos fala Moraes;

Galiuzzi (2006) é descrita como um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado e a partir desta unitização que as ideias vão se entrelaçando e percorrendo toda a análise discursiva proposta pelo sujeito dentro de suas percepções e construções.

A construção de todo caminho metodológico é a ligação de prismas obtidos no delinear da busca dos dados, portanto, é o interlace entre a prática e a teoria, por isso é a água que irrigará o campo referencial do estudo, assim fazendo nascer um lindo gramado de ideias que será descrito abaixo em cada tópico entrelaçando-se com as análises e contribuições dadas pelos professores-participantes do estudo.

5.1 LOCAL DA PESQUISA E POPULAÇÃO ESTUDADA: O LUGAR ONDE TUDO FOI POSSÍVEL ...

O local da pesquisa é essencial para a construção do estudo que se pretende realizar, pois é a partir da população analisada que o estudo se forma, portanto é peça fundamental desta engrenagem que perpassa toda a coleta de dados, ou seja é a busca do entendimento e assim “espalha-se um evento, contra efetua-se um acontecimento que corta diferentes corpos e efetua-se em diversas estruturas” (DELEUZE; PARNET, 1996, p. 82).

O presente estudo ocorreu em uma Escola Estadual localizada na cidade de Uberaba pertencente ao estado de Minas Gerais, a instituição escolhida situa-se em um bairro periférico, entretanto está em um ponto estratégico, sendo que ele fica ao entorno de grandes avenidas que alocam inúmeros outros bairros fazendo com que sua clientela de alunos seja diversificada e assim seu fluxo de estudantes está se renovando a cada dia.

A escola possui dezoito salas de aulas, uma biblioteca, um laboratório de informática, refeitório, banheiros, quadra de esporte, sala de Coordenação Pedagógica, Secretaria, Sala da Gestão Escolar e abrange em seu atendimento o Ensino Fundamental II (6.º aos 9.º anos), Ensino Médio (1.º aos 3.º anos) e EJA. A escola funciona em três períodos sendo eles matutino, vespertino e noturno e para a coleta de dados focamos nos professores que ministram o conteúdo de Língua Portuguesa.

Os professores-participantes do estudo lecionaram no período pandêmico nos três turnos e níveis de ensino que a escola oferta. A referida instituição - no recorte analisado - possuía no seu quadro 8 (oito) professores que ministraram o conteúdo de Língua Portuguesa no ERE, porém fez-se um recorte de somente 5 (cinco) participantes, sendo dois do sexo masculino e três do sexo feminino e a idade entre 35 (trinta e cinco) a 45 (quarenta e cinco) anos, pois

procurou-se centralizar o estudo para que a coleta ficasse bem focada, assim conseguindo extrair o máximo de informações.

Antes de iniciar a aferição dos dados e abordagem dos professores-participantes seguiu-se todos os protocolos previstos pelo CEP e os professores que se sentiram aptos a contribuir com a pesquisas assinaram o TCLE e tiveram todas as informações necessárias para que o estudo transcorresse e tendo eles total liberdade de se retirarem a qualquer momento caso não se sentissem mais confortáveis em participar.

Para que um estudo transcorra e a partir dele nasça um referencial todos os passos devem ser bem delimitados e claros para que toda a sua essência seja compreendida a partir dos textos que se formam e cada texto será dentro deste universo analisado um metatexto que dará ao seu estudo o corpus necessário e tangenciará todo o percurso investigativo da pesquisa.

Portanto, o local e população observada deve ter toda a totalidade do que será analisado, pois é assim que o texto proposto pela coleta de dados vai se construindo e criando sua identidade, ou seja, ele constrói seu *corpus*.

A instituição de ensino foi bem receptiva e todos os professores abordados para participar demonstraram-se solícitos e se sentiram à vontade em contribuir para a análise proposta pelo estudo, pois para eles enquanto docentes de Língua Portuguesa refletir para a averiguação de como procedeu o ensino da escrita durante o período pandêmico é deixar um panorama de quem viveu na prática o que foi ministrar aulas nas condições impostas pelo ERE.

As aulas em sistema remoto ocorreram a partir da plataforma digital *Google Classroom* mesclando encontros síncronos e assíncronos, ou seja o conteúdo de Língua Portuguesa durante a pandemia tinha de acordo com o nível ensino o quantitativo entre 5 (cinco) e 4 (quatro) aulas semanais, sendo que por semana de 2 (duas) a 3 (três) aulas eram via plataforma com chamada de vídeo e o restante, os professores faziam plantões de atendimento deixando recados tanto no mural da plataforma, quanto nos grupos de *WhatsApp* das respectivas turmas.

Cada professor tinha autonomia de quais ferramentas iria utilizar para a realização das aulas, entretanto ambos deveriam seguir a sistemática de x aulas *on-line* e x aulas em que só fariam o atendimento via mensagens.

A divisão estabelecida ocorreu para que o professor de certo modo tivesse um tempo maior para a elaboração das aulas e materiais didáticos. Outro fator analisado pela escola era a dificuldade de acesso dos alunos e até de professores em relação à internet, pois não eram todos que dispunham de uma boa conexão.

A escola como um todo tentou sistematizar seu trabalho ao máximo para que as aulas ocorressem e tanto professores e alunos tivessem o melhor respaldo possível, logo assim que o ERE foi iniciado não se tinha uma dimensão exata de como ocorreria o ensino, assim a cada dia a comunidade escolar teve que ir se adequando da melhor forma possível, logo no tópico seguinte e a cada seção apresentaremos como cada professor fez de acordo com sua realidade a adaptação necessária para que o conteúdo e a prática da escrita fossem ao encontro do seu aluno.

5.2 ENTRELAÇANDO OS DADOS

Coletar é um exercício que nos faz refletir e construir nossa essência e para uma pesquisa é a ação mais importante dentre todo o processo, portanto é o que dará “corpus” para a análise que será proposta, sendo assim é mais que um mero expressar do conhecimento que se nutre, mas é o que representa a concretização do entrelaçamento dos dados obtidos e corrobora para a composição de novas aprendizagens, é um exercício de descobertas.

Como já salientamos acima, através da coleta de dados o estudo se baseia nas percepções, ou seja, em toda perspicácia que os professores utilizaram para que a aula acontecesse no ERE, sendo assim para a idealização do lócus o estudo contou com a participação de 5 (cinco) professores, que no processo de análise dos dados serão descritos como P1, P2, P3, P4 e P5 e ministraram aulas de Língua Portuguesa no período pandêmico em uma Escola pública estadual, situada na cidade de Uberaba – MG.

Os professores abordados para colaborarem com o estudo lecionaram em etapas diferentes de ensino (Fundamental II, Médio e EJA) onde foi proposto a mescla de níveis ensino para ter mais perspectiva e uma dimensão amplificada do que foi a prática da escrita no ERE durante a pandemia de COVID-19.

Todos os professores-participantes foram extremamente colaborativos ao trabalho e a partir de suas contribuições teremos um olhar do que foi ensinar a escrita nas aulas de Língua Portuguesa durante a pandemia de COVID-19, pois eles enquanto sujeitos participantes desse momento em conjunto com os alunos tiveram ali um entender do que foi sair da sala de aula física para a sala de aula virtual e o que essa troca ocasionou no processo de ensinar e incentivar a escrita.

Como será que foi para este professor acostumado ao giz, livro e papel ter que usar as ferramentas tecnológicas para apresentar aos alunos o conteúdo proposto, e ainda seguir todas

as habilidades propostas pela BNCC em consonância com a Cultura Digital, assim deixando para esse período da história da educação sua experiência, pois,

A História não concebe séries isoladas: uma série, enquanto tal, é estática, a alternância dos elementos nela pode ser somente uma articulação sistemática ou simplesmente uma disposição mecânica das séries, mas de modo algum um processo histórico; só a determinação de uma interação e de um mútuo condicionamento de dada série com outras cria a abordagem histórica. É preciso deixar de ser apenas si próprio para entrar na história. (BAKHTIN, 1988, p. 26-7.)

Para entender como foi essa experiência, a metodologia usada para a construção de dados foi uma entrevista semiestruturada gravada em áudios e que foi transcrita segundo o protocolo de transcrição do PETEDI da UFU. E toda a transcrição obtida se entrelaça no corpus do texto para assim conversamos e a partir deste diálogo construir o percurso teórico-discursivo do estudo proposto.

Para buscar compreender e sentir como foi o recorte estudado foram feitas aos professores-participantes da pesquisa 16 (dezesseis) perguntas com o intuito principal de construir a percepção do que foi lecionar no período pandêmico, sendo assim as questões aplicadas partiram dos seguintes pressupostos: a motivação ter se tornado professor, como foi / é o planejar das aulas, como foi lecionar no período pandêmico, se houve ou não consolidação da escrita, quais dificuldades encontradas.

As perguntas por mais que tenham sido elaboradas previamente, não interferimos em nenhuma resposta e fomos neutros a todo momento deixando o professor-participante à vontade para dar suas contribuições, assim, a cada pergunta feita pudemos analisar e sentir como a indagação percorria em cada entrevistado para que a averiguação das bases de dados percebidas fosse transcrita com a maior veracidade possível.

As perguntas que construíram a caminhada formativa da pesquisa nos trouxeram o elo construtivo de toda a categorização do estudo possibilitando entender como foi para o professor dentro de suas perspectivas prover para seu aluno o contato com a escrita elencando quais recursos foram empregados e quais percalços foram percebidos durante o ERE.

Abaixo temos o quadro que sistematiza cada questionamento feito aos professores participantes do estudo, a fim de nortear a construção dos dados e a partir de cada contribuição formar o corpo do texto:

Quadro 2 – Questionário feito aos professores participantes da pesquisa

- 01- Você concorda em participar da pesquisa em relação a percepção de professores de Língua Portuguesa em relação ao ensino da escrita durante a pandemia no sistema remoto de ensino?
- 02- Atua como professor de Língua Portuguesa há quanto tempo? A maioria deste tempo como docente foi somente na rede pública de ensino?
- 03- O que lhe motivou a ingressar na docência?
- 04- Quanto tempo do seu dia você se dedica para preparação das aulas?
- 05- Este tempo de dedicação ao preparo das aulas se manteve o mesmo em relação ao período pandêmico, ou teve alterações? Se sim quais?
- 06- Como você definiria o ensino no período de pandemia na escola estaduais? Caso sua resposta seja negativa, liste três motivos que dificultaram o ensino nas escolas estaduais no período pandêmico.
- 07- Você enquanto professor (a) se achava preparado para ministrar aula no ensino remoto ou híbrido? Caso sua resposta seja negativa, liste três motivos que dificultaram o desempenho das aulas no sistema remoto ou híbrido.
- 08- Você enquanto professor (a) de Língua Portuguesa acredita que no período de pandemia houve consolidação quanto ao ensino e prática da escrita nas aulas de Língua Portuguesa? Caso sua resposta for negativa, liste três motivos que dificultaram o ensino da escrita durante a pandemia nas aulas de língua portuguesa, e caso for positiva liste três benefícios que facilitaram o ensino da escrita.
- 09- Antes da pandemia você enquanto professor (a) incluía a tecnologia na sua prática em sala de aula? Caso sua resposta for positiva liste três benefícios que a tecnologia trouxe para sua prática pedagógica, e se caso for negativa liste três dificuldades que você considerou por inserir de forma cotidiana a tecnologia em sua prática pedagógica.
- 10- A BNCC dentro de suas competências e habilidades prevê o uso da tecnologia e suas diversas linguagens através da Cultura Digital. Na escola em que você atualmente ministra aulas há o incentivo da inserção da tecnologia na sala de aula?
- 11- Levando em consideração a escrita no período da pandemia quais recursos foram utilizados para que seu aluno não perdesse o contato com o escrever?
- 12- A tecnologia em sua opinião facilita o contato do aluno com a linguagem escrita?
- Caso sua resposta for positiva liste três benefícios, e se caso for negativa liste três dificuldades em relação ao uso da tecnologia em relação a escrita.
- 13- Você é um professor (a) que sempre incentivou a escrita e produção de textos nas aulas de língua portuguesa? Como foi e era trabalhado a concepção da escrita?
- 14- Qual a maior dificuldade encontrada por você quando propõe uma atividade que envolva a escrita antes das aulas em sistema remoto e durante as aulas no sistema remoto?
- 15- Na pandemia com o distanciamento e a mudança da sala de aula para o ambiente virtual você considera que o contato com a escrita ficou mais distante ou mais próximo?
- 16- Na sua opinião qual a maior dificuldade do professor de língua de portuguesa em trabalhar e incentivar a escrita nas aulas?

Fonte: Do autor (2024)

Perguntar é algo nato do ser humano, por isso é através dos questionamentos feitos que entendemos todos os processos por nós vivenciados e quando falamos da pandemia as inquietações borbulham, logo que foi um dos momentos mais atípicos para todas as áreas, mas para a educação foi um momento de rever, repensar e reconstruir parâmetros e no que tange a escrita para o professor de Língua Portuguesa manter essa prática foi conflitante.

Quando se enfatiza a escrita, os professores participantes entrevistados foram enfáticos reafirmando que sempre incentivaram a prática de escrever, antes e durante a pandemia, mas que os alunos de certo modo não se empenhavam e um dos principais fatores e por eles não serem bons leitores, por não se interessarem pela leitura e acima de tudo não terem disposição para prática mesmo sendo usado durante as aulas inúmeras ferramentas como vídeos, leituras coletivas, músicas e até mesmo o material fornecido pelo Estado de Minas Gerais que foi o PET¹ (Programa de Estudo Tutorado).

Para Moraes; Galliazzi (2016) a escrita não é um mero expressar de conhecimentos já perfeitamente constituídos, mas que representa ao mesmo tempo momento de concretização de novas aprendizagens, portanto compreendê-la é essencial para a construção da identidade de um período, haja visto que analisar como ocorreu a prática de escrever no ensino remoto é entender como foi o uso desta tecnologia que transcende a humanidade.

Cada professor participante trouxe consigo sua identidade, pois no discurso, o sujeito em questão se porta de acordo com que ele sente e entende, assim busca se adequar com a realidade que lhe foi proposta e assim internalizando o que mais lhe agrega e se faz refletir.

Em relação à análise de dados inicial, destacam-se as respostas obtidas em relação as questões n.º 04 e 05, onde foi indagado qual era o tempo de dedicação ao preparo das aulas, e se esse tempo se manteve igual, ou alterou no período pandêmico.

- (1) Nossa! Aí se tirar os turnos, né? Que eu trabalho dois turnos. Acredito que um terceiro turno de três a quatro horas preparando, selecionando textos, pegando exercícios, lendo. (Relato oral. P1)
- (2) Atualmente nenhum. Eu trabalho de manhã. Aí saio daqui onze e meia vou para outra escola, entro meio-dia e meio lá, saio às cinco e meia. Eu já saio morta da escola. Na pandemia eu me senti mais assim com tempo. Procurei cursos, inclusive do estado, teve aquele *Google Education* que eu tentei fazer, o tempo curso era muito rápido. (Relato oral. P5)
- (3) E no caso da pandemia o que pegou mais pra mim foi a questão tecnológica já que a minha internet não estava legal e além disso outras

¹ Os Planos de Estudos Tutorados (PET) foram apostilas formuladas pela Secretaria de Educação para que os alunos e os professores trabalhassem os conteúdos curriculares ao longo do período de isolamento social imposto pela pandemia.

formas de dar aula eu teria que aprender como manusear de acordo com as novas tecnologias que estavam chegando. Então quando não era pra planejamento em si era pra aprendizagem dessas novas tecnologias. (Relato oral. P3)

Percebe-se nos relatos de um a três (1 a 3) dispostos acima que as respostas foram bem mistas, onde alguns professores se sentiram com mais tempo para se dedicar, já que estavam em casa e tinham ali um refúgio, porque antes como transitavam de uma escola para outra, não tinham uma dedicação mais frequente por conta da correria do dia a dia.

Já, em contrapartida, outros relataram que o trabalho triplicou, pois, não possuíam aptidão com os recursos tecnológicos, e no início sentiram-se perdidos.

Destaca-se que os professores de certo modo procuraram cursos, tutoriais de atividades que fizessem com que a aula acontecesse, pois nenhum deles se sentia pronto para essa mudança, mas dentro de suas possibilidades e contextos fizeram de certo modo a aula acontecer, pois na pandemia teve-se a consciência que a sala de aula poderia ser em qualquer lugar ou ambiente.

Outro ponto importante durante a confabulação de dados é a participação dos alunos, fator este que foi elucidado por todos os professores participantes, onde o maior desafio para eles era fazer com que o aluno interagisse durante as aulas de forma assídua.

Na fala de um dos professores entrevistados se percebe que alguns alunos até se conectavam, porém deixavam o microfone desligado, não abriam a câmera e mal falavam quando o professor tentava uma aproximação mais dialogada, logo podemos notar essa indagação no relato abaixo:

- (4) Porque mesmo o aluno às vezes numa aula remota, não ligava a câmera, então não tinha como saber, mas se o aluno estava ali presenciando a atividade ou não. (Relato oral. P4)

Para o professor o contato é muito necessário, pois o aluno e que dá a ele o retorno, ou seja, a confirmação de que a aula está ou não acontecendo, e numa das falas durante a entrevista um professor-participante disse que a palavra que definia como foram as aulas durante a pandemia era resiliência e que esta característica era típica do educador.

Falar do ensino durante a pandemia com certeza é algo minucioso, logo que muitos professores e alunos não tinham o mínimo de recursos necessários para a realização de seu trabalho como computadores adequados, internet com uma boa conexão e entre outras coisas e

não podemos deixar de lado a falta de traquejo dos alunos para entender que naquele momento a tecnologia era uma ferramenta de aprendizagem.

O distanciamento ficou cada vez mais evidente fazendo com que o ato de escrever segundo os professores participantes ficasse cada vez mais escasso. Percebemos essa dificuldade de promover o contato com a escrita na fala de um dos professores participantes: “então o material proposto não trazia como sugestão. Em algumas aulas trabalhei algum tempo com *blog*.” (Relato oral. P2)

Fazer uma análise das contribuições demonstra o quão o discurso é amplo em relação a esse período, e podemos inferir que dentro desse prisma o interdiscurso de cada professor-participante se faz mais presente, pois cada um traz consigo um enunciado e uma maneira de vê-lo, ou seja, cada um enxergou este período por um prisma.

E é nessa formação de estilo que cada um constrói sua reflexão, pois ela será partilhada, e com isso haverá um diálogo que corrobora com as construções propostas pela pesquisa que é sondar como de fato foi o ensino da escrita nas aulas de Língua Portuguesa durante a pandemia.

Como qualquer enunciado, ele revela o direito e o avesso, portanto estudar e analisar a educação no período pandêmico é entender este direito e avesso e quando se fala de propagar o ensino da escrita pelas falas e contribuições nota-se que o professor se sentiu limitado.

Destaca-se essa aflição nas ponderações fornecidas pelos relatos cinco e seis (5 e 6) através das perguntas nº 06 e 08 em que foi perguntado como eles definiriam o ensino durante a pandemia e se houve consolidação quanto ao ensino da escrita (Relato 5) e prática (Relato 6) da escrita durante a pandemia nas aulas de língua portuguesa.

- (5) Nenhuma. Zero. Porque foi mais aula expositiva. Eu até tentava passar um trabalho de leitura. Aproveitei esse tempo pra ver se eles (alunos) faziam leitura e escrita junto comigo e então nenhuma prática aconteceu.” (Relato oral. P5)
- (6) Houve o ensino de gêneros textuais através dos PETs, mas não tem como nós falarmos que os alunos aprenderam, aprenderam e aprenderam, porque muitos alunos pegavam respostas uns dos outros e postavam no *Google Classroom*. Então não havia como nós verificarmos todas as imagens se pertenciam ao aluno ou não. Então não dá tanto pra saber se eles aprenderam. (Relato oral. P4)

Nas respostas denota-se que a prática de escrever na visão dos professores-participantes foi rasa, superficial e alguns afirmaram que nem houve, mas que mesmo assim

tentaram fazer através de atividades de leitura e dentro dos textos fornecidos pelo PET (Plano de Estudo Tutorado) aproximar o aluno do contato com a escrita.

O texto, e consequentemente a escrita, é um processo vivo, e uma realidade imediata de pensamentos, histórias e vivências, e no ensino de Língua Portuguesa se faz presente a todo instante, a prática textual e o exercício diário da linguagem dentro das suas diversas manifestações, assim o professor se vê expressivamente ligado a esta prática.

Contudo, a tecnologia é algo presente dentro da escrita, ou seja, a escrita hoje é interativa, ela pode ocorrer de diversas formas, mas como reverberar isso no manuscrito, já que escrever no papel não prende mais a atenção do aluno? Percebemos esta dificuldade nitidamente explicitada no relato a seguir:

- (7) A maior dificuldade de os alunos escreverem hoje vem do imediatismo e nessa era da tecnologia eles querem tudo rápido, respostas curtas e com poucas linhas, então não param para pensar e interpretar as palavras. (Relato oral. P2)

Praticar a escrita no mundo digital também não é algo atrativo na perspectiva dos alunos, por isso o professor se vê em um carrossel, pois naquele momento (pandemia) em que a escrita digital era a ferramenta que seria usada para que os alunos não deixassem de escrever não era vista como um mecanismo de aprendizagem.

Assim, a partir de toda bagagem que o professor trazia consigo, ele teve que usar de toda sua subjetividade para que o contato com o escrever se mantivesse, pois, todos os professores-participantes da pesquisa até o presente momento foram enfáticos em relação ao incentivo do uso da tecnologia em detrimento a linguagem interligando a BNCC, que muito se fala, mas pouco se faz.

- (8) Não, é só falado. Que nós temos que fazer aulas diferentes e eu fico pensando, aulas diferentes, o que eles julgam ser essas aulas?" (Relato oral. P5)
- (9) A teoria é muito linda frente a prática. O documento (BNCC) em si é fabuloso, as diretrizes, todos os eixos que ele propõe de trabalho dentro da Língua Portuguesa, na teoria é muito lindo. Só que quando nós trazemos isso para a nossa prática do dia a dia a gente se depara com vários obstáculos que acaba prejudicando a consolidação. (Relato oral. P1)²

² Em toda esta seção de entrelace dos dados para reforçar a ideia intercalou-se as percepções dadas pelos professores participantes da pesquisa a fim de enriquecer o texto e promover um diálogo. Os diálogos foram transcritos conforme a fala de cada professor participante.

A fala dos professores participantes, mencionadas acima nos relatos oito e nove (8 e 9), percebe-se como ministrar aulas durante o período pandêmico foi desafiador e mesmo às vezes não tendo a habilidade necessária, o suporte adequado, a não presença dos alunos, o professor se fez presente usando toda sua metodologia e a adaptando conforme era possível.

Entrelaçar as concepções dos professores dentro do texto tem como intuito promover de certa forma um diálogo entre a pesquisa, o referencial e pesquisador, já que o instrumento escolhido foi a entrevista, creio que fazer esse bate-papo trará a construção do texto mais dinamicidade e como nos lembra Morais; Galiazzi (2016), os textos são entendidos como produções linguísticas, referentes a determinados fenômenos e contextos, ou seja, são uma multiplicidade de sentidos.

A multiplicidade da escrita nos dá diferentes caminhos e possibilidades, assim estudar os fenômenos que permeiam o processo de escrever no período pandêmico é analisar como essa tecnologia se fez presente neste momento tão atípico em que o professor teve que repensar e criar jeitos de continuar o processo de ensino-aprendizagem. Destaca-se essa multiplicidade nos dizeres explicitados nos relatos dez e onze (10 e 11) a seguir:

(10) Nas aulas de Língua Portuguesa eu usei a digitação de textos, tinha questões que fazíamos juntos e eles (alunos) respondiam digitando nas caixinhas de respostas e fazíamos alguns questionários pelo Google Forms. (Relato oral. P2)

(11) Eu sempre trazia alguma coisa relacionada a internet como vídeos e os próprios recursos do *Google Meet* como a lousa e a caixa de diálogos. (Relato oral. P3)

A tecnologia e a escrita não são algo desvinculado e se pensarmos em todos os processos linguísticos que se formaram através dos recursos digitais, todos eles antes de navegarem na rede, provavelmente se originaram do rabisco de um estudioso que com um pedaço de papel idealizou o conceito a partir de teorias e análises, ou seja, ele escreveu sua criação.

Escrever é algo que está presente em nosso cotidiano, mas com a pandemia tudo mudou, se reinventou e se adequou, entretanto, sabemos que ninguém estava pronto para essa virada de chave que a pandemia ocasionou e falar que a tecnologia facilitou o processo vai depender muito de como cada indivíduo vivenciou e quando levamos essa vivência para a sala de aula, território nato do professor as concepções serão inúmeras.

Será que a tecnologia é uma facilitadora do ensino-aprendizagem? A tecnologia em sua opinião facilita o contato do aluno com a linguagem escrita ou dificulta? São questões que

percorrem a educação no período pandêmico e é um divisor de opiniões entre professores, pois querendo ou não tocou em uma dificuldade latente que envolve prática docente, metodologias e recursos e quando mesclamos o ato de escrever na discussão promovemos ainda mais entraves que percebemos nas falas dispostas nos relatos de doze a quatorze (12 a 14) explicitados abaixo:

- (12) Facilita, mas eu penso que os alunos ainda não sabem usar a tecnologia ao seu favor, quando falamos de aprendizagem. Eles dispersam muito. Eles usam para outros fins senão do estudo. Facilitaria se eles soubessem utilizar. Tivessem consciência né de como usar. (Relato oral P2).
- (13) A tecnologia em si facilitaria. E o mais importante seria o estado fornecer essa possibilidade ou a própria sociedade, porque nem todo aluno tem computador, às vezes ele tem computador, mas não tem internet suficientemente boa. Assim como ocorreu pra professores também, essa questão da internet. (Relato oral P3).
- (14) Quando o aluno usa a tecnologia, por exemplo, o aluno está escrevendo no *WhatsApp*. O aluno ali, ele formula a mensagem. Isso é uma linguagem rápida. De acesso rápido. Outras coisas que o aluno tem acesso, o aluno pode acessar um site de notícias, um site de alguma informação, porém o acesso do aluno nem sempre e pra meios educacionais, então tem que ter o professor orientando. (Relato oral P4).

Quando se conjectura a escrita com a tecnologia infinitas possibilidades se criam e em cada ideia que se liga nesse caminhar uma nova janela se abre. Contudo, o que mais fica perceptível é a certeza de que os recursos digitais são uma ferramenta de grande auxílio para aprendizagem, mas entendê-la como artifício para a construção do saber é algo que será analisado, estudado e pesquisado por muito tempo.

Portanto, neste presente momento de formulação de dados pretende-se apresentar algumas indagações referidas pelos relatos de cada professor como transcorreu a inserção da prática escrita no período pandêmico elencando as possibilidades vivenciadas com a finalidade de demonstrar quais recursos e práticas se fizeram presentes.

Dialogando com cada perspectiva dada pelos professores-participantes coteja-se desbravar o quão potente é o ato da docência, logo que cada um em sua *práxis* no ensino remoto imposto pela pandemia fez a aula acontecer, fez da sua casa a sala de aula e tentou construir com suas possibilidades o melhor jeito de fazer com que seus alunos continuassem seu percurso formativo.

Cada relato oral transcrito reflete como cada um desses professores se viram em frente a essa nova forma de dar aula, a cada palavra dita eles colocaram sua vivência e experiência,

medos, dificuldades e amor e nitidamente percebe-se todo este empenho e subjetividade nos relatos um, dois e três referenciados acima.

Por isso, não tem como falar deste episódio que foi o ensino remoto sem colocar o “eu” docente em evidência, logo cada professor vivenciou, sentiu e percebeu este momento de um modo e a partir suas percepções foram se construindo para que a interação ocorresse e assim o aprendizado fosse mantido.

Quando intercalamos o ensino da escrita correlacionando-o ao período pandêmico nota-se que no primeiro momento houve um certo distanciamento do modo de escrever tradicional, pois os professores se viram em um novo ambiente e tiveram que reanalisar sua maneira de interagir naquele novo lugar que surgia.

Não tão novo assim era o tal ambiente, pois sabíamos que a tecnologia já fazia parte da nossa vida, porém a usávamos somente como lazer e quando se questionou o quanto cada professor usava ferramentas tecnológicas como aporte para suas aulas antes do período pandêmico alguns relataram que usavam quando dava, outros disseram que até tentava incorporar, mas não tinham aptidão e todos foram enfáticos abordando o despreparo e a falta de maturidade dos alunos com o manejo tecnológico, logo vemos essas inquietudes nos relatos iniciais apresentados de um a quatro (1 a 4) no início da seção.

Manejo tecnológico foi de fato o que cada um de nós, professores, tivemos que construir neste momento, ou seja, entender como a Cultura Digital estava e está sendo inserida no ambiente escolar e quando questionado aos professores participantes da pesquisa como eles viam esse avanço cultural da tecnologia notou-se um certo receio, pois como já dito o uso de aparatos tecnológicos ficou mais evidente na práxis docente no momento em que a pandemia se instaurou e a sala de aula virou um conjunto de *links* e *downloads*.

Na maioria das vezes a Cultura Digital no âmbito escolar é vista como um *plus* a mais, ou seja, a carta na manga que o professor se utiliza para deixar a aula mais dinâmica, assim através da pergunta número dez que questionava: A BNCC dentro de suas competências e habilidades prevê o uso da tecnologia e suas diversas linguagens através da Cultura Digital. Na escola em que você atualmente ministra aulas há o incentivo da inserção da tecnologia na sala de aula? Logo, dentro desta questão procurou-se averiguar como o professor-participante via essa habilidade antes e durante a pandemia.

- (15) Sempre utilizei na rede estadual de forma assim mais limitada devido aos recursos mesmo. Salas com números insuficientes de equipamentos, internet não muito boa. Então tudo isso antes da pandemia ainda era pior porque fica tudo na mão do professor. (Relato oral P1).

- (16) Existe sim um incentivo, porém a internet, WiFi da escola não é muito boa e há poucos aparelhos e você ficar quinze minutos de aula ligando e desligando e se deslocando com os alunos e se houvesse, por exemplo, televisores em cada sala com internet ia facilitar muito. (Relato oral P4).

Denota-se, a partir dos relatos exemplificados em 1(15) e (16), supracitados acima, que os professores participantes do estudo tinham consciência da pungência da tecnologia no espaço escolar, contudo o que mais dificultava e dificultou sua inserção foi a falta de recursos, péssima conexão e o despreparo do professor, logo que muitos dentro de sua formação não tiveram o incentivo e nem conteúdos voltados para o uso da tecnologia e cada um adequou sua prática conforme suas habilidades e contexto.

Por mais que a BNCC intensifique o uso da linguagem com o enfoque na utilização dos recursos tecnológicos percebe-se que para o professor isso ainda é uma realidade muito distante e nem tudo que está ali, descrito nas habilidades propostas pelo documento irá conseguir ir de encontro com a sala de aula, pois existe ainda um distanciamento estrutural que limita a realização de vários elementos ali preconizados.

Interligar a Cultura Digital no espaço escolar é algo que será construído gradativamente e com o advento da pandemia, com a instauração do ensino remoto pudemos perceber o quão valioso é relação da escola com a tecnologia, e o quanto ainda estamos distantes dessa integração, por isso contextualizar esse momento é se inserir neste discurso proposto para o período pandêmico, logo o professor, enquanto sujeito do processo, proporcionou práticas que fizessem com que seu aluno não se distanciasse do conhecimento.

Como nos dizem mais uma vez Moraes; Galiuzzi (2016), de uma unidade de contexto, em geral podem derivar-se várias unidades de significado, portanto esses fragmentos que surgem no decorrer do processo se mistificam em construções que nos fazem entender e perceber como a construção subjetiva do professor é primorosa para a adequação do espaço, tendo em vista que quando falamos de estudo remoto o espaço, ou melhor o *ciberespaço* se fez pungente e a partir dele novas maneiras de manter o contato com o registro escrito foi se criando e moldando.

Escrever é uma construção da identidade para a compreensão do mundo, assim deixando através de registros nossas passagens, nosso discurso, portanto, “um mundo da vida forma o horizonte de processo de entendimento, com os quais os participantes concordam ou discordam sobre algo num único mundo objetivo, num mundo social comum a eles ou em mundo subjetivo” (HABERMAS, 1987, p. 88)

Subjetivar é um exercício que o professor conhece bem, pois é através das perspectivas que se formam que a construção do ensino e aprendizagem ocorre e se tratando do ensino remoto, o que mais ocorreu foi a criação de métodos, inovações para que a sala de aula não deixasse de existir.

Contudo, ao levarmos toda essa subjetividade para o ensino da escrita, o professor de Língua Portuguesa, conforme se viu nos relatos dispostos acima, destacando os de nº 10 e 11 (dez e onze), adequou sua prática da melhor forma possível para que a construção do conhecimento fosse de encontro ao aluno, assim usando as ferramentas digitais disponíveis a ele, analisando-as e tentando entender como seria essa como seria e transposição do ensino presencial para o remoto a partir de seu contexto.

Partindo deste pressuposto e como nos infere Marques (1997), na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos, tendo em vista que as incertezas neste processo foram inúmeras, logo o professor teve que desmistificar toda a sua forma de lecionar revendo sua didática e ao longo do processo repensando toda sua prática docente, ou seja, reformulando seu tempo e seu jeito de ensinar.

(17) Umas três horas. No período pandêmico teve mais, porque como era remoto então exigia você fazer apresentações, exigia fazer coisas mais elaboradas em programas diferentes. Então isso demanda tempo. (Relato oral. P4)

Assim como já mencionado no início do entrelaçamento dos dados o tempo e a disponibilidade foi algo impactante fazendo com que esse professor além de ministrar o conteúdo, ele também devia, dentro de sua demanda trabalho, procurar meios que fizessem a aula acontecer, logo podemos perceber no relato acima (17) a sobrecarga que foi imposta ao profissional na busca de materiais, jeitos e formas para com que a matéria fosse dada e a prática do escrever mantida.

(18) Eu trabalhava muito com a escrita em caderno. Principalmente nos anos finais do ensino fundamental, sexto e sétimo ano, principalmente nesta faixa etária eu incentivava o uso para eles não perderem o contato com o escrever. Aí tinha aqueles engraçadinhos que diziam “fessora” eu posso fazer no computador? Eu posso imprimir e colar? Eu sempre os forçava a escrever. (Relato oral. P1)

Na percepção acima (18) notamos o quanto o poder da subjetividade docente foi utilizado em todos os momentos que permearam o ensino remoto, tanto nas elaborações das

aulas, quanto na forma de fazer o conteúdo ir ao aluno. O professor se movimentou e readaptou a forma de ensinar dentro de suas possibilidades e lugar.

As exigências foram muitas, o desgaste também, contudo cada educador a sua maneira oportunizou ao seu aluno a melhor forma de construir em conjunto o conhecimento, e neste momento de pandemia ambos traçaram dentro das perspectivas possíveis o melhor caminho, assim mesmo com as turbulências vindas do processo, como a falta de conexão o aprender de se manifestou de alguma forma.

6 REFLEXÕES E DISCUSSÕES: CONSTRUINDO A PERCEPÇÃO ACERCA DA ESCRITA

Refletir é construir a partir de análises uma percepção. Percepção é construir o entendimento em relação aos sentidos aflorando nossas sensações. Na Língua Portuguesa existe uma figura de linguagem, que é um recurso estilístico da escrita que se chama sinestesia. Sinestesia é compreendida como o cruzamento de sensações associando-se as palavras ou expressões a fim de nos fazer refletir sobre algo, portanto

a percepção está relacionada à atitude corpórea. Essa nova compreensão de sensação modifica a noção de percepção proposta pelo pensamento objetivo, fundado no empirismo e no intelectualismo, cuja descrição da percepção ocorre através da causalidade linear estímulo-resposta. Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo. (NÓBREGA, 2008, p.142)

O ensino remoto pode ser compreendido como uma sinestesia, uma movimentação corpórea do mundo educacional, pois desde sua implementação em decorrência do COVID-19, professores e alunos se viram em uma posição que nenhum deles projetaria imaginar, aliás a sociedade como um todo nunca imaginou que o distanciamento social iria acontecer, assim um misto de sensações transitou em nosso imaginário.

Sensações que nos distanciaram do contato social físico e nos transportaram para o contato social virtual, a tecnologia agora era o que nos conectava com o mundo literalmente. Todos nós já tínhamos noção que os aparatos tecnológicos iriam nortear a comunicação e interação, mas o convívio entre seus pares iria continuar, mas com a chegada da pandemia tudo mudou e uma nova forma de convívio se criou, mas será que estávamos preparados?

A resposta é não! Não, porque víamos a tecnologia como uma forma de lazer, descontração, conexão e entre outras funcionalidades e não como uma forma de vida, logo que com a pandemia tudo passou a ser feito via rede, inclusive a ação de estudar.

Contudo, bem antes da pandemia tínhamos o EAD (Educação a distância), modalidade de ensino que ganhou força no início da década 1990 e trouxe aos alunos uma flexibilidade para a continuação de seus estudos, visto que a facilidade de se estudar em casa, no trabalho ou em qualquer lugar foi um atrativo para quem necessitava dessa acessibilidade.

O ensino remoto proposto pela pandemia difere do EAD, pois refere-se a uma solução temporária para o distanciamento proposto em decorrência da proliferação do vírus da COVID-19 para que às aulas acontecessem, sendo que o ERE não é uma modalidade de ensino e sim uma forma de minimizar os prejuízos inerentes à interrupção do ensino presencial, portanto nesse momento,

Por meios digitais (videoaulas, conteúdos organizados em plataformas virtuais de ensino e aprendizagem, redes sociais, correio eletrônico, blogs, entre outros); por meio de programas de televisão ou rádio; pela adoção de material didático impresso com orientações pedagógicas distribuído aos alunos e seus pais ou responsáveis; e pela orientação de leituras, projetos, pesquisas, atividades e exercícios indicados nos materiais didáticos. A comunicação é essencial neste processo, assim como a elaboração de guias de orientação das rotinas de atividades educacionais não presenciais para orientar famílias e estudantes, sob a supervisão de professores e dirigentes escolares. (BRASIL, 2020a, p. 08-09).

Vimos através dos relatos dos professores participantes do estudo que quando o ERE se tornou realidade um pânico ecoou, logo tudo saiu da rotina, a sala de aula deixou de ser um ambiente confortável e migrou para um outro que diferia da realidade escolar brasileira e por mais que a tecnologia já estava ali inserida no dia a dia docente, o seu uso era esporádico, ou seja, ela não era algo instaurado na práxis.

A percepção a priori era de o que vamos fazer? Será que isso irá durar muito tempo? Bom, já sabemos que incontáveis incertezas foram produzidas, logo ninguém estava pronto para essa reviravolta, mas além de toda a dificuldade vivenciada e partindo do desafio que foi o ensino remoto, compreender a sinestesia docente é relevante, sendo assim a visão de quem estava na linha de frente nos dimensiona como foi ensinar nestas condições adversas.

O estudo proposto está sendo redigido através de palavras, logo entender seu uso neste contexto pandemia nos fará refletir como a escrita coexistiu dentro do meio digital e assim através dessa indagação o objeto de pesquisa formou-se e perante aos discursos de quem usa

este elemento como matéria-prima, que é o professor de Língua Portuguesa conseguiremos perceber como foi promover a prática do escrever.

Desconstruir o escrito é uma maneira de entender o que a palavra quer nos contar, portanto o texto é o principal instrumento transmissor do que a percepção nos emerge, sendo assim a construção que cresce a cada experiência, mas nesse processo abrimos gavetas que nos fazem refletir o quão poderosas são as palavras.

Moraes (2004), nos diz que nós sabemos por experiência própria, que em toda tradução existe alguma traição e que em toda interpretação existe reconstrução por parte daquele que interpreta, ou seja, a subjetividade é presença constante no ato de escrever e compreender.

Conjecturando a reflexibilidade do processo educacional que foi proposto em relação ao ensino remoto discorremos agora alguns tópicos de como foi para o professor de Língua Portuguesa promover o contato escrito durante as aulas. Logo traçaremos percepções construídas em consonância com os relatos dos professores entrelaçando-os na estruturação dos dados.

6.1 O ENSINO DA ESCRITA

Para iniciarmos todo este percurso do ensino da escrita cito aqui alguns versos do poema “Romance das palavras aéreas” escrito brilhantemente por Cecília Meireles em que ela nos demonstra o tão potente é a palavra.

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

(MEIRELLES, 1967, p.560-561)

Palavras são ventos que nos direcionam e nos fazem viajar além muros, muros estes que no período pandêmico ultrapassaram a sala de aula e foram verbalizar-se no ciberespaço, espaço esse em que a palavra foi tida como ferramenta essencial na percepção oral, tendo em vista que o professor a usou como ferramenta para comunicar-se com seu aluno por meio de áudios, vídeos, plataformas e outros inúmeros aparatos tecnológicos. A palavra deu voz ao professor.

Para o professor de Língua Portuguesa a palavra é sois, pois elas iluminam a trajetória criativa e sensorial, aguçando o saber, saber que foi proposto atrelando prática, subjetividade e

experiência, pois o experimentar é que possibilitou ao professor criar estratégias para que o seu aluno não perdesse o contato com a escrita.

Logo, podemos inferir nos relatos apresentados nas seções iniciais do texto, principalmente no item entrelace dos dados, como cada educador em meio ao ERE fez para com que a escrita mesmo que subjetivamente permeasse o âmbito da sala de aula, assim através dos mecanismos existentes promover o uso da palavra em consonância com os aparatos tecnológicos disponíveis em detrimento da linguagem escrita.

Reputamos o quão complexo é o ato de escrever sendo uma potência que causa medo, pois a palavra tem o poder de esclarecer ou confundir e a medida em que ela vai tomando forma através dos textos, o interlocutor é que terá o discernimento de mensurar o tanto que cada linha escrita transmutará dentro de si, portanto como nos contribui Houaiss; Villar (2009), a palavra compreende e agrega significados como o espírito de complacência para com as dificuldades bem como de estabelecer o conjunto de características, qualidades propriedades contidas em um conceito e de comunicar com coerência a mensagem.

Escrever é uma tecnologia complexa que nos requer muita perspicácia, por isso temos que levar em conta todo o processo que o sujeito já traz consigo, ou seja, sua bagagem e mesmo que pequena, cada um de nós no processo linguístico temos um conhecimento prévio e podemos usá-lo para aprimorar cada vez mais a escrita.

Quando referenciamos o ato de escrever com o estudo pandêmico é notório perceber que a escrita talvez não tenha acontecido em sua gênese, uma vez que o professor teve que readequar o formato de como essa ação iria transcorrer, já que como mencionado, a sala de aula foi transportada para o meio digital, por conseguinte a escrita seguiu parâmetros mais tecnológicos de se fazer presente através dos *emojis*, pictogramas, *emoticons* e entre outras formas simbólicas.

Voltemos na premissa de que as palavras são ventos, ventos que saíram do livro e foram para tela, saíram do papel e foram para o *slide* e todo esse percurso é natural, pois a cada dia percebíamos que o mundo estava em constante transformação.

Iniciar esta seção com um belo poema foi algo proposital, uma vez que não tem como falar de escrita sem deixar de ovacionar o seu poder de sedução. Escrever é literalmente seduzir o leitor com dádivas vocabulares chamadas de palavras, que nos elevam a mais nítida percepção do mundo.

Contudo, para chegar nas perspectivas aqui analisadas, por meio das entrevistas, o corpus do estudo se fez, por isso pelas contribuições sonoras (relatos) de cada professor-participante construiu-se cada linha deste texto.

Escrever é um processo que não acontece repentinamente e algo que se constrói degrau por degrau, produzir um texto é um processo, logo “o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, e, principalmente, o trabalho com a produção textual escrita, não deve ser abordado a partir de modelos de certo e errado, como produto pronto e acabado quiçá fechado em sim mesmo” (GARCIA; THESSING; DE LIMA, 2021, p. 19).

O escrever é ação contínua, é percepção, é vento, janela, gaveta, portas, logo é possibilidades de construção que vem de uma reflexão, portanto a gênese da escrita está na percepção que o sujeito produz a partir daquilo que ele quer transbordar, por isso os relatos de uma forma geral aqui entrelaçados pelos professores-participantes construíram-se de acordo com o que cada um viu e sentiu durante o seu trabalho através do ERE.

O professor de Língua Portuguesa traz consigo neste processo a sua transformação, transformação está que ocorreu a cada dia que ele adentrava às salas de aula virtuais e em conjunto com o seu aluno escrevia mais um capítulo desta jornada.

Assim como como nós acalanta Cecilia Meireles com seus versos de abertura, tudo então se transforma e cria forma. Forma que disforma, logo vimos que mesmo com toda sua sagacidade, o professor e nem o aluno estava pronto para toda essa ventania que chegou com o período pandêmico, todavia em meio ao tornado, ambos fizeram o seu máximo para que o contato com o escrever permanecesse.

6.2 A ESCRITA E SEUS INÚMEROS LETRAMENTOS

Quando escrevemos deixamos registrado nossa perspectiva sobre algo, assim tudo que registramos fica guardado, logo poderemos sempre que se fizer necessário revisitar. A escrita eterniza momentos, ou seja, ela executa a ação de letrar aquilo que foi dito, sentido e percebido.

Falar de escrita é falar de infinitas formas de letramentos, sendo que há variadas maneiras de deixar registrado os nossos momentos eternizando-os através de fotos, áudios e vídeos e hoje com as redes sociais, por exemplo, qualquer ação feita é celebrada e deixada guardada no nosso *feed* da vida.

Com o advento pandemia a necessidade de compartilhar todos os anseios vividos tornou-se um jeito de minimizar os medos deste momento tão difícil, já que as conexões só

ocorreram por meio do mundo digital, entretanto não foram todas as pessoas que conseguiram manter essa ligação, mas cada um à sua maneira conviveu com o distanciamento.

Trago aqui uma percepção do que pode ser entendido desse letrar, alguns versos traduzidos do poema “O que é letramento?” de uma estudante norte-americana, Kate M. Chong escrito no ano de 1996 onde ela retrata um relato pessoal do que é viver esse letrar, texto que foi publicado na revista *Portfolios in Teacher Education*.

“Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
de uma habilidade,
nem um martelo
quebrando blocos da gramática.
Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.
Letramento é, sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem é você é,
e de tudo que você pode ser.”

(M. CHONG, 1996)

Em cada verso acima podemos observar o quão intensificador é o escrever, é algo que vem do coração, portanto quando referenciamos a escrita temos que ter em mente que é uma ação múltipla e que ocorre de maneiras diferentes a partir da intenção de cada interlocutor.

No período pandêmico a interlocução foi primordial para que o professor a partir as inúmeras formas de letramentos, criassem estratégias para que o contato com a escrita ocorresse de alguma forma, logo o uso de alguns artifícios digitais fez-se presente, por isso como nos fala Silva (2012), o padrão de comunicação unidirecional, que estabelece o fluxo linear emissor – receptor, não atende mais à realidade, quando a comunicação se torna multidirecional.

Partido deste princípio de multidirecionalidade e com a inserção da Cultura Digital cada indivíduo pode ser emissor e receptor de sua mensagem, assim dentro de seu contexto ele reformula a interação propondo colaborações que se interligam com a escrita convencional e digital.

A sala de aula no momento pandêmico foi inteiramente multidirecional e variados letrares puderam ser percebidos, contudo para o professor de Língua Portuguesa manipular esta vastidão linguística em conjunto com os mecanismos digitais não foi um exercício fácil e como já foi referenciado nas seções acima, a falta de traquejo e não conexão foi uma das infinitas dificuldades encontradas.

Produzir a escrita é um processo, é um letramento constante que se constrói diariamente a partir de análises, interações, leituras que nos fundamenta, portanto escrever é uma ação do consciente e do inconsciente e um jogo interativo entre o pensar e o agir.

Cada professor-participante do estudo dentro de suas percepções listaram seus letramentos, ou seja, demonstraram através de suas falas como foi para cada um deles o lecionar no período pandêmico, cada contribuição foi um lampejar de como se viram neste momento anômalo da humanidade.

Letrar e ensinar são palavras que carregam em sua magnitude a essência do que é a linguagem em sua forma mais pura, logo podemos depreender que para o professor de Língua Portuguesa ensinar a escrita durante a pandemia foi usar a linguagem ao máximo miscigenando-a com os recursos digitais a fim de promover conexões com seus alunos em consonância com ambiente em que ambos estavam inseridos.

Os versos do poema que se inicia o tópico nos dizem bem o quão poderoso é o letrar. Letramento que se ramifica em possibilidades de compreensão, entendimento, troca e partilha de conhecimento que ultrapassa a linguagem escrita, pois escrever é muito mais que registrar, escrever é deixar suas emoções através das palavras.

Na pandemia, a linguagem possibilitou com que o professor pudesse explorar toda a magnitude do letrar, ele fez do mundo cibernético a sua linguagem e mesmo às vezes não entendendo como era viver neste mundo de botões e *links* cada um a sua maneira coexistiu neste ambiente fazendo com que a aula acontecesse.

A prática do escrever é uma das vastas possibilidades de letramentos, portanto analisar sua estrutura detém observação, assim

escrever é enfrentar é o desconhecido, é preciso calar nossas próprias vozes interiores para escrever, antes de escrever, nada se sabe do que se vai escrever, a menos que se queira apenas copiar o já escrito ou dito, ou menos o já pensado por nós. (MARQUES, 1997, p.42)

Talvez a escrita na perspectiva pandêmica foi uma escrita do desconhecido, posto que o professor levava para as aulas online o letrar que ele entendia, logo dentro de suas percepções apresentava-os aos seus alunos e mesmo às vezes não tendo o retorno esperado, no outro dia estavam lá diante as câmeras, portanto como nos foi dito no entrelace dos dados, resiliência foi a palavra motriz do professor, ou seja em cada aula o contato com o escrever era apresentado de um jeito.

Parafrazeando nosso saudoso Chacrinha³, quem não se comunica se trumbica, por isso quando nos referimos ao letrar, ao letramento temos que ter em mente que tudo isso é um conjunto de comunicações, manifestações que se constroem baseando-se nas interações que cada indivíduo faz no seu percurso, ou seja, é um reflexo de todas nossas ações.

Escrita é discurso, discurso é escrita, um é anômalo ao outro, são partes que se trumbicam gerando luz e sombra, pois escrever como já foi mencionado é uma tecnologia complexa que requer tempo, sendo assim um exercício de idas e vindas e para o professor de Língua de Portuguesa apresentar este gigantesco mundo da prática do escrever em meio a uma pandemia foi com certeza um letramento da resistência que desvencilhou obstáculos e dentro de suas acepções foi se construindo e persistindo.

6.3 O ANALISAR DA ESCRITA

Quando escrevemos trazemos à tona a nossa linguagem, portanto é uma forma de deixar gravado o que se foi dito, pensado, pesquisado e analisado. Escrever é persistência da existência. O engendramento desse estudo é analisar como se deu a escrita a partir de percepções de professores, contudo é esmiuçar cada experiência vivenciada, a fim de analisar.

A análise dentro de um estudo é peça principal, pois é ela que nos fornecerá as categorias que serão estudadas através dos relatos dados pelos professores participantes e expostos durante o texto criando assim as unidades de sentido que são o elemento que nutre o *corpus* da investigação.

Produzir escrita é investigar através das palavras o que está sendo pensado, consequentemente, o professor que trabalha com a língua faz esse processo diariamente, mas como será que foi para esse educador acostumado com livro manuscrito migrar para o digital?

Notoriamente para entendermos a questão acima, enfatizo o relato (3) presente no início dos entrelaces dos dados onde percebemos que não foi algo confortável para o professor a transição, deste modo as oscilações propostas pelo espaço digital, a falta de manejo é o que mais causou estranheza.

Desde o primeiro rabisco até o texto propriamente dito passamos por diversos processos construtivos que nos conectam com a palavra trazendo para a escrita a constância necessária e isso só é possível através da formulação da análise, logo “o processo analítico dos dados se sustenta em técnicas específicas de análise concebidas aqui não como conjuntos rígidos de

³ José Abelardo Barbosa de Medeiros, mais conhecido como Chacrinha foi um importante comunicador de TV e rádio. Ele fez história na comunicação brasileira por sua irreverência apresentando programas de auditórios onde a linguagem era sempre apresentada de forma viva e pungente.

procedimentos, mas como conjuntos de orientações, [...] reconstruídas em cada trabalho”. (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 163).

O professor de Língua Portuguesa dentro de suas perspectivas em relação ao ensinar a escrita no período pandêmico é o nosso processo analítico, uma vez que a cada corroboração por ele dada, as unidades de sentido foram se criando para que o metatexto fosse criado focando-se no que para ele foi ser docente neste período.

Ser professor de Língua Portuguesa durante o ensino remoto foi muito mais que um desafio, pois o preparo para tal situação aconteceu na prática, no momento e cada professor procurou a linguagem que mais lhe cabia, aquela que se encaixava no seu contexto, por isso a análise é além escrita, porque a cada depoimento dado é a percepção única daquele indivíduo sobre o que ele experienciou.

Analisar como se deu a escrita nas aulas Língua Portuguesa é ultrapassar o espaço sala de aula, que na pandemia foi em qualquer lugar, canto e maneira. E ir além do que a aula pode ser, traduzindo a cada expectativa dada como foi produzir escrita nesse momento.

Digitalmente será que se produziu escrita? Já que a tecnologia foi uma aliada neste momento para que o ensino ocorresse, contudo vimos nas contribuições dos professores participantes que algumas intempéries foram proporcionadas com a inserção do mecanismo digital nas aulas, sendo o mais comum a falta de traquejo e vivência dessa ferramenta.

O foco desta seção a priori é falarmos da análise do escrever, logo tem como fundamento enfatizar que a escrita tem diversas faces, mas manejá-la no ensino ERE não foi tão fácil.

Quando se questionou aos professores participantes da pesquisa se teve como incentivar o os alunos escreverem ou manterem o contato com o escrever notou-se que mesmo diante se toda dificuldade as tentativas foram feitas.

(19) E aqueles que participaram sim foi possível elaborar aulas muito criativas, foi possível fazer propostas interessantes em cima dos PETs. Mesmo assim a gente tinha como fazer umas propostas, mas como a participação dos alunos era limitada, o alcance desses projetos também foram muito pouco. (Relato oral. P1)

(20) Quando eu trabalhava a escrita com eles (alunos) a gente tentava, eu tentava pôr para fazer escrita conjunta criando vídeos e através disso criarem uma reportagem, por exemplo e em cima dessa atividade tentar produzir uma crônica e sempre tentando promover essa escrita em conjunto. (Relato oral. P5)

Podemos destacar tanto nos relatos acima (19 e 20), quanto nos que estão espalhados pelo texto que o contato com o escrever ocorreu, e que a partir das especificidades de cada aula

os professores propuseram atividades que o enfoque era a produção escrita, mas nem sempre o resultado almejado era alcançado, já que nem todos os alunos tinha talvez o interesse ou mesmo ferramentas para participarem.

Cada aluno trouxe consigo um conhecimento prévio do que é produzir textos escritos, afinal essa prática é comum nas aulas de Língua Portuguesa, mas no ERE algumas adaptações ocorreram, então coube aos professores levarem para novo espaço de aprendizagem esta adaptabilidade mediante aos recursos que eles tinham nas mãos.

Como destacou-se o P1 no relato (19) deu para promover aulas criativas de acordo com as possibilidades existentes onde a escrita se fazia presente, e acredito que a criatividade estava presente em todo momento e cada educador dentro de suas expectativas promoveu a seu aluno a melhor aula possível.

Escrever é criar expectativas, portanto analisar os processos escritos nos dá uma noção do quão vasto a linguagem é, e com a chegada da pandemia analisar, tampouco registrar como foi para a educação coexistir neste momento nos faz refletir o quanto nossa subjetividade se fez necessária possibilitando que a aula chegasse.

Ensinar a escrever não acontece da noite para o dia, é um ato que se constrói constantemente a base da frequência de como você o exercita, conseqüentemente escrever é como se fosse um armário cheio de portas e em cada uma delas infinitas possibilidades surgem e emergem, logo podemos perceber essas tentativas de construir a escrita no dizer do P5 enfatizado no relato (20).

Como nos afirma Geraldi (1984), a linguagem é instrumento para o pensamento, portanto ela nos fornece o elemento analítico, assim quando levamos em conta toda a sistemática do ERE, a linguagem foi pensada de acordo com que se estava vivenciado neste momento, tendo em vista as perspectivas que se apresentavam.

Fazer uma análise da escrita no mundo digital é perceber que a cada dia a linguagem se modificará criando assim símbolos e jeitos de se apresentar, pois linguagem é vida que nos faz refletir e entender o mundo onde estamos inseridos, por isso como nos diz Chartier (2002), a relação do texto com seu suporte se constrói historicamente e é responsável pelos modos como concebemos a produção escrita.

Conceber a produção escrita no ensino remoto para o professor de Língua Portuguesa foi trabalhar com adversidades que os tiraram da confortabilidade, eles começaram a entender que se era difícil promover a prática textual em sala de aula no sistema convencional, na

realidade remota mesmo com a tecnologia e a Cultura Digital proposta pela BNCC o escrever foi dificultado pela falta de conexão tanto humana, quanto virtual.

6.4 O DIGITALIZAR DA ESCRITA

A Cultura Digital e o avanço da tecnologia trouxeram inúmeras formas de apresentar a linguagem e fazendo com que a cada dia, a interação se apresentasse de um jeito. A foto passou a ser armazenada em feeds, ao invés de escrever, mandar um áudio é mais rápido, mas será que toda essa agilidade substitui o registro escrito?

Como já se enfatizou anteriormente, a escrita é uma tecnologia complexa, logo partindo de toda esta complexidade, seguindo o pensamento de Lévy (1993), que inclui as tecnologias de escrita entre as tecnologias intelectuais, responsáveis por gerar estilos de pensamento diferentes, sendo que escrever é pensar, pois antes de gerir os textos nós o pensamos, a ideia gerada é que virará a página escrita.

A era digital possibilitou avanços inimagináveis, porém mesmo com toda essa facilidade cibernética na pandemia vimos o quanto ainda estávamos despreparados para usufruir dessas funcionalidades que a rede nos proporcionava e quando levamos esses enredamentos para o ambiente escolar algumas discrepâncias aparecem como por exemplo a falta de tino dos alunos em relação ciberespaço ressaltado no relato abaixo:

(21) Como eles (alunos) ainda não tinha maturidade como por exemplo quando você faz um EAD onde você cria uma rotina e para o professor a questão do tête-à-tête tem como você cobrar, observar e sentir mais o seu aluno. (Relato oral. P3)

Contudo, não podemos deixar de enfatizar que talvez esta falta de manejo dos alunos e dos professores em relação ao ERE se fez porque foi algo imposto, logo toda a reviravolta proposta fez com que inúmeras formas de interação fossem utilizadas e conseqüentemente houve de certo modo uma sobrecarga, assim tornando o processo desmotivador e confuso.

Falar de escrita digital é falar de múltiplas formas de comunicação e nas aulas em sistema remoto os professores de Língua Portuguesa tiveram de usar de toda sagacidade para fazer dessa heterogeneidade tecnológica uma aliada para que o contato com a escrita mesmo que virtual ocorresse, entretanto em alguns momentos toda essa diversidade trazia um peso e o professor sentiu-se perdido.

Incentivar a escrita para os professores é vista como uma tarefa complicada, já que o hábito de tecer textos manuscritos nos dias de hoje está esvarrendo-se. O bloco de notas hoje

está na palma das mãos através de *smartphones* cada dia mais tecnológicos, o livro agora virou *PDF*, ou seja, é mais fácil e ocupa menos espaço, contudo a escrita convencional não está abolida, ela só se adaptou ao tempo.

Escrever é fundamental para a nossa construção linguística e a cada produção nós nos aprimoramos enquanto indivíduos pertencentes à sociedade, logo como nos indaga Paz (1999),

Escrever é estender uma mão, abri-la, buscar no vento um amigo capaz de apertá-la. É uma tentativa de criar uma comunidade. E nada mais. O ato de ler o mundo, de (re) escrevê-lo é um ato de tradução e de reconciliação com o outro, porque ganha sentido a partir do saber em jogo com a experiência linguística (desafiante e perturbadora), de reconhecimento e que traz à tona o que nós próprios desconhecíamos. (PAZ, 1999, p. 351)

Consequentemente podemos entender a escrita na era digital como uma forma de ver o mundo, um mundo que está além telas e que se interliga por meio de nós em uma infinita conexão abrindo janelas e maneiras de ligar-se ao local em cada escrevente está inserido.

Nas aulas de Língua Portuguesa a escrita por vezes se manifesta através de textos que são apresentados em sala seguindo uma certa lógica estabelecida pelo livro didático que é a ferramenta mais notória do professor, mas a partir da BNCC vimos que o ensino de Língua Portuguesa passou por uma reformulação em que o cotidiano, a tecnologia e o conhecimento prévio desse aluno transpareceram-se mais na hora de se propor uma atividade.

Com as percepções dispostas nas seções acima podemos perceber que a cada dificuldade apresentada, os professores participantes da pesquisa também discorriam ações que ambos fizeram para que seu aluno não ficasse aquém da habilidade de produção escrita e mesmo que fosse uma atividade de digitação, de leitura ou audiovisual, a prática do escrever estava ali mesmo que de maneira subtendida, o aluno tinha o contato.

Contato é a palavra que define a escrita digital, pois é a partir do conectar que cada simbologia estabelecida vai se formando e criando o processo de comunicação por meio da interação. Interação que reformula ideias, que cria discurso e releituras de escritas que já se fizeram criando entre os sujeitos laços.

O mundo digital nos trouxe a praticidade em todos os aspectos que regem a vida humana, logo a escrita não ficaria de fora e a partir dos códigos conectivos que se se formavam mediante as ferramentas propostas o ato de escrever se moldaria aos ambientes propostos em consonância aos inúmeros letramentos existentes, pois “(...) o letramento está imbricado nas atividades diárias das pessoas, tratando-se de um fenômeno que não se restringe à escola, mas

que é exercitado em diferentes locais e de diferentes maneiras pela sociedade.” (TERRA, 2013, p. 47).

O letrar digital foi uma prática que ultrapassou à escola, pois todos os professores mesmo que indiretamente o usou, todavia para o professor de Língua Portuguesa o letramento digital se fez presente como um aliado e mesmo que talvez o professor não o dominasse, algum resquício de sua utilização aparecia na prática cotidiana através das atividades que foram propostas nos ambientes virtuais de aprendizagem e que podemos perceber nos relatos (10), (11) e (20).

O texto é uma ferramenta multimodal que se mescla às imagens, aos símbolos e sons, assim promovendo uma bela dança linguística com o intuito de propagar a interação entre os indivíduos, portanto o texto é um a ferramenta social que está presente tanto no mundo físico quanto no mundo digital.

O digitalizar da escrita é uma forma de nos mostrar que ela não parou no tempo e que a cada avanço tecnológico o ato de escrever estará presente sim, porém se adequando a cada lugar, pessoa e realidade a fim de promover o contato, ou seja nos fazendo a refletir sobre as tradições orais e sobre os gêneros, considerando assim, “as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram” (BNCC, 2017, p. 79.)

7 A ESCRITA QUE LIGA E INTERLIGA: PERCEPÇÕES...

Nos tópicos acima o ato de escrever foi associado a quatro pilares atrelando-se ao ensino da prática escrita, o letramento, a análise e a digitalização. Cada um deles representam uma das infinitas ações que se podem criar a partir da escrita, pois o escrever como já foi dito é algo atemporal e multimodal, ou seja é uma ação que se adapta historicamente a cada processo de construção da humanidade.

Podemos inferir que quando referenciamos a escrita ao ensino remoto o primeiro aspecto que nos vem é o analisar, uma vez que cada professor no primeiro momento refletiu o que poderia ser feito para que o ensinar permanecesse durante todo o distanciamento proposto, portanto, a análise foi algo primordial para a tomada de decisão e o pontapé inicial de todo processo de instauração do ERE.

O caminhar durante às aulas em sistema remoto não foi fácil, os professores, alunos e escola se viram em um espaço inimaginável. A tela causou estranheza e no primeiro impacto

desconforto, mas aqui a questão é: Ocorreu prática escrita na pandemia durante o ensino remoto nas aulas de Língua Portuguesa?

Desde o início do escrever desta pesquisa, o mote para todo estudo são as percepções de professores em relação ao escrever apresentadas a partir dos relatos orais acomodados por todo o texto, a fim de perceber como o ensino transcorreu na pandemia averiguando a inserção da Cultura Digital em consonância com a BNCC.

Assim, pelos relatos até agora apresentados nota-se que as acepções adquiridas pelas falas dos professores participantes dão para a pergunta elencada acima uma reflexão mais ampla, logo fica nítido que houve e não houve processo escrito, uma vez que cada professor percebeu esta prática de um modo, por isso podemos perceber essa individualidade nas contribuições apresentadas pelos relatos (9), (15) e (16).

Escrever é uma cultura que pode ser manuscrita, digital, sensorial, ou seja, é uma manifestação multifuncional da linguagem e para o professor de Língua Portuguesa em meio a uma pandemia, fechado em casa e tendo que reaprender a dar aula o maior poder que ele tinha nas mãos era a sua subjetividade docente.

Subjetividade que interligou os ambientes e que de uma forma fez a aula acontecer. Mas é a escrita? Ocorreu com as ferramentas que cada professor tinha dentro de suas possibilidades. Possibilidades que talvez não fossem muitas, entretanto elas foram usadas da melhor maneira possível.

Quando referenciamos estas possibilidades começamos a perceber o letrar da escrita que é uma das ações que vemos desde o digitar no *chat* para tirar uma dúvida, até o áudio que era encaminhado no grupo da turma de *WhatsApp* com orientações extras e sempre acompanhado de uma figurinha ou um *gif* para despertar a atenção e fazer com que tudo aquilo que tinha sido transmitido em aula fosse fixado.

Adaptar as atividades para aqueles alunos que não podiam acompanhar virtualmente, dedicar horas a mais de seu dia procurando jeitos de inovar a aula, tudo isso é interligar o conhecimento e a escrita estava ali inserida como uma das formas de fontes do saber.

Saber este, que transcendeu a linguagem através sala de aula, logo também não podemos deixar de mencionar o quanto foi árduo para o professor propagar o conhecimento tanto visual, sonoro ou manuscrito, pois mesmo com inúmeras ferramentas disponíveis até que a mais adequada aparecesse teve-se muitos erros e acertos, como dito a contextualização é essencial para que essa interligação entre os pares (aluno / professor) acontecesse plenamente.

Por mais que o ensino de Língua Portuguesa tenha se reformulado e se readequado às necessidades linguísticas existente adaptando metodologias, segundo Rauup (2004), uma premissa permaneceu inalterada: a necessidade de se ensinar/aprender a leitura e a escrita, contudo com a chegada do ERE vimos que essas duas funcionalidades da linguagem precisariam ser repensadas e a partir dos letramentos, as habilidades propostas por elas poderiam se apresentar de várias formas.

Variedade é algo que podemos perceber em todas as práticas evidenciadas durante as aulas no sistema remoto, haja visto que os professores tiveram que utilizar a criatividade para atingir seus alunos e incentivá-los a manter o foco e não desanimar.

A cada aula uma nova metodologia era utilizada de acordo com as ferramentas disponíveis, pois mesmo que a tecnologia foi uma aliada neste momento, muitos educadores também não tinham o acesso pleno, uma vez que a falta de conexão ocorreu em ambos os lados tanto para alunos e professores.

O elemento de ligação proposto pela escrita é unir as palavras através de enunciados que juntos tecem o texto, por isso ela é um elemento que interliga. Sua ligação propõe ações, elos e conjectura um olhar de perspectiva que promove a reflexão de algo que foi evidenciado dentro de um tempo e lugar.

Escrever é a arte da palavra, é a arte do pensamento que se constrói a partir de uma jornada fenomenológica correlacionada ao discurso vivenciado por sujeitos representados por professores que viveram o ensinar na pandemia e ao longo da jornada utilizaram práticas correlacionadas a tecnologia para que sintagma da escrita fosse apresentado.

Em todo corpus dessa pesquisa referenciou-se o poder da tecnologia em detrimento a educação no período pandêmico e em cada tópico apresentado até então refutou-se como foi a inserção abrupta desses recursos digitais na sala de aula propiciada pelo ERE confabulando-se com a prática escrita, mas será que toda essa inovação facilitou o aprendizado?

Como nos diz Gatti (1993), as tecnologias podem ser vistas como uma panaceia para a educação, logo por mais que mundo digital nos trouxe possibilidades, ele também nos fez perceber algumas limitações que de certo modo nos restringe, porque não há uma certeza de conexão sempre.

Quando falamos de conexão, falamos de interação, ligação e compartilhamento, entretanto por mais que os aparatos tecnológicos nos fez interligar com mundo no período pandêmico, será que para as aulas em sistema remoto isso ocorreu?

Na perspectiva docente em partes não, pois nos relatos orais (3) e (8) apresentados pelos participantes do estudo, observamos que no início o não saber manusear a tecnologia foi um dificultador, logo associá-la a prática escrita em primeira instância causou uma certa estranheza, porque ainda temos em mente que tecnologia é lazer, descontração e não estudo.

Promover a interligação da escrita com a tecnologia, via de regra é um repensar de todo o caminho que a linguagem é. A multimodalidade da comunicação nós propicia a diversidade do interagir, mas como nos reforça Valente (2013), preparar o professor para essas inovações é primordial, elas devem ocupar um papel importante, em vez de serem meros recursos para automatizar processos educacionais, ou seja, as inovações surgem como ferramentas que irão de certo modo auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem.

A escrita que interliga neste prisma é aquela que fez dentro das minuciosidades que o ERE nos propositou, haja visto que nenhum educador estava apto, todavia cada um inovou sua prática analisando o seu local de inserção, sua perspectiva, assim o aprender se tornou ferramenta, porque ao mesmo tempo que ele ensinava, ele aprendia.

É redundante e ao mesmo tempo conflitante pensar esta relação da escrita com a tecnologia relacionando a sua prática nas aulas de Língua Portuguesa, pois voltamos na ideia de que a linguagem é móvel, mas até que ponto esta mobilidade linguística é benéfica? Então, podemos inferir que renovar é repensar ações, mas por que será que quando correlacionamos a inovação ao campo da educação muitos entraves surgem...

As reticências que finalizam o parágrafo acima, são aquelas que nos remete as dificuldades que foi para os professores de Língua Portuguesa acoplarem às suas aulas toda esta equipagem cibernética, logo como já afirmado o preparo não era muito, porém interligando mais uma vez aos relatos orais dispostos nas seções acima as dificuldades estiveram presentes, mas a força de vontade de fazer acontecer estava presente e mesmo que preocupado, cada professor fez seu melhor.

O letrar escrita nos conecta desde a alfabetização e nos acompanha até a graduação. Escrever é fundamental para a construção humana, portanto desde um bilhete que você deixa na porta da geladeira, lembrando de algo que precise fazer, até a mensagem enviada de seu aparelho celular, representam as multifuncionalidades da prática escrita.

Assim, como nos diz Orlandi (2015), o texto não é apenas uma frase longa ou uma soma de frases, ele é uma totalidade, logo o que possibilita esta totalização é a ligação que a escrita faz com o pensamento, a fim de criar a reflexão.

Reflexão é o motor que nos faz ver o quão árduo foi o caminhar educacional no ERE, logo mesmo em meio à turbulência vimos que hoje, o repensar pedagógico deve ser diário e a cada dia vivenciado em uma sala de aula, o professor tem a certeza de que o que ficou não poderá ser o mesmo amanhã.

8 O PORQUÊ DAS PERSPECTIVAS

Cada relato aqui mencionado foi um lampejo do que cada professor viveu dentro do ERE, mas também é contribuir na construção de todo percurso de pesquisa que se criou a partir deste estudo proporcionado a ele perspectivas.

Perspectivas é analisar uma situação em relação a um determinado ponto de vista, mas além disso é deixar o que se foi sentido e visto sobre algo que nos tocou trazendo novas formas de agir a partir da reflexão.

O ensino remoto proporcionou um novo olhar para a educação, logo ninguém estava pronto para o distanciamento e não contato físico dificultou mais essa inserção tecnológica em nossos afazeres, mas para o professor acredito que foi mais rígido essa troca de ambiente, pois

analisando esse contexto, pode imaginar um grande desafio para os docentes atuais em participarem de um processo de mudança tão grande, no qual de um lado, uma grande parcela dos alunos nasce e cresce em contato constante com o meio digital, através de seus tablets e smartphones por exemplo, e do outro lado, docentes que já se atentavam com suas diversas atividades, agora tendo que repensar novas possibilidades mediante a conjuntura das novas tecnologias. E não falamos apenas do esforço em conhecer o uso de um novo dispositivo, ou ambiente virtual, aplicativo etc., mas, sim, pensarmos em como colocar isso em prática e de maneira com que o processo de ensino aprendizagem alcance seus objetivos. (ALVES, 2018, p. 27).

Perceber que a sala de aula não era mais a mesma e que a lousa deixou de ser manual e passou a ser digital em meio *links*, plataformas e aplicativos fez demonstrou ao professor que a jornada não seria fácil. Usar a tecnologia não é simplesmente se conectar a um computador, ela é uma ferramenta complexa que precisa de um contexto.

Contextualizar a escrita no ERE para os professores de Língua Portuguesa consiste em entender a produção de texto, que antes já era uma atividade complexa seguindo os modos manuscritos, papel e lápis, na transição para o *online* a tela representaria a folha e as teclas o lápis.

As mídias passariam ser cada vez mais uma ferramenta essencial na construção da linguagem, já não seria mais um componente acessório e sim uma metodologia ativa para o

ambiente virtual de aprendizagem, logo a Cultura Digital seria vivida na prática pelos professores e alunos, assim mesmo eles talvez não tendo a real ideia de sua funcionalidade.

A palavra lida nos transmite o falar do pensamento, nos faz entender que tudo aquilo que é dito reafirma uma ideia dando a noção do que cada vocábulo interage, portanto, as percepções dadas pelos professores participantes do estudo se tornaram a palavra digitada que norteia todas as perspectivas correlacionadas no *corpus* da pesquisa. O corpo do estudo é a análise sobre tudo que o perpassa.

Aquilo que perpassa é as entrelinhas que se formaram a cada palavra, leitura e vivência, logo é o objetivo que move cada linha escrita em conjectura com os falares expressos pelos relatos dos professores participantes do estudo, assim como nos fala Perissé (2010), palavras as mais desbotadas podem recuperar seu brilho e contundência, e ao mesmo tempo ganhar novos coloridos.

Coloridos estes que refletem a experiência de cada professor, que teve que revisitar seu “eu” docente e repensar suas ações e achar no meio deste percurso o melhor trajeto para prosseguir, por isso destacando Tomelin; Barros (2020), o entendimento como um propósito de mudança significativa para caminhos pedagógicos nos fazem entender que nos momentos intempestivos, parar e analisar é necessário.

Em cada entrevista gravada dava para perceber pelo tom de voz como os professores sentiam ao falar sobre suas considerações em relação ao ERE, uma vez que eles tinham uma sede de fala, mesmo que a contribuição fosse singela, ambos com o poder da oralidade dispuseram tudo aquilo que sentiram ao viver sua docência no momento da pandemia.

O vírus do COVID-19 desestabilizou a sociedade como um todo e sua chegada nos tirou da zona de conforto fazendo um remelexo em todos os âmbitos, mas para o meio educacional essa metamorfose de ambiente ocasionou impactos de contato, de não entender a sistemática das aulas remotas e a dificuldade de como utilizar as ferramentas digitais em detenção ao ensino- aprendizagem.

Mesmo que o uso de mídias voltadas para educação já estava vigente, nenhum educador estava preparado para a rapidez que foi a mudança de local de ensino, logo essa virtualização de ambientes proposto pela pandemia inferiu ao professor assumir um papel diferente daquele que ele estava acostumado, pois a sala de aula presencial era um lugar dominante a ele, porém o digital ainda era o desconhecido.

Literalmente, o professor teve que além de ser o norteador, motivador e transmissor do conhecimento, no formato ERE ele também passou a desempenhar o papel de guia passando a

demonstrar para seu aluno o poder da autonomia, da busca por si, através da sua autoaprendizagem.

Se num contexto geral toda esta sistemática proposta através do ensino *online* gerou intempéries, quando a trazemos para o campo da escrita em conformidade com as aulas de Língua Portuguesa na perspectiva proposta pela BNCC através da Cultura Digital, hoje uma habilidade prevista pela base, promove um reflexo nas percepções de entender a linguagem dentro do mundo.

A cultura que se formou no espaço digital não se formou de uma hora para outra, logo como nos define Garofalo (2018), o conceito como cultura nascida pela era digital, originária do ciberespaço e da linguagem da internet que busca integrar a realidade com o mundo virtual, ou seja tanto uma quanto a outra necessitam de seus pares para coexistir.

De acordo com a base, a mescla da cultura denominada digital e da linguagem, tem por cerne promover a criatividade, a interação e estímulos aos alunos, mas em meio a uma pandemia como será que foi para o professor de Língua Portuguesa trabalhar toda essa conjectura?

O que mais ficou nítido do relato abaixo, foi a falta de acesso a uma boa rede, logo a falta da internet dificultava o transmitir das aulas, essa falta era tanto para o próprio professor quanto para os alunos e além do problema da conectividade havia a questão social de cada indivíduo e é o que podemos notar na fala abaixo de um dos professores participantes do estudo.

A questão é a internet, muitas vezes eu tentei, mas oscilava muito. Também descobri que tinha alunos meus que não tinha geladeira em casa e esse dia eu fiquei estarecida, tem muitos alunos que não tem acesso, alguns tem até o aparelho, mas são poucos que tem internet e muitos dependiam da internet da escola, que não funciona. (Relato oral. P5)

Percebe-se que mensurar como foi esse momento para a educação é uma linha tênue, pois cada indivíduo viveu isso de uma maneira, contudo os medos, inseguranças e problemas técnicos ocorreram em qualquer esfera de ensino, portanto como já foi afirmado e reafirmado nenhum profissional e aluno estava totalmente pronto para o ERE.

Em cada relato oral disposto na composição do texto vemos os diversos olhares que cada professor participante colaborou, explanando sobre suas experiências e expectativas em relação às aulas em sistema remoto, todavia a cada fala imergimos que as dificuldades encontradas foram semelhantes, logo a forma de observá-las ocorreram intrinsicamente à visão de cada um.

O porquê das perspectivas está na necessidade de dar voz a este professor que em meio a essa reviravolta pedagógica teve que inovar, criar e incentivar seu aluno a não parar os estudos, o professor foi a motivação viva para que cada atividade ocorresse dentro das salas de aulas virtuais.

Os professores, mesmo com dificuldades de entender o mundo digital, o uso das TDICs e toda essa vastidão que a tecnologia proporciona entravam nos ambientes virtuais de aprendizagem com toda a garra possível e ali mesmo sem retorno apresentavam sua aula e guiava seus alunos para o conhecimento.

Conhecimento este que foi mostrado de tantas formas, a fim de nortear o aprender. A aula teve liberdade de ser onde dava, mas mesmo com a precariedade de *WiFi*, a conexão aconteceu, o professor usou sua subjetividade para que cada conteúdo fosse apresentado da melhor forma possível.

Interligando nosso objeto de estudo que é a escrita à toda está sistemática apontada pelo ERE e correlacionando com a Cultura Digital, inferimos que o ato de escrever é plural, logo através dos recursos tecnológicos que propagam a linguagem, como por exemplo, *chats*, *emojis*, *gifs* e entre outros a prática de se criar textos mesmo que indiretamente de uma forma ocorreu.

Ressaltamos que quando falamos de prática de criar textos não há como afirmar que os parâmetros tradicionais da escrita foram ardorosamente seguidos, mas ambos os professores dentro das eventualidades apresentaram aos seus alunos gêneros textuais, trabalharam a oralidade, ações que se percebe no relato (22) a seguir:

(22) Eu partia de um gênero textual e em conjunto com os alunos procurávamos práticas para produzir, mas a vontade de escrever nunca partiam deles (alunos), pois os alunos têm medo de escrever. (Relato oral. P5).

Experenciar as sensações que a escrita nos proporciona mesmo que induzida é entender que ela pode ser apresentada de diversas formas e até em momentos hediondos, assim como foi a pandemia de uma forma ou outra ela permaneceria ali mesmo que cibernética, logo:

Compreende-se, então, que uma experiência interior, por mais “subjetiva”, por mais “obscura” que seja, pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão (DIDI--HUBERMAN, 2011, p.135.)

O poder transmissor que a escrita potencializa é que faz com ela seja tão importante para a comunicação, ela tem o poder de deixar para além do tempo a história que é contada, por isso

ao escrever um texto você constrói um arquivo vivo de sensações que serão lidas por gerações e gerações.

Contudo, o que podemos sentir a cada relato transcrito em relação a percepção dos professores é que suas experiências docentes foram o que moveram a entender como seria o ERE, já que o tempo para assimilar a nova sala de aula foi pequeno e subitamente todos tiveram que fazer acontecer.

Subitamente mesmo, logo assim que se instaurou o ERE toda uma logística teve-se que ser feita e nem todos tinham os elementos necessários. Estávamos em março de 2020, segunda-feira comum e na terça-feira tudo mudou... Assim toda a ideia de um ano letivo se desfez trazendo nos dias seguintes a incerteza de como iria-se prosseguir.

Prosseguir foi um dos verbos mais inquietantes deste processo, haja visto que ninguém sabia como o conjugaria, já que o presente era assustador e o futuro incerto. Não tínhamos dimensão de como seria este novo formato, tampouco até quando ele permaneceria, mas em meio a tanta insegurança todos os profissionais de educação independentemente do lugar uniram forças para que tudo seguisse conforme suas realidades.

Cada educador presente neste processo de ensino proposto pela pandemia buscou dentro de suas percepções correlacionar jeitos de ministrar suas aulas a partir do seu lugar fala, do retorno de seus alunos e até da própria comunidade escolar, portanto como nos contribuem Minozzo, Cunha e Spindola (2016), ao informar quanto a utilização de metodologias diferenciadas do convencional, levando o professor a perceber que o processo de ensino e aprendizagem também sofre alterações.

Alterações que foram e ainda estão sendo percebidas, pois aquele aluno do ensino remoto que retornou ao presencial não é o mesmo, ele também teve sua experiência e percebeu que a sala de aula convencional não tem o mesmo sabor de antes, aí que o professor tem que de certa forma ainda ser o inovador e tentar tocar o estudante ao aprender.

O toque do professor tem poder de motivar o aluno a seguir em frente, ambos neste processo passaram por divergências e agora precisam procurar o caminho certo a seguir, por isso um professor é capaz de replicar seu legado por meio de experiências positivas em situações de aprendizagem de leitura e escrita (Morales, et al.,2020).

O escrever neste panorama tornou-se uma ferramenta de identidade, pois é uma forma de deixar o que se foi sentido, portando a cada mensagem trocada, o código estabelecido era uma forma de empoderamento e de se fazer pertencer em um ambiente desconhecido, a

linguagem proposta dentro da diversidade estabelecida pela tecnologia, ligou o ambiente domiciliar ao escolar.

Seguindo a premissa de que a escola é um ambiente de socialização, seja hora para o conhecimento, ou para as relações interpessoais, durante o ERE o distanciamento social interrompeu esse laço do contato, entretanto para que a conectividade ocorresse o uso das mídias foram o laço de ligação, assim:

Com isso, as estruturas educacionais também foram forçadas a mudanças, sendo a mais significativa delas a oferta do ensino remoto através de plataformas digitais. Assim, com as escolas fechadas e a suspensão das aulas presenciais, alunos e professores se viram diante de novos desafios e também de possibilidades para ensinar e aprender de suas casas, agora mediados por essas plataformas digitais, dentre as quais se encontra o WhatsApp” (XAVIER 2020, p. 1).

O uso das mídias possibilitou a troca de informações, o contato social e consequentemente o uso da linguagem, logo a escrita foi incorporada nessas interações que eram mediadas durante as aulas em intermédio do professor que norteava a comunicação a fim de contextualizar o que era trabalhado.

O educador utilizou-se de todas as ferramentas que estavam disponíveis para atingir seu aluno, mesmo distante ele se fazia perto e através de mensagens e ligações interagiu com o aluno, a modo de provocá-lo a participar e partilhar do conhecimento, contudo o que por vezes dificultou a troca entre ambos foi a falta de condições adequadas, portanto

Ter condições de poder utilizar o ambiente digital no sentido de transformar o isolamento, a indiferença e a alienação com que costumeiramente os alunos frequentam as salas de aula em interesse e colaboração, por meios dos quais eles aprendem a aprender. (KENSKI, 2003, p. 75)

Como já foi mencionado nas seções anteriores a tecnologia ainda é vista como uma ferramenta de entretenimento, logo com a chegada da pandemia e às aulas remotas, os educadores enquanto mediadores desses ambientes virtuais de aprendizagem tiveram que desmitificar essa percepção e apresentarem aos seus alunos que computador também é conhecimento.

Fazer essa ruptura entre a tecnologia e sala de aula é algo que acontece bem antes da pandemia, pois muitos professores ainda se sentem arredios quando ao uso de computadores, celulares, internet como ferramentas pedagógicas que auxiliam no desenvolvimento do aprendizado, mas com implementação do ERE essa ojeriza tecnológica teve que ser revista.

Ojeriza no sentido de que havia um certo repúdio em relação ao uso dos aparelhos digitais nas escolas, e muito dessa aversão foi estabelecida por causa do poder de descontração que esses ambientes propiciam, logo os professores ainda não tinham uma ideia de como usar esses aparelhos como objeto de aprendizagem.

De um panorama geral, falar de tecnologia em detrimento a escola é trazer à tona uma sensibilidade, pois ainda há uma dificuldade em misturar esses dois espaços, logo como nos salienta Moraes (1997), vivemos em um mundo ao mesmo tempo pequeno e grande, tecido nos fios das redes dos computadores, em que não é mais possível controlar o fluxo da informação.

O intenso fluxo da informação que a rede nos fornece, talvez seja o grande empecilho para sociedade em relação a comunicação, porque não são todos que possuem o discernimento de compreender que a informação precisa ser checada, analisada e saber de onde provém sua fonte é essencial, por isso que o papel da escola nesse contexto é necessário com o propósito de promover a reflexão.

Articular o uso da tecnologia com o ensino da escrita nos faz repensar o quanto a linguagem é multifuncional, pois ela nos dimensiona através de seus sintagmas e nos faz entender que cada etapa vivenciada se registra através das infinitas possibilidades de comunicação que se estabelece em relação ao indivíduo.

Dentro de um discurso cada sujeito interage conforme o lugar em que ele está a partir de toda a sua sagacidade que varia conforme suas percepções sociais, históricas, econômicas fazendo com que cada um explique a comunicação de acordo com que está sentido, logo escrever, falar e ouvir podem também ser entendidas como sensações.

Aqui nesta seção propõe-se um diálogo entre todas as manifestações que a escrita pode nos proporcionar como elemento norteador da linguagem, ligando ideias e conceitos para a construção de percepções. Perceber é entender que várias possibilidades se criam, “é como se o pensamento não devesse nada à palavra, e esse modo de ver é cúmplice da ciência positiva: dá plena licença à psicologia para tratar da linguagem como objeto” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 18).

A linguagem é um objeto que reflete as nossas emoções, logo falar do ensino da escrita no período pandêmico através das sensações docentes nos faz refletir que cada contribuição aqui dada pelo olhar dos professores dentro de suas falas é só uma prequela do que foi o ERE, todavia cada indivíduo que participou deste processo o entendeu e percebeu de um modo.

Cada pensamento aqui transcrito nos remete a uma sensação vivenciada por estes professores dentro de sua prática, portanto o foco é compreender por que as percepções são importantes na construção do sujeito.

A relação do educador com a tecnologia às vezes o torna um ser leigo em meio ao crescimento linguístico proposto pelas mídias, sendo que o uso de máquinas ainda causa estranheza e no decorrer do que já foi escrito elencamos vários exemplos das dificuldades de cada um traz consigo no quesito máquina e homem.

Existe um limiar muito complexo que conecta a educação e a tecnologia, pois de acordo com Moura (2002), a grande maioria dos professores hoje atuantes pertencem à geração “pré-ícone” / digital, logo sua formação inicial não contemplou, em termos de fundamentos e práticas, um trabalho com computadores no contexto escolar.

Por isso, com a chegada do ensino remoto os educadores se viram perdidos na relação com a tecnologia e até aqueles que tinham um conhecimento digital ficaram sem ação perante toda a esta nova roupagem de ensino onde provou-se um repensar entre a educação e o uso das novas tecnologias como mecanismo de aprendizagem.

A aprendizagem pode ocorrer de diversas formas, mas mesmo com toda esta liberdade que a tecnologia nos remete trabalhar o conceito de escrita não foi algo simples, já que escrever exige uma certa rigidez, por isso a dificuldade de fazer um ambiente que é considerado informal e divertido como sala de aula era uma tarefa diária para o professor.

Dia a dia, os professores tinham que se transformar em magos da internet e levar para o seu aluno o conteúdo de forma criativa e acessível, logo como nos diz Gallo (2008) não é nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas, fazer com que os alunos em meio a tantas incertezas pudessem ali, naquele momento interagir e conviver.

A palavra dentro da Língua Portuguesa é o combustível que constroem sentido, assim é ela que dimensiona o poder de interação que cada leitura, texto e fala nos infere, por isso estudar e compreender como foi a prática da escrita no período pandêmico é interessante, pois assim teremos um limiar de como o professor acoplou a tecnologia com o escrever.

Acoplar a tecnologia conjecturou ao professor um novo olhar perante o ensino, logo mesmo com toda a dificuldade encontrada dentro do ambiente virtual, cada educador procurou utilizar as ferramentas midiáticas mediante ao cotidiano, por conseguinte era na percepção acerca do momento que ele construía formas de conviver no contexto digital.

Na transcrição de cada relato pode-se perceber o quanto cada professor participante estimulou dentro de suas limitações o ato da escrita e mesmo que às vezes a aula não saísse conforme o planejado, ele estava ali fazendo o seu trabalho, buscado maneiras de promover a aprendizagem.

O professor de Língua Portuguesa na construção de sua aula tem como objetivo levar ao seu aluno a multiplicidade da linguagem, portanto entende-se que é:

Utilizar a linguagem na escuta e produções de textos orais e na leitura e produção de textos escritos de modo a atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos e considerar as diferentes condições de produção do discurso (BRASIL, 1998, p.55).

Ensinar a Língua Portuguesa é apresentar todas as formas de interação que a linguagem nos confere, apresentando ao aluno que a comunicação está inserida em todos os âmbitos da sociedade e o texto, a escrita e um destes mecanismos interativos, logo o professor é aquele que norteará a compreensão.

Diante das mudanças bruscas estabelecidas pelo ERE, uma das principais ferramentas para essa compreensão múltipla do texto foi pausada, no sentido de que a interação humana ainda é essencial para a construção da aprendizagem e por mais que o mundo virtual seja mais rápido, dinâmico e múltiplo não são todas as pessoas que conseguem transitá-lo.

Escrever é um exercício de contato, por isso em cada fala dos professores participantes do estudo podemos notar o quão inusual foi não estar ali de corpo presente na sala de aula para em conjunto explicitar, sentir, expor o conteúdo, logo o tato para o educador é fundamental no seu dia a dia.

Acerca de todas as percepções vivenciadas e compartilhadas através dos relatos docentes aqui dispostos no presente estudo reiteramos o valor da experiência como elemento investigativo, posto que as falas possuem valor significativo na construção de ideias e a partir de cada uma delas construímos as tecituras do conhecimento.

Para a docência, o ERE teve dentro de cada prática uma experenciar, portanto cada professor absolveu esse momento de um jeito e o internalizou à sua perspectiva, logo todas as acepções presentes do corpus desta pesquisa se fez pelo olhar de cada educador que viveu na prática o que era propor o ato escrever num contexto em que sala de aula deixou todos os seus padrões e passou a ser ligada por um fio, por uma rede e telas.

Telas, que foram a maneira de se interagir, se ver, fazer e diante de todas as indulgências vivenciadas pelo processo, o professor demonstrou toda a sua subjetividade, logo podemos

concluir que apesar de todas as peripécias que o ensino remoto provocou, os educadores mediante ao que eles tinham fizeram a aula acontecer.

9 INDAGAÇÕES QUE NOS CERCAM

A pandemia foi um momento assombroso para todos nós em todos os âmbitos de nossa existência, pois ninguém estava preparado para essa reviravolta, mas é nos momentos atípicos e de movimento que o ser humano vê a necessidade de repensar, refletir e analisar todo o processo percorrido.

Percorrer este novo caminhar proposto pelo ERE não foi agradável, tampouco fácil e como já mencionado, o distanciamento proposto pela pandemia nos tirou da zona de conforto e nos fez refletir o quão importante e o conectar físico.

Mesmo que a tecnologia estivesse presente no nosso dia a dia antes, nunca passou pela nossa cabeça essa ruptura com o mundo físico, portanto por mais que a tivéssemos como um entreter, as nossas relações interpessoais estão ali e com a instauração do *lockdown* tivemos que literalmente se desvincular desse calor humano.

Se para as relações do dia a dia esse distanciamento foi conturbado e causou estranhezas, para a educação foi avassalador e desafiador, posto que para a escola o contato diário é fundamental, pois é a partir das relações cotidianas que a escola se constrói.

Não tem como iniciar a reflexão proposta pelo tópico sem contextualizar como foi para o educador esse distanciamento, pois o professor necessita de certo modo desse contato sistemático com a sala de aula e sair desse ambiente não foi habitual, assim para ele o não ir para escola no primeiro momento com certeza foi assustador.

Para o este estudo aqui proposto a reflexão docente foi o combustível, logo as percepções que foram compartilhadas contribuem para o traçar do que foi para o professor de Língua Portuguesa trabalhar a escrita, um dos elementos fundamentais da comunicação em um momento em que o contato ficou escasso.

Por mais que a tecnologia propõe uma interação, o estar interativo não é o mesmo, logo para o professor foi extremamente desafiador estabelecer essa conexão digital para com seu aluno, tanto no sentido de ministrar a aula, quanto no sentido da comunicação.

Ministrar aula no ensino remoto para os professores foi indubitavelmente uma prática bem diferente do que estavam acostumados e não há palavras que possam descrever o que os educadores sentiram em relação a esse método, pois quem estava acostumado ao chão da sala de aula, ser transportado para um ambiente totalmente incomum promoveu uma inquietação.

Inquietação de não conhecer ou entender como toda a logística de uma sala de aula seria manuseada no meio digital e como ensinar dentro deste contexto, logo em meio a todo esse cotidiano atípico, como manter o contato com a escrita, já que para a aquisição da linguagem escrever é a prática que nos fomenta.

Todavia, como nos diz Sampaio (2009), a escrita se transforma; a tecnologia a modifica continuamente, então como usar os recursos tecnológico em prol desta prática a fim de incentivá-la?

Incentivar o ato de escrever é algo que o professor de Língua Portuguesa faz constantemente, mas com a instauração do ERE ele se viu em meio a um novo espaço com mecanismos diferentes para propor tal prática, logo podemos aferir esses pensares nas falas corroboradas dentro do texto de acordo com todos os relatos até aqui intercalados.

Analisar como o professor se viu diante dessa realidade é uma forma de contribuir na construção do entendimento do que foi esse período para a educação brasileira elencando a partir de percepções como cada educador se sentiu nesse momento incomum de sua práxis.

Entretanto, as contribuições que nos cercam são percorridas a cada análise feita em consonância ao olhar partilhado dos cinco integrantes desse estudo, que com suas experiências acerca do que foi na visão sistemática de ambos o ensinar, focando-se na prática da escrita durante a pandemia de COVID-19.

Como explicitamos nas seções anteriores, escrever requer tato, é um exercício diário na construção da linguagem e com a chegada da tecnologia vimos uma variedade de formas de comunicação se juntarem a escrita, porém para o professor de Língua Portuguesa mesclar a escrita digital com a escrita manuscrita está sendo a cada dia um desafio.

Quando falamos de escrita e era digital não podemos deixar de lado o conceito de letramento, por isso como nos diz Kleiman (1995), definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Logo, praticar o escrever é você entender o seu lugar enquanto ser e assim mesclá-lo com o cotidiano, pois a escrita é uma forma de pertencimento. E o registro do que foi vivido, percebido e entendido.

Incorporar a escrita ao mundo digital é entender que a linguagem tem um poder de adequação conforme o tempo e situações, posto que o ato de escrever necessita de um espaço, um lugar e segundo Bolter (1991), é o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita.

Determinar um espaço para a prática da escrita é mensurar que ela cabe em qualquer lugar e ambiente, assim durante o ERE os professores de Língua Portuguesa puderam mesmo que subjetivamente demonstrar aos seus alunos que a palavra, mesmo que digitada em teclas tem seu lugar de fala, por isso a cada pergunta feita pelos *chats*, plataformas e aplicativos o escrever estava ali.

Desde o início do ERE a escola encontrou-se aquém daquilo que poderia oferecer tanto para seus alunos, quanto para seus educadores. O distanciamento fez reverberar algumas mazelas que talvez no dia a dia não ficavam tão nítidas assim, mas mesmo com toda a discrepância cada instituição tentou dar a sua comunidade o melhor retorno possível.

A inserção da tecnologia no espaço escolar sempre é vista como algo desafiador, mas além do desafio, há também a falta de manutenção das máquinas, capacitação para os professores e uma internet que suporte e consiga abarcar toda à escola, pois

A maioria dos professores pertence a uma geração que não nasceu com a informática, se surpreendeu com o seu surgimento e ainda se assusta (ou pelo menos se incomoda) com a presença da tecnologia, a cada dia mais forte, nas escolas. Acostumados a viver em uma cultura escrita, se torna difícil pensar de uma forma desvinculada dela. Pensam nos efeitos da inserção do computador na educação, que ainda está sendo desvendado e temem por aquilo que já é de nosso domínio. A internet, a abundância de informações disponíveis e a possibilidade de acesso a elas, a velocidade de uma comunicação em tempo real, a aproximação de pessoas e de culturas distantes, são coisas que, muitas vezes, por não saber como lidar com elas, causam estranheza. (FERREIRA, 2008, p. 72)

Uma vez que o recurso vem, mas o custeio para que ele seja de fato utilizado e que fica a desejar, logo é o que faz com que o professor às vezes deixe a tecnologia de lado no espaço escolar, porém com a pandemia o repensar veio à tona, porque ela era o meio mais viável de comunicação naquele momento.

Usar a tecnologia não é simplesmente ter um computador, o computador é que nos interliga, contudo sem a internet que possibilita a conexão com a rede, o computador não de um mero acessório.

Como nos diz Ferreira (2008), estamos acostumados a viver uma cultura da escrita, mas ele enfatiza a escrita no seu modo tradicional, manuscrito, logo fazer essa migração do papel para a tela foi estranho para o professor que era acostumado com o livro, a lousa e o pincel. Muitos ainda não entendiam esse poder comunicativo do mundo digital.

Em contrapartida a pandemia nos fez refletir em relação a escrita dentro da cultura denominada digital, haja visto que o uso das mídias como elemento comunicativo fez a

associação do escrever com a linguagem digital especificando a pluralidade no ato de se interagir.

A interação proposta pela linguagem digital trouxe para o professor uma diversidade na hora de se propor atividades, mas como integrá-las de forma eficaz para o desenvolvimento da aprendizagem se o aluno no momento do ERE estava entendendo essa nova forma de aprender, assim como o educador estava compreendendo o espaço cibernético como sala de aula.

Ambos, professor e aluno estavam perdidos nessa construção interativa digital e podemos perceber isso em cada percepção dispostas pelos professores que foram consultados para o estudo. A internet por mais que seja interativa, ainda distancia os seus interlocutores.

No momento das entrevistas quando se questionou o que cada professor achou em relação ao ERE, as incertezas de como tudo ocorreu foi nitidamente percebida, logo aquela situação era tão distante do que eles já tinham vivenciado enquanto docentes.

- (23) Então é muito pessoal, é muito individual. Mas com relação ao planejamento eu acredito que foi muito limitado. Esse seria o adjetivo ideal para as aulas *online* na rede estadual. (Relato oral P1)
- (24) A proposta do ensino remoto era até interessante, mas devido a realidade dos nossos alunos eu penso que não foi muito positivo. Não houve assim de fato uma consolidação da aprendizagem. (Relato oral P2.)
- (25) Acho que o ensino no período pandêmico é muito individual, depende muito da pessoa. E por depender muito da pessoa às vezes cada um poderia fazer de um jeito conforme a realidade. (Relato oral P3.)
- (26) No ensino remoto muitos alunos não tinham o acesso ao computador e a internet, então os alunos não tinham como enviar as respostas, como estudar direito. Não havia como nós diferenciarmos o que o aluno estava aprendendo. (Relato oral P4)
- (27) Quando a gente entrava para ministrar a aula, os alunos não ligavam as câmeras e eu não sabia se o aluno estava lá. Muitos quando terminavam as aulas demoravam para *deslogar*, então eu sabia que não estava lá. (Relato oral P5.)

A partir das relações das falas estabelecidas pelos relatos acima inferimos que cada professor teve uma percepção em relação ao ERE, mas mesmo que cada fala tenha a sua individualidade fica nítido em ambos os pensamentos, que o principal denominador comum era o não acesso, não participação dos alunos em relação ao que era ali apresentado durante às aulas por cada um deles.

Sintetizar o ERE é algo individual, porque cada educador o sentiu e o percebeu de um jeito, logo a internalização do que foi lecionar nesse momento é único e vai além, portanto cada vez que o professor direciona aos seus alunos o *link* da aula ele não tinha a dimensão de como seria adentrar neste ambiente e a cada clicada uma possibilidade ou impossibilidade poderia se apresentar.

O incentivo do escrever neste momento tornou-se um instrumento de convívio, pois a cada mensagem que o professor escrevia para seu aluno nos aplicativos era um meio de interação, socialização a fim de promover o conhecimento mesmo que subjetivamente, assim podemos emergir que,

estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura. (RAMAL, 2002, p. 84)

O texto, o metatexto e o hipertexto são as múltiplas possibilidades que o ato de escrever nos converge, logo é a forma de como a escrita vai se diversificar conforme o lugar em que o interlocutor está inserido trazendo para a comunicação infinitas transmissões de compreensão, lógica e sentido.

Portanto, seguindo a ideia de Ramal (2002), o texto é as infinitas possibilidades de escrita, assim quando correlacionamos essa infinitude na prática do escrever no ERE nas aulas de Língua Portuguesa percebemos que os professores utilizaram de métodos rotineiros como a reescrita, escrita compartilhada e leitura, entretanto sempre correlacionando a um gênero textual.

Mesmo sendo métodos que já eram empregues no sistema presencial, no ERE eles tiveram que se adaptar conforme a realidade, contexto e material disponível, logo é neste momento que a Cultura Digital se fez presente incorporando os mecanismos digitais doravante a escrita, como por exemplo uso dos aplicativos de mensagens, vídeos e áudios.

Outro fator que podemos confabular perante o ERE foi a alta demanda que se criou em relação à maneira que o conteúdo seria ministrado pelo professor sendo que ele enquanto norteador deste novo ambiente precisou oportunizar o material para seu aluno da maneira mais clara possível.

Com isso, uma imensidão de possibilidades veiculava-se deixando tanto o educador, quanto o aluno perdido, todavia o ensino remoto configurava-se num formato de *broadcast*⁴, onde muitos assuntos fossem partilhados perante as plataformas digitais, fazendo com que os professores e alunos se sobrecarregassem.

Assim, mesmo que a mensagem era recebida por muitos, a compreensão e a internalização e seu sentido talvez não fosse compreendido pelo fato das inúmeras possibilidades de transmissão, logo voltamos as percepções dos docentes quando eles relatam que o sentir o ERE é individual e não temos como afirmar se todos estavam juntos no processo de ensino-aprendizagem.

Cotejar a escrita dentro dessa imensidão é algo que podemos dizer que se faz íntimo de cada um, pois cada professor dentro do seu cotidiano incorporou a ação de escrever de um jeito, e mesmo que ambos trabalhassem em uma mesma instituição cada turma tem suas especificidades.

São nessas especificidades que as percepções se formaram na visão de cada educador a partir de suas particularidades docentes e que temos aqui um olhar do que foi o ensino do escrever durante o ERE, por isso mesmo dentro de todas as dificuldades vivenciadas a escrita se fez presente conforme o que cada sujeito internalizou.

Neste ponto, os letramentos sociais foram um possibilitador, assim cada lugar fez com que a aula acontecesse e mesmo que a conexão fosse inconstante, dificultosa cada professor à medida de suas possibilidades fez com que a aula fosse de encontro ao seu aluno.

Possibilitar a conexão mesmo que subjetivamente fez enfatizar o quão a comunicação e importante para as relações humanas e no momento do ERE ela foi o que possibilitou o contato, mesmo que ali por tela.

Perceber a escrita nesse momento correlacionado a cada percepção docente inserida no transcorrer do estudo e demonstrar que o professor buscou, construiu e apresentou ao seu aluno tudo que ele tinha para que a aprendizagem acontecesse.

Ensinar a escrita no dia a dia perante o sistema remoto foi um desafio para o professor que se viu em um lugar diferente do que ele estava acostumado, portanto o porquê de cada experiência, perspectiva e prática apresentada nos faz refletir que mediante todo esse repensar metodológico proposto, talvez o ato de escrever seguindo o padrão normativo não tenha ocorrido, mas o escrever no sentido comunicativo.

Broadcast é compreendido como um mecanismo pertencente a telecomunicação e é um método transmissor de mensagem de forma simultânea para mais de um receptor.

A escrita neste momento se fez a partir da troca, do ouvir e do sentir, ela ultrapassou a tela, assim cada professor percebeu que o escrever nesse contexto poderia ser subjetivo e a aula de Língua Portuguesa tornou-se um espaço em que toda a forma de comunicação era bem-vinda desvencilhando as dificuldades e propagando o conhecimento.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que no momento de análise, leitura, entrevista, formulação do CEP, é que a pesquisa vai tomando forma e o nosso eu pesquisador vai se construindo, assim vemos o estudo nascer. A cada passo percorrido na construção do texto percebemos o qual fantástico é o escrever.

Ao ouvir as falas dos professores-participantes percebe-se como é importante registrar essas perspectivas que se formaram a cada investigação e leitura, pois creio que a concretização da averiguação nos apresentou o panorama de como foi a prática do escrever é vista e entendida a partir de reflexões e trocas adquiridas pela coleta de dados e pelas contribuições recebidas por cada participante.

Sabemos que a inserção da tecnologia e da Cultura Digital não é algo fácil e conciliá-las na sala de aula foi uma tarefa que muitos de nós, professores, não estávamos preparados, sendo que pandemia mexeu completamente com a didática dentro e fora da sala de aula e o professor, sujeito desse lugar se viu perdido, mas usou toda sua experiência para fazer o seu melhor.

O ato de escrever é essencial para a construção social do indivíduo, a escrita é o registro de nossa passagem pelo mundo, assim entender sua prática no período das aulas remotas se faz necessário, pois a escrita é o elo que interliga nosso pensamento entre o mundo e a comunicação, assim sendo a interação que nos conecta, seja presencialmente ou virtualmente.

Entender o papel da tecnologia dentro desta prática e como o professor conciliou o digital com o manuscrito demonstra como a linguagem é viva modificando-se através do mundo e interligando ideias e contando histórias.

Cada professor participante deste estudo deixou através de sua fala uma história, história que serviu como instrumento para chegarmos as reflexões. Refletir sobre um período é construir percepções para que a sociedade consiga captá-lo da melhor forma possível.

A escrita é uma forma de captar percepções, logo entender como ela pode influenciar nosso comportamento é algo que nos faz compreender como a linguagem é vasta e adaptativa,

por isso falar do ato de escrever no ensino de Língua Portuguesa no momento pandêmico e deixar gravado uma memória do que foi para cada educador esse período.

A pandemia nos tirou completamente de nossas perspectivas, pois tivemos que nos adaptar a uma realidade totalmente inusitada, onde o manter-se distante era primordial, todavia para a educação esse distanciar-se não foi algo visto de início como possível.

O ensino remoto trouxe muitas incertezas, medos e angústias para o sistema educacional, uma vez que ele foi implementado sem saber ao certo como iria funcionar na prática, assim entendê-lo dia a dia foi uma sistemática conturbada para o educador.

Como já foi ressaltado, o ERE foi um período atípico para a educação e a migração da sala de aula convencional para o ambiente virtual trouxe certas discrepâncias em relação ao uso das ferramentas digitais como instrumentos para a construção da aprendizagem, tendo que sua inserção no ambiente escolar ainda causava um certo tabu.

Contudo, mesmo que a tecnologia estivesse presente no nosso cotidiano alocá-la para a sala de aula não foi fácil, pois muitos lugares não possuíam equipamentos e uma internet de boa qualidade fazendo com que muitos estudantes e professores não se sentissem pertencentes a essa nova forma de ensino.

A tecnologia neste prisma ao mesmo tempo que conectou também pode ter distanciado mais. A escola dentro de suas possibilidades buscou promover para seus educadores e estudantes o melhor auxílio que tinha em mãos para que essa ponte fosse ligada.

Em meio toda essa reviravolta, o professor de Língua Portuguesa se viu com recursos que talvez nunca tenha imaginado utilizar, logo mesmo tendo um conhecimento tecnológico, incorporar o uso das mídias na construção da aula não é tão simples assim, portanto neste momento ele teve que se valer de sua subjetividade docente.

Subjetividade que possibilitou o contato com o seu aluno, assim propondo atividades que o levasse a refletir e construir dentro do seu contexto o aprender. Talvez não possamos afirmar que houve, ou não houve o aprender, pois cada indivíduo nesse processo internalizou-o de uma forma.

Como foi dito, o professor não tinha como mensurar se durante a aula, o aluno estava ali realmente, logo que as câmeras não eram ligadas, as perguntas em algum momento não eram respondidas, por isso contabilizar esse aprendizado é algo que só quem estava ali saberia inferir.

O ensino da escrita de uma forma ou outra foi proposto através dos *chats*, *link*, vídeos e tantos outros mecanismos utilizados, porém mesmo que indiretamente ela estava ali, entretanto a forma que cada um foi tocado nesse processo foi individual.

Seguindo as percepções aqui incorporadas ao texto, os professores se viram num lugar incomum, tentando de certa forma fazer seu aluno primeiramente entender o ambiente em que ele estava inserido e a partir desse pertencimento propor as atividades.

Atividades que se formaram a partir dos inúmeros letramentos possíveis, porque o professor teve de uma certa maneira buscar ideias para preparação da aula, mas às vezes a aula não acontecia como ele tinha programado pela falta de conexão ou familiaridade com o mundo digital.

Por mais que estamos na era dos nascidos digitais, não são todos que sabem usar o mundo digital e foi nesse viés que o ERE trouxe algumas divergências e fez com que um reestruturar pedagógico fosse pensado. Será que a escola é um lugar de conexão?

Talvez, possa ser de conexões interpessoais, socialização e interação, mas quando levamos para o lado tecnológico ainda há um caminho longo a ser construído e repensado e com a chegada da pandemia vimos que nem todos puderem se beneficiar do poder conectivo da tecnologia.

Promover a escrita no período pandêmico em meio telas e teclas faz-nos refletir o quanto o escrever foi se modificando com o passar do tempo e toda essa incorporação do mundo digital fez inúmeras formas de registro serem criadas, mas trazer essa prática para o manuscrito ainda é um entrave para o docente.

O aluno ainda não entendeu que a tecnologia é uma ferramenta comunicativa que promove a interação com a escrita, com a leitura, assim o professor entra como mediador, mas nas incertezas que o sistema remoto de ensino trouxe, nenhum educador naquele momento se sentia apto para apresentar essas possibilidades.

E mesmo perdido, o professor levou para a sala de aula virtual tudo o que ele podia oferecer, logo tornaram-se *influencers* com objetivo de levar para seu aluno o conteúdo a partir daquilo que ele convivia, a fim de tentar promover o conhecimento.

Assim, cada professor conforme sua clientela foi mediando a aula e levando o conteúdo, a prática escrita de modo com que ele tinha de retorno durante as aulas promovendo soluções criativas na preparação das atividades propostas.

A arte do escrever é um exercício complexo, que requer tempo, dedicação e treino, contudo no ensino presencial, a prática da escrita já era incentivada durante as aulas de Língua Portuguesa e com a chegada do ERE os professores se questionaram como que dentro do ambiente virtual essa habilidade seria ou poderia ser trabalhada.

A habilidade da escrita seguindo os moldes tradicionais teve-se que adequar ao momento, logo a cada atividade desenvolvida no ambiente virtual os professores buscavam incentivar os alunos a escreverem as respostas como um método de assimilar todo o conteúdo apresentado.

Mesmo com percalços e limitações cada educador tentou em sua práxis incorporar alguma ferramenta que mesmo indiretamente propusesse o ato de escrever, portando desde a mensagem que ele recebia via plataformas, o *e-mail* com as atividades e a foto de cada trabalho a prática do escrever estava incorporada.

Os questionamentos feitos através das dezesseis perguntas elaboradas para a formulação dos dados foram elementos norteadores fundamentais, pois cada pergunta fez com que os professores a ouvissem e as internalizassem a sua experiência, por isso que cada percepção aqui listada é única.

Únicas, no sentido de que, o objetivo do estudo é mostrar a cada leitor desse trabalho o quão impactante é referenciar como os professores viram o ERE, logo com as inquietações e vivências aqui apresentadas possamos construir paralelos de um antes e depois, assim refletir, quais os impactos o ensino remoto acarretará para a educação?

Mesmo que o foco aqui é falar da prática textual escrita, creio que qualquer professor independentemente do conteúdo e nível de ensino que trabalhou no momento ERE, se sentirá representado, por isso que o elemento central são as percepções docentes, logo são elas que nos deram o corpus do estudo.

Um estudo se fundamenta a partir de conceitos, teorias e referências, mas o que faz toda essa engrenagem girar é contribuição que se forma mediante às considerações que cada sujeito participante oferta na busca pelos dados e aqui não é diferente, sendo que cada professor abordado deixou seu olhar perante a prática do escrever no período pandêmico.

Falar sobre a escrita é ressaltar o poder que a linguagem possui, uma vez que ela foi usada de todas as formas no período pandêmico interligando os sujeitos nos processos comunicativos que foram construídos dentro dos ambientes virtuais.

Como nos fala Terra (2021), a internet possibilitou que gêneros textuais que existiam antes dela se metamorfoseassem, adquirindo novas funções e passando a ser utilizados em larga escala, portando quando fazemos esse entrelace entre a escrita e o ERE evidenciamos o quanto o ato de escrever pode ser plural.

Pluralidade que foi vista constantemente em qualquer prática promovida dentro da sala de aula virtual, porém não podemos esquecer que muitas atividades que poderiam promover a

escrita foram de certa forma boicotadas pela falta de participação dos alunos nas aulas, pela falta de conexão e despreparos de todos em entender o que era essa nova forma de espaço.

A sala de aula virtual era um ambiente novo e nos seus primórdios trouxeram estranhezas, mas o fator principal da dificuldade de entender sala de aula virtual como um lugar de aprendizado era a falta de maturidades dos alunos, pois muitos até poderiam ter um conhecimento digital, saber lidar com as ferramentas, porém o que os professores perceberam e que eles não viam a tecnologia como elementos para a construção da aprendizagem.

Assim, ao mesmo tempo que os professores aprendiam a manusear as ferramentas digitais, em conjunto eles tinham que trabalhar a conscientização de seus alunos demonstrando que o mundo virtual é um lugar de conhecimento.

O ciberespaço é um local de múltiplas linguagens e conseqüentemente a escrita está inserida neste prisma, pois ela é o que sai das teclas de um computador possibilitando interação, contudo ainda se percebe uma relação dicotômica entre a linguagem escrita e a linguagem da internet.

Por mais que estamos num mundo cada vez mais tecnológico, levar práticas do mundo real para o meio virtual de certo modo ocasiona estranhezas, pois a rapidez que em a informação está, acaba deixando o uso de elementos cotidianos ultrapassados.

Nesse prisma, o ensino da escrita em ambientes virtuais é um exercício diferente da escrita nos seus moldes cotidianos, assim o professor teve que nesse momento enfatizar o uso da adequação da linguagem de acordo ao ambiente em que cada indivíduo está inserido.

Conjecturando que conforme nos enfatiza Almeida (2018), o texto produzido no ambiente virtual é complexo, uma vez que não se constitui como um modelo ideal de fala ou de escrita, logo ele se incorpora de acordo com as vivências propostas em cada discurso formado entre os sujeitos.

No presente estudo na construção dos diálogos propostos através das percepções dos professores participantes procurou-se evidenciar o quão vasto foi o poder docente neste período anômalo da educação, logo cada fala nos remete essa amplitude que é a linguagem, portanto a construção da escrita foi apresentada através das diversas multimodalidades possíveis conforme espaço em que cada um se encontrava.

Constatar que não houve prática textual escrita é um exercício que talvez seja individual de cada professor e como podemos inferir em cada fala entrelaçada na construção desse estudo em consonância com as percepções docentes é percebido que mesmo com toda a dificuldade

existente, o contato com o escrever foi apresentado, contudo as condições adversas do ERE e falta de estrutura pode de certo modo atrapalhar o processo.

Portanto, o estudo que se tornou esta dissertação de Mestrado tem o objetivo de contribuir para as práticas de ensino de Língua Portuguesa que ocorreram no momento pandêmico acerca das percepções, sensações e vivências dos professores, a fim deixar para os futuros pesquisadores um panorama do que foi esse período para a educação e como o contato com a escrita foi mantido, mesmo que subjetivamente pelos professores no período em o ERE foi utilizado.

Saliento que este estudo não se finaliza por aqui, pois as percepções apresentadas foram somente uma linha desse novelo e a partir de todas as inquietações abordadas pelos professores sobre as dificuldades de inserir a tecnologia na prática escrita em sala aula, possa nos nortear novos estudos, assim enriquecer cada vez mais as pesquisas voltadas para o campo da linguística aplicada.

Logo, perante as percepções aqui elencadas novas inquietações surgiram, assim podendo ser fios condutores para novos estudos que norteiam tanto a prática do escrever, quanto a relação dos impactos que o ERE trouxe para a educação e até que ponto este sistema de ensino impactou no retorno presencial. Será que professores e alunos viram esse retorno para a sala de aula presencial no pós-pandemia de maneira diferente? Será que a relação com a tecnologia mudou? Até que ponto podemos mensurar os impactos que as mídias digitais trouxeram para a compreensão da linguagem escrita?

Escrever move o mundo, a pesquisa move a inquietação e juntos nos fornecem a construção do entendimento para compartilharmos com o mundo, compartilhar este que será proposto por novas pesquisas a partir das percepções e questionamento aqui transmitidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, A. **A comunicação na era da tecnologia digital: a escrita no ciberespaço**. fólio - Revista de Letras, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3627>. Acesso em: jan. 2024.

ALVES, Leonardo Meireles. **Gamificação na educação: aplicando metodologias de jogos no ambiente educacional**. Joinvile: Clube dos Autores, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética – A teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini e alli. São Paulo: Hucitec / USPEP, 1988.

BANNELL, R.; DUARTE, R.; CARVALHO, M. C.; PISCHETOLA, M.; MARAFON, G.; CAMPOS, G. H. B. de. **Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.

BARBIERI, Stela. **Territórios em transformação**. São Paulo: Editora Jujuba, 2022.

BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Jornal da Universidade (UFRGS). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> Acesso em: jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: mar. 2023.

BOLTER, J. D. **Writing space: the computer, hypertext, and the history of writing**. HILLSDALE, N. J.: L. Erlbaum, 1991.

BRASILa. Ministério da Educação. Parecer Conselho Nacional de Educação /Conselho Pleno nº 05/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ SEB, 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: Secretaria da Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

BUZATO, M. E. K. **Letramentos digitais e formação de professores**. São Paulo: CENPEC, 2006.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CEREJA, William Roberto. **O ensino de literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura – São Paulo: Atual, 2005.

COSTA, Rosimeri Claudiano da; SILVA, Renato da & VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. A Evolução e revolução da Escrita: um estudo comparativo. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVII, Nº 11. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2013.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). **Multiliteracies**: Literacy Learning and the Design of Social Futures. Routledge: Psychology Press, 2000.

CHARLOT, B. A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.7-18, jan. /abr. 2006.

CHARTIER, R. **Os Desafios da Escrita** / Roger Chartier; Tradução de Fulvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DA SILVA GARCIA, Daniela Cristina; THESSING, Aline Francieli; DE LIMA, Phelippe Rave Soares. A produção textual escrita e correção de textos em tempos de pandemia: é sobre o uso das tecnologias ou sobre possibilidades de promoção de uma formação humana integral? **Revista Letras Raras**, v. 10, n. 2, p. 12-23/Eng. 12-23, 2021. Acesso em: abr. 2023.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Paris: Flammarion, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/23/evasao--escolar-dispara-durante-a-pandemia-e-cerca-de-670-mil-alunos-ficam-sem--estudar-em-sp-aponta-relatorio.ghtm>
Acesso em: out. 2023.

FERREIRA, Andreia de Assis. **O Computador no Processo de Ensino Aprendizagem: da resistência a sedução**. Trabalho & Educação, v.17, nº 2, maio/ ago. 2008. Disponível em: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/330/299>. Acesso em: jan. 2024.

FISHER, Steven R. **História da escrita: Tradução Mirna Pinsky**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GAROFALO, Débora. **Educação 4.0: o que devemos esperar**. 07 de março de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9717/educacao-40-o-que-devemos-esperar>. Acesso em: abr. 2023.

GATTI, B. A. **Os agentes escolares e o computador no ensino**. Revista de Educação e Informática, São Paulo, v. 4, p. 22-27, dez. 1993. Edição Especial.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

HABERMAS, J. **Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer**. Porto Alegre: LP&M, 1987.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Cultura Digital**. In: MILL, Daniel. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas, SP: Papyrus, 2018. p. 139-144.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**, 2002. <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Porto Alegre, RS, UFRGS, v. 22, n. 1, p. 33-55, 1997. Acesso em: jul. de 2023.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.

McLAUGHLIN, M & VOGT, M. E. **Portfolios in Teacher Education**. Newark: International Reading Association, 1996.

MEIRELLES, Cecília. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

MERLEAU-PONTY, M. **Merleau-Ponty na Sorbonne/Resumo de Cursos / Filosofia e Linguagem**. Campinas: Papyrus, 1990.

MINOZZO, Luís César; CUNHA, Gladis Franck da; SPINDOLA, Marilda Machado. **A importância da capacitação para o uso de tecnologias da informação na prática pedagógica de professores de ciências.** Revista Interdisciplinar da Ciência Aplicada, [S. l.], v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/ricaucs/article/view/4306>. Acesso em: jan. 2024.

MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI.** Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva: processo constitutivo de múltiplas faces.** Ciência & Educação, São Paulo, v.12, n.1, p. 117-128, abr. 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces.** Ciência & Educação (Bauru), v. 12, p. 117-128, 2006.

MORAES, Maria Cândida. **Informática educativa no Brasil: uma história vivida, algumas lições aprendidas.** Revista brasileira de Informática na educação, v. 1, n. 1, p. 19-44, 1997.

MORALES, A. G. S., REYES, V. M., Palacios, L. del C. V., ALVA, C. E. M. SALAZAR, T. del R. M., & Bustillos, J. K. L. (2020) **Representações sociais de professores primários em relação ao processo de ensino e aprendizagem de leitura e escrita.** Research, Society and Development. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/2921>. Acesso em: jan. 2024.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia (Natal),** v. 13, p. 141-148, 2008.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos.** 12ª Edição, Pontes Editoras, Campinas – São Paulo, 2015.

PAI ALFA. **A evolução da comunicação para liderança,** c2020. Página inicial. Disponível em <https://paialfa.com.br/evolucao-comunicacao-para-lideranca/> .Acesso em: mar. 2023.

PALÚ, Janete, Jenerton Arlan Schütz, Leandro Mayer, **Desafios da educação em tempos de pandemia** / organizadores: - Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital**: Dicionário das formas e das práticas: Campinas: Pontes, 2021.

PAZ, Octávio. **Miscelânea I. Primeros Escritos**. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

PEDRÓ, F. **A tecnologia e a transformação da educação**. Documento básico. Tradução: Maria Alicia Manzone Rossi. Fundação Santillana. 2016.

PERISSÉ, Gabriel. **Palavras e origens**: Considerações etimológicas. 2ª ed. rev., ampl. e atualizada – São Paulo: Saraiva, 2010.

RAMAL, A.C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAUPP, Eliane Santos. Ensino de Língua Portuguesa: uma perspectiva linguística. **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 13, n. 2, 2005. p. 49-58.

SAVIANI, D. **Marxismo, educação e pedagogia**. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. (org). Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2012b. p. 59-85.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**: educação, comunicação, mídia clássica. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2012.

TERRA, Ernani. **Leitura e escrita na era digital**. <https://www.ernaniterracom.br/leitura-e-escrita-na-era-digital/> Acesso em: mar. 2023.

TERRA, Márcia Regina. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. **Delta**: documentação de estudos em linguística teórica e aplicada, v. 29, p. 29-58, 2013.

VALENTE, José Armando, et al. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Unicamp/NIED, 1999, 6. Disponível em: http://penta3.ufrgs.br/MEC-CicloAvan/integracao_midias/textos/1pref.pdf. Acesso em: jan. 2024.

VYGOTSKY, LURIA & LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

XAVIER, Heriberto Francisco. **O trabalho com gêneros textuais no ensino remoto em tempos pandêmicos: desafios e possibilidades reais em aulas virtuais**. Colóquio sobre Gêneros & Textos, 24 a 28 de agosto de 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, – Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG
Telefone (34) 3700-6803 – E-mail: cep@uftm.edu.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar da pesquisa: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE PANDEMIA DE COVID-19 (2020/2021). O objetivo da pesquisa é analisar como se deu o ensino da escrita durante o período da pandemia do COVID-19 nas aulas de Língua Portuguesa destacando quais métodos foram utilizados pelos professores para a construção do ensino-aprendizagem. Sua participação é importante, pois o presente projeto pretende estudar e pesquisar acerca da prática da escrita no período pandêmico nas aulas de língua portuguesa no olhar do professor o principal mediador desta prática no cotidiano escolar. Caso você aceite participar desta pesquisa será aplicada uma entrevista semiestruturada em que a mesma será gravada em formato de áudio seguindo todos os protocolos de segurança necessários promovendo a confidencialidade do participante.

Os riscos desta pesquisa são as exposições de ideias e percepções em relação ao ensino da escrita durante as aulas de língua portuguesa no período pandêmico, para minimizar os riscos serão tomadas as seguintes providências: sua identidade será mantida em sigilo e cada participante será identificado por códigos.

Espera-se que de sua participação na pesquisa agregue informações que contribuam de forma efetiva para a presente pesquisa através da coleta de dados que será proposta no questionário e assim inferir suas compreensões sobre o período de ensino remoto; assim como contabilizar sua experiência enquanto professor de língua portuguesa e como você vê o ensino da escrita.

Você poderá obter quaisquer informações relacionadas a sua participação nesta pesquisa, a qualquer momento que desejar, por meio dos pesquisadores do estudo. Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro. Você não terá nenhum gasto por participar nesse estudo, pois qualquer gasto que você tenha por causa dessa pesquisa lhe será ressarcido. Você poderá não participar do estudo, ou se retirar a qualquer momento, sem que haja qualquer constrangimento junto aos pesquisadores, ou prejuízo quanto as atividades propostas pelo projeto que é a resolução do questionário de coletas de dados, bastando você dizer ao pesquisador que lhe entregou este documento. Você não será identificado neste estudo, pois a sua identidade será de conhecimento apenas dos pesquisadores da pesquisa, sendo garantido o seu sigilo e privacidade. Você tem direito a requerer indenização diante de eventuais danos que você sofra em decorrência dessa pesquisa.

Este documento deverá ser emitido em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador.

Rubrica do participante	Data	Rubrica do pesquisador	Data

Contato dos pesquisadores:

Pesquisador (es):

Nome: Rafael Signato de Melo.

E-mail:

Telefone:

Endereço:

Nome: Prof. Dr. Acir Mário Karwoski.

E-mail:

Telefone:

Endereço:

Em caso de dúvida em relação a esse documento, favor entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, pelo telefone (34) 3700-6803, ou no endereço Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG – de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados criados para defender os interesses dos participantes de pesquisas, quanto a sua integridade e dignidade, e contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Eu, _____, li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o serviço que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Concordo em participar do estudo, “PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE PANDEMIA DE COVID-19 (2020/2021)”, e receberei uma via assinada deste documento.

Este documento deverá ser emitido em duas vias, uma para o participante e outra para o pesquisador.

Rubrica do participante	Data	Rubrica do pesquisador	Data

Uberaba,//.....

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador responsável

Assinatura do pesquisador assistente

Telefone de contato dos pesquisadores:

APÊNDICE B: TERMO DE COPARTICIPAÇÃO



Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
Av. Getúlio Guaritá, 159, Casa das Comissões, – Bairro Abadia – CEP: 38025-440 – Uberaba-MG
Telefone (34) 3700-6803 – E-mail: cep@uftm.edu.br

DECLARAÇÃO DE COPARTICIPAÇÃO EM PESQUISA:

1. Declara-se para os devidos fins, que a instituição Escola Estadual Francisco Cândido Xavier, situada na Rua Francisco Chagas Assis, nº 25 – Bairro Residencial Cândida Borges – CEP: 38051-546, Uberaba / MG registrada sob o CNPJ nº: 14.152.019/0001-68, na figura do responsável Dimas Rosa de Andrade, vice-diretor do turno noturno responsável pela instituição na presente data consente em participar como instituição coparticipante da pesquisa Percepções de professores acerca do ensino da escrita na cultura digital em aulas de Língua Portuguesa durante a pandemia de COVID-19 (2020 / 2021) , sob responsabilidade de Rafael Signato de Melo, Mestrando em Educação com a orientação do Prof. Dr. Acir Mário Karwoski.

2. A Instituição autoriza que o pesquisador Rafael Signato de Melo adentrar nas dependências da instituição para realização de entrevistas, conversas e coleta de dados e observação com os professores de Língua Portuguesa no período de 17/10/2022 a 01/12/2023.

3. Como instituição coparticipante a Escola Estadual Francisco Cândido Xavier garante possuir infraestrutura para realização segura da pesquisa em suas dependências e que somente autorizará o início da pesquisa após os pesquisadores envolvidos na pesquisa apresentarem o parecer de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição Proponente – Universidade Federal do Triângulo Mineiro, comprovando que a pesquisa atende as exigências éticas contidas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

4. Finalmente, a Instituição Coparticipante autoriza a realização da pesquisa e a assunção da corresponsabilidade com as etapas que ocorrerem nesta.

Dimas Rosa de Andrade. [NECESSÁRIO CARIMBAR]

Vice-Diretor. Telefone para contato:

Prof. Dr. Acir Mário Karwoski. [NECESSÁRIO CARIMBAR]

Departamento de Linguística e Língua Portuguesa – DLLP / UFTM.

Telefone:

Rafael Signato de Melo. [NECESSÁRIO CARIMBAR]

Professor de Educação Básica – Mestrando em Educação.

Uberaba-MG, _____ de _____ de 2022.

APÊNDICE C: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM

Plataforma
Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES ACERCA DO ENSINO DA ESCRITA NA CULTURA DIGITAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2021)

Pesquisador: ACIR MÁRIO KARWOSKI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65206422.2.0000.5154

Instituição Proponente: Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.785.357

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO, de 12/11/22) e do Projeto Detalhado (BRUCURA_DA_PESQUISA_DETALHADO, de 12/11/22).

Segundo os pesquisadores:

Introdução: "É indiscutível a importância da escrita para a evolução das sociedades ao longo do tempo e para a construção da atualidade, sem deixarmos de invocar a história dos registros escritos (COSTA, 2013), por isso o ato de escrever ajuda na construção social, e o professor tem papel fundamental nessa jornada, e quando ele amplia sua prática pedagógica buscando fortalezas o aprender se torna amplo fazendo com que a sala de aula cresça enquanto ambiente da aprendizagem sendo remotamente ou presencialmente. Partindo dessa premissa, o presente trabalho pretende pesquisar como se deu o ensino da escrita nas aulas de língua portuguesa a partir das percepções de professores em uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Uberaba / MG durante a pandemia de COVID-19. A ampliação da prática pedagógica na formação de um professor é de suma importância, pois denota que ele está aprimorando-se e preparando-

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões
Bairro: Abadia **Município:** UBERABA **CEP:** 38.025-440
UF: MG **E-mail:** cep@uftm.edu.br
Telefone: (34)3700-6803



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 5.785.357

se cada vez mais para que a aprendizagem aconteça de forma plena, entretanto com o advento da pandemia notou-se que a grande maioria desses educadores não estavam preparados, principalmente os da escola pública, para sair da sala de aula e ir para a tela de um computador, pois o professor ao mesmo tempo que reaprendia a dar aula, teve que também se reformular dentro de sua concepção pedagógica para ser capaz de ministrar suas aulas e fazer com que seu aluno não perdesse o contato com ambiente escolar. A pandemia mexeu completamente com a escrita em sala de aula, e apresentou aos professores e alunos um mundo novo chamado cultura digital e seus múltiplos mecanismos, ou seja, de um quadro-negro, giz e livro o professor se viu entre plataformas, vídeos e mídias variadas para passar o conhecimento a seu aluno e essa nova realidade educacional do modelo remoto / híbrido trouxe inúmeros desafios no processo de ensino/aprendizagem, haja visto que, boa parte dos estudantes da educação básica já apresentavam dificuldades para ler e escrever mesmo antes da pandemia (Palú, 2020). A cultura digital não é algo tão novo assim, pois desde 2018 com a homologação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), os professores já estavam tomando ciência que as práticas de ensino seriam reformuladas; entretanto, eles não estavam preparados e nem capacitados para as modificações que estavam por vir, pois a BNCC prevê que o ensino de língua portuguesa busque relacionar os textos a seus contextos de produção desenvolvendo habilidades significativas que abranjam diversas linguagens em variadas mídias promovendo a diversidade cultural, entretanto o professor se viu em uma condição em que o método de ensinar a escrita agora seria reformulado, e como ele adequaria essa nova prática dentro da concepção da escrita no ambiente escolar mesclado agora as diversas formas de trabalha-la, pois compreende que os diferentes usos da linguagem (em suas diversas semioses, podemos acrescentar) efetuam-se na forma de enunciados concretos, únicos e proferidos por sujeitos participantes das interações sociais que ocorrem em determinados campos de atividades. Esses campos, ou esferas sociais, não apenas saturam e significam os enunciados de determinadas projeções ideológicas, valorativas e de sentidos como, em adição, os consubstanciam de determinadas condições de produção e finalidades discursivas, que se materializam no conteúdo temático, no estilo e na composição dos enunciados (Bakhtin, 2003). A tecnologia está presente em quase todos os momentos de nosso cotidiano, e a escola como parte integrante e formadora tem, por conseguinte acompanhar esse crescimento, por isso tornou-se fundamental ter professores preparados para lidar com essas ferramentas, então como o professor de língua portuguesa estão integrando esta prática na sua formação e construção, e como ele está inserindo este recurso no seu cotidiano formador para assim promover um ensino eficaz da escrita, e como

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 5.785.357

ele enquanto sujeito dessa prática corroborou para que a escrita permanecesse no âmbito escolar mesmo que remotamente, pois Pêcheux (2009), discute que há uma forma-sujeito, que tem como objetivo designar o indivíduo assujeitado pela ideologia, isto é, interpelam-se sujeitos de seu discurso por meio das formações discursivas, que estão associadas, na linguagem, às formações ideológicas correspondentes, assim através de entrevistas orais dialogara-se como foi o ensino e aprendizagem em relação ao atos escrever durante as aulas de língua portuguesa e quais ferramentas forma utilizadas como recursos didáticos metodológicos. Como será que foi para esse professor usar esse mundo digital como sala de aula, e como fazer dele um ambiente de ensino-aprendizagem, pois no mundo moderno os ambientes virtuais caracterizam um novo significado da presença do sujeito, abrindo espaço para sensações, experiências e possibilidades inéditas, e para novas formas de aprendizagem, (BANELL et al. 2016). Através da análise dialógica do discurso o trabalho terá como foco analisar a visão dos professores acerca do ensino da escrita através de suas percepções práticas cotidianas a fim de analisar através do círculo dialógico de Bakhtin como a prática linguística da escrita ocorreu no período pandêmico focando na interação do professor enquanto sujeito e assim analisar como ocorreu a prática docente em relação ao ato de escrever, pois dentro dessa vertente teórica, tem-se a noção de discurso como efeito de sentido entre interlocutores situados sócio-historicamente (Pêcheux,2009)."

Métodos a serem utilizados: "O método utilizado será de uma entrevista semiestruturada previamente elaborada pelo pesquisador e aplicada aos professores participantes com o intuito de fazer uma sondagem em relação às percepções deles acerca da escrita durante o período da pandemia nas aulas de língua portuguesa. Após coleta de dados das entrevistas será feita a compilação dos dados para posterior análise e discussão em articulação com o referencial teórico e metodológico adotado na pesquisa. Para análise dos dados será adotada a perspectiva da análise dialógica do discurso através do círculo de Bakhtin em consonância com os estudos do discurso."

Crítérios de inclusão dos participantes: "Cada participante da pesquisa será incluído de acordo com sua disponibilidade de horário e de maneira espontânea deseje participar da entrevista semiestruturada. A entrevista será gravada em aparelho portátil (celular) e em nenhum momento o participante será identificado."

Crítérios de exclusão dos participantes: "Se o professor / participante por algum motivo não desejar mais participar de forma espontânea será excluído da amostra do grupo assim que se

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões
Bairro: Abadia **CEP:** 38.025-440
UF: MG **Município:** UBERABA
Telefone: (34)3700-6803 **E-mail:** cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 5.785.357

manifestar. As gravações serão armazenadas em aparelho portátil sob a responsabilidade do pesquisador. Todos os participantes devem assinar o TCLE."

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os pesquisadores:

Objetivo geral: "Analisar a percepção dos professores participantes da pesquisa de como se deu o ensino da escrita durante o período da pandemia do COVID-19 nas aulas de língua portuguesa destacando quais métodos foram utilizados pelos professores para a construção do ensino-aprendizagem de língua portuguesa em especial da escrita."

Objetivos específicos: "Construir um panorama a partir das entrevistas de como foi o ensino da escrita nas aulas de língua portuguesa durante o período pandêmico. Sondar quais recursos foram utilizados pelos professores para trabalhar a prática de escrita durante o período de ensino remoto."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

"Não se espera nenhum risco para os professores participantes da pesquisa. Todos os procedimentos para a não identificação ou generalização do participante serão minimizados pelo pesquisador com a adoção de nomes fictícios ou números. O participante / professor poderá desistir por conta própria e a qualquer momento quando informar o pesquisador."

"Os benefícios são a contribuição dos dados gerados acerca das percepções e da análise tanto para o pesquisador quanto para os participantes visando promover a socialização do conhecimento sobre os aspectos que envolvem o ensino da escrita, em especial no foco durante a pandemia, deixando um arcabouço teórico para futuras pesquisas na área da linguística aplicada."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os pesquisadores propõem realizar um estudo em uma escola sobre a temática do ensino da escrita na cultura digital no período da pandemia. O estudo será realizado com 05 participantes

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 5.785.357

adultos.

Equipe de pesquisadores vinculada na Plataforma Brasil: Prof Dr Acir Mário Karwosk (Responsável Principal) e Rafael Signato de Melo (pesquisador assistente).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos de apresentação adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, o Colegiado do CEP-UFTM manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto, situação definida em reunião do dia 25/11/22.

O CEP-UFTM informa que de acordo com as orientações da CONEP, o pesquisador deve notificar na página da Plataforma Brasil, o início do projeto. A partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios parciais (semestrais), assim como também é obrigatória, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1987853.pdf	12/11/2022 15:28:13		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_esclarecido.docx	12/11/2022 09:15:04	RAFAEL SIGNATO DE MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	BROCHURA_DA_PESQUISA_DETALHADO.ADO.docx	12/11/2022 09:08:32	RAFAEL SIGNATO DE MELO	Aceito
Declaração de	Declaracao_Infraestrutura.pdf	12/11/2022	RAFAEL SIGNATO	Aceito

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TRIÂNGULO MINEIRO - UFTM



Continuação do Parecer: 5.785.357

Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Infraestrutura.pdf	08:33:37	DE MELO	Aceito
Folha de Rosto	CEP_RAFAEL_FOLHA_ROSTO_2022.pdf	20/08/2022 12:17:01	RAFAEL SIGNATO DE MELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERABA, 30 de Novembro de 2022

Assinado por:

Alessandra Cavalcanti de Albuquerque e Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Getúlio Guaritá, nº 159, Casa das Comissões

Bairro: Abadia

CEP: 38.025-440

UF: MG

Município: UBERABA

Telefone: (34)3700-6803

E-mail: cep@uftm.edu.br